

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Paisagens em transformação: da técnica à percepção.
Estudo sobre o avanço da lavoura de grãos nos municípios de São Francisco de Assis
e Manoel Viana.**

RICARDO HIROYUKI OKIDO

ORIENTADOR: PROF. DR. ROBERTO VERDUM

PORTO ALEGRE, SETEMBRO DE 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Paisagens em transformação: da técnica à percepção.
Estudo sobre o avanço da lavoura de grãos nos municípios de São Francisco de Assis
e Manoel Viana.

RICARDO HIROYUKI OKIDO

ORIENTADOR: PROF. DR. ROBERTO VERDUM

Banca examinadora:

Prof. Dr. Nelson Rego (PPG em Geografia - UFRGS)

Prof. Dr^a. Lucimar de Fátima dos Santos Vieira (PPG em Geografia – UFRGS)

Prof. Dr^a. Rumi Regina Kubo (PGDR – UFRGS)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Geografia,
como requisito para obtenção do Título de
Mestre em Geografia.

PORTO ALEGRE, SETEMBRO DE 2016

CIP - Catalogação na Publicação

Okido, Ricardo Hiroyuki

Paisagens em transformação: da técnica à percepção. Estudo sobre o avanço da lavoura de grãos nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana. / Ricardo Hiroyuki Okido. -- 2016.

162 f.

Orientador: Roberto Verdum.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Paisagem. 2. Lavoura de grãos. 3. Percepção. 4. Ambiências . 5. Pampa. I. Verdum, Roberto, orient.

II. Título.

AGRADECIMENTOS

Iniciar um trabalho desafiador ao retornar para a universidade representou um grande marco em minha vida, portanto, não estará escrito aqui um simples agradecimento, mas um verdadeiro gozo de afeto e carinho às pessoas por essa trajetória percorrida. Relembrar esse caminho, que durou quase três anos, me fez perceber o quanto considero importante: as trocas, os carinhos, os debates, os embates, as discussões, as desavenças, as alegrias, as tristezas compartilhadas nesses encontros que me fui agraciado. Então, aos que foram lembrados e, também, aos que não foram lembrados aqui apenas:

Inicialmente, o agradecimento é para um grande amigo, professor e mestre: pela dedicação e paciência nas conversas de trabalho, pelo carinho e companheirismo nas conversas de diversão, pela crença e confiança dada para esse trabalho e para todos os outros que realizamos juntos! Obrigado, Roberto Verdum! Por dividir a sabedoria e o conhecimento da vida e da Geografia, ao longo de quase uma década de vivências. Espero que venham mais viagens e trocas geográficas pela frente!

Aos familiares que, nessa rápida jornada de dissertação, se dividiam entre expectativas e paciências! À minha mãe Kazue, que, com muito amor, sempre manteve a tranquilidade de me dar apoio e confiança no trabalho. Ao meu pai Yuji, que apoiava meus trabalhos de modo peculiar: ousando me desafiar pelos caminhos que escolhia. Ao meu irmão e minha irmã, Yukio e Hiromi, que só pelo fato de existirem me despertam infinitudes de sentimentos.

À escola UFRGS da Geografia, são inúmeras as pessoas nesse grupo. São pessoas que fizeram da minha vida um mundo melhor e fizeram de mim um indivíduo melhor! Entre saídas de campos e aulas, entre graduação e pós-graduação, sempre apoiavam quando necessário e criticavam quando convinha! Meu amor e carinho por tod@s essas pessoas apenas cresceu nos últimos anos. Grandes amigades os quais levarei para vida! Mas, em particular, aqueles que estiveram bastante presente na construção desse trabalho:

- Jean, Carmem, Aline, Max, pelas convivências cotidianas no laboratório e pelas saídas de campo! Theo, pelos anos de conversas acadêmicas e auxílios nos momentos de

dificuldades na escrita! Alice, pelas vivências e por ajudar nas fotografias que foram utilizadas para essa dissertação!

Que sempre estejamos juntos pelas ruas de cada Encontro da Geografia no Brasil e no mundo!

Um agradecimento especial aos amig@s que conheço da vida! Sem as conversas rotineiras com essas pessoas, a vida seria um tédio! Obrigado pelo apoio e pelas conversas do cotidiano: Rafael, Marco, Leo, Mari, Dani, Débora. É um prazer conhece-los!

Também, um especial agradecimento ao pessoal da banda La Digna Rabia, que é um projeto extremamente prazeroso de fazer parte e que, involuntariamente, me fez ter muito mais prazer de escrever este trabalho! Marcelo, Igor, Rafa, Tharcus, Gabe, Pietro, Tavinho, Douglas, Ana, meu muito obrigado pelo apoio (e pela pressão)! Baile Calaveraa!!

E, por fim, um agradecimento à Capes pela bolsa de pesquisa que me foi oferecido. Serviu de grande auxílio para a construção do trabalho. Também, à UFRGS pelo espaço oferecido, que sempre possamos utilizar destas estruturas para continuar desenvolvendo o conhecimento.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado analisa as evidências de transformações sobre o uso do solo na região sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente na rodovia RSC-377 que conecta os municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana, a partir da categoria de análise da paisagem. Buscou-se compreender o aumento expressivo de áreas destinadas a lavoura de grãos em detrimento às da pecuária. Para o caminho metodológico foi realizado o levantamento histórico sobre a inserção da lavoura de grãos nos municípios, a partir de dados secundários, e entrevistas diretas com proprietários do trecho da RSC-377. As entrevistas buscavam identificar as percepções na paisagem sobre o avanço da lavoura e os consequentes efeitos desse processo no Pampa. As entrevistas foram realizadas mediante um questionário e buscavam elementos de marca e matriz, além da geração de ambiências com os produtores para conceber as novas intencionalidades existentes sobre esse tipo de produção. Concebe-se em trabalhos anteriores que o aumento das áreas de lavoura de grãos, especialmente da soja, é resultado da migração de produtores oriundos de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul na região da Campanha, além também da aplicação do sistema de plantio direto. Os resultados foram obtidos através da percepção e das ambiências sobre a paisagem transformada. Constatou-se a necessidade de retomar a paisagem como conceito-chave para leituras do espaço geográfico, assim como na elaboração de documentos que visem aprimorar melhoramentos no modo como exploramos os recursos disponíveis no espaço. Superando a barreira de conceber a paisagem apenas como a forma que é visível.

Palavras-chaves: Paisagem, Lavouras de grãos, Percepção, Ambiências, Pampa

ABSTRACT

This research analyzes the evidence of the changes about the use of the soil in the southwestern region of the Rio Grande do Sul state, specifically in RSC-377 highway that connects the cities of São Francisco de Assis and Manoel Viana, from the analysis category of landscape. It sought to understand the significant increase of areas for grain crops to the detriment of livestock. For the methodological approach was performed historical survey on the inclusion of grain crops in the municipalities, based on secondary data, and direct interviews with the owners of the stretch of RSC-377. The interviews sought to identify the perceptions in the landscape about the progress of agriculture and the resulting effects of this process in Pampa. The interviews were conducted through a questionnaire and sought elements of “marca” and “matriz”, besides the “geração de ambiências” with the producers to conceive the new intentions that exist about this type of production. It is conceived in previous studies that the increase of grain crop areas, especially soy, is a result of migration of producers from other regions of Rio Grande do Sul state in Campaign region, and also the application of no-tillage system. The results were obtained through the perception and the “ambiências” of the transformed landscape. It was found the need to resume the landscape as a key concept to perusal the geographical space, as well as on documents aiming to improve improvements in the way we explore the available resources in space. Overcoming the barrier of conceive the landscape only as the shape that is visible.

Keywords: Landscape, Grain Crops, Perception, Ambiências, Pampa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pôster exposto no Dia do Bioma Pampa, no dia 17 de dezembro de 2015 na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.	43
Figura 2: Pôster 2 (parte 1) exposto no Dia do Bioma Pampa, no dia 17 de dezembro de 2015 na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS	44
Figura 3: Pôster 2 (parte 2) exposto no Dia do Bioma Pampa, no dia 17 de dezembro de 2015 na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS	44
Figura 4: Diferentes elementos que compõem a unidade de paisagem na rodovia RSC-377 (em São Francisco de Assis).....	83
Figura 5: Elementos que demonstram a prática da lavoura: colheitadeiras de soja estacionada.....	89
Figura 6: Da rodovia RSC-377, é notável a presença de grandes silos de armazenamento de grãos de soja.	90
Figura 7: Sites de pesquisas indicam imagens que representam o "Pampa gaúcho"..	93
Figura 8: Fotografia da porteira da fazenda "Tarimbas", propriedade com entrada localizada na RSC-377.	95
Figura 9: Propriedade "Pequeno Paraíso" apresenta estrutura mais rústica e simples, de madeira.	96
Figura 10: Entrada próxima a margem da rodovia RSC-377 de uma propriedade	97
Figura 11: Porteira da Micro Agropecuária Nossa Senhora Aparecida, localizada na RSC-377.	98
Figura 12: Duas atividades econômicas exercidas na paisagem do Pampa.	99
Figura 13: Elementos destacados pela Corália Medeiros como paisagem de referência..	103
Figura 14: Paisagem marca de Luiz Gindre.	108
Figura 15: Paisagens de referência de Antonio Gioda.	112
Figura 16: Paisagem vista a partir da entrada da casa na propriedade de Antonio Carlos Gioda.	113
Figura 17: Cerro do Batovi é a referência de paisagem para Carlos.	118
Figura 18: Destaca-se a paisagem de referência de Ivan Agostini e Marcia Antoniazzi: lavoura de soja e o colorido florido das coxilhas.	124
Figura 19: sistema de pivô central para a irrigação na propriedade dos Antoniazzi.	127
Figura 20: A foto acima retrata uma ravina.....	128
Figura 21: Paisagens de referência para Carlos.....	132

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Índice de área plantada de soja (em hectares) no município de Manoel Viana (RS), entre os anos 1990 e 2012.	79
Gráfico 2: Índice de área plantada de soja (em hectares) no município de São Francisco de Assis (RS), entre os anos 1990 e 2012.	80
Gráfico 3: Produção agrícola (lavouras temporárias). Entre 1990 e 2014. São Francisco de Assis.	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares). Manoel Viana, 1995.....	84
Tabela 2: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares). Manoel Viana, 2006.....	85
Tabela 3: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares). São Francisco de Assis, 1995.	86
Tabela 4: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares). São Francisco de Assis, 2006.	86
Tabela 5: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras. São Francisco de Assis, 1995.....	87
Tabela 6: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras. São Francisco de Assis, 1995.....	88
Tabela 7: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras. Manoel Viana, 1995.	88
Tabela 8: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras. Manoel Viana, 2006.	88
Tabela 9 - Quadro resumo: Corália Maria Oliveira Medeiros	106
Tabela 10: Quadro resumo: Luiz Fidelis Gindre	110
Tabela 11: Quadro resumo: Antonio Carlos Gioda	116
Tabela 12: Quadro resumo: Carlos Heitor Zadra	122
Tabela 13: Quadro resumo: Marcia Antoniazzi Agostini.....	131
Tabela 14: Quadro resumo: Ivan Agostini	131
Tabela 15: Quadro resumo: Carlos Alberto Silveira	136

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS GERAIS	16
3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
4	JUSTIFICATIVAS.....	19
5	LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	22
6	A BUSCA TEÓRICA: AFINAL, POR QUE A PAISAGEM?	26
6.1	Paisagens como instrumento de pesquisa.	26
6.2	Paisagens em transformação: resgates conceituais	28
6.3	Paisagens percebidas e além da estética?	30
6.4	Paisagens de referência: as marcas e as matrizes.....	36
6.5	Sobre representação e imagem:	39
6.6	Paisagem como herança?	45
7	DIÁLOGO DE CONCEITOS: DAS PERCEPÇÕES ÀS AMBIÊNCIAS.....	48
7.1	Conceber a holística da paisagem percebida	50
7.2	Geração de Ambiências	51
7.3	“Fragilidade” da paisagem.....	56
8	PAISAGENS DO PAMPA: CAMINHOS METODOLÓGICOS.	60
8.1	Paisagem do Pampa – referências:.....	62
8.2	O questionário e as entrevistas: contribuição na leitura da paisagem.....	62
8.3	Fotografias: ferramenta de leitura da paisagem.	66
8.4	Roteiro de análise: identificando os signos, sinais e significados na dialógica da paisagem.	67
9	PAISAGEM & ECONOMIA:.....	71
9.1	Política Macroeconômica.....	71
9.2	Produção econômica no Rio Grande do Sul: contexto histórico de transformações socioeconômicas e da paisagem.....	73
9.2.1	Manoel Viana	78
9.2.2	São Francisco de Assis	79
9.3	A produtividade da pecuária e da lavoura temporária (soja)	84
9.3.1	Manoel Viana	84
9.3.2	São Francisco de Assis	85

9.4	Proprietários ou Arrendatários:.....	87
10	PERCEBENDO A PAISAGEM.....	91
10.1	Debates, concepções e visibilidade sobre a mudança da paisagem do Pampa	91
10.2	Respostas aos questionários.....	100
10.2.1	CORALIA MARIA OLIVEIRA MEDEIROS.....	103
10.2.2	LUIZ FIDELIS GINDRE	107
10.2.3	ANTONIO CARLOS GIODA	111
10.2.4	CARLOS HEITOR ZADRA OLIVEIRA	117
10.2.5	MARCIA ANTONIAZZI AGOSTINI & IVAN AGOSTINI.....	123
10.2.6	CARLOS ALBERTO SILVEIRA.....	132
11	CONCLUSÃO.....	137
12	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
13	APENDICE	146

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação consiste em uma análise sobre as evidências de transformações da paisagem, decorrentes do uso do solo, na região sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana. “Perceber e conceber a paisagem” já afirmava Verдум (2012) na trajetória dos seus estudos deste conceito geográfico tão pertinente. A paisagem é um conceito versátil¹ e que possui importância em diversas áreas do conhecimento: desde a arte à ciência. Evidentemente, por conta desse potencial analítico, não deve ser um conceito abstraído dos estudos da Geografia.

A paisagem é um termo já secular e possui uma versatilidade conceitual de diversas áreas do conhecimento, o que permite a construção de diferentes “leituras de mundo” onde: ora possibilita diferentes compreensões dos sistemas que compõem e dinamizam o espaço geográfico, ora permite interpretações sócio-espaciais: onde as percepções do pesquisador em conjunto com a da sociedade analisada podem revelar importantes informações sobre um território. Desse modo, torna-se um desafio estudar conceitualmente a paisagem, visto a complexidade epistemológica que existe por trás do próprio conceito.

Sabendo que o conceito aprofunda uma leitura imagética sobre o espaço geográfico em diferentes escalas, é importante que a construção de ideias, percepções, “leituras de mundo” possam ser despertadas pela leitura das representações sociais presentes nas materialidades que compõem a paisagem. Logo, o presente estudo busca na relação entre a compreensão das formas, materializadas e identificadas no campo visível, com os condicionantes de percepção, dada pelas ambiências do meio em que estão inseridos os entrevistados, o entendimento sobre as práticas de uso do solo. Desse modo, identifica-se as representações culturais dos elementos que abarcam a paisagem escolhida, assim podendo revelar os motivos para que estejam ocorrendo as mudanças nela.

A ambiência, conceito trabalhado por Rego (1999), foi escolhido para poder construir uma relação entre as sensibilidades perceptivas com a paisagem em questão. Essa construção

¹ Concebemos como “versátil” (inconstante, volúvel), conforme Verдум (2012) afirma: “Apesar da ideia de paisagem estar presente desde a Antiguidade, principalmente na pintura e na arte, a incorporação deste conceito nos estudos acadêmicos é uma criação da modernidade. Sendo assim, a paisagem ainda é um termo pouco usado e impreciso e, por isto mesmo, cômodo, que cada um utiliza a seu *bel* prazer, anexando um qualitativo que altera seu sentido. (Rougerie e Beroutchachvili, 1991; Bolós, 1992; Roger, 1995).” (p.15).

não remete apenas ao pesquisador, os diferentes "olhares" relatados pelas ambiências dos entrevistados - leigos e/ou acadêmicos - sobre as transformações do meio em que estão inseridos são capazes de (des)construir as leituras da paisagem. As transformações do espaço geográfico são resultados temporais das ações de uma sociedade, ou seja, não é apenas a partir de olhares técnicos profissionalizados que as modificações acontecem. As intervenções sobre o espaço geográfico são de capacidade de qualquer indivíduo, independente da sua construção ideológica e econômica, e principalmente daqueles que possuem uma intrínseca relação com as paisagens que serão analisadas.

Portanto, para fins desta pesquisa, foi selecionado um recorte espacial dos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana, ambos do Rio Grande do Sul (BR). As transformações da paisagem e suas dinâmicas são analisadas pela estrada RS-377, pois esta área demonstra claras mudanças em sua paisagem, abrindo novas perspectivas sobre a compreensão das dinâmicas produtivas na região. Há nesta região a presença cada vez maior do plantio de lavouras temporárias de grãos, principalmente na cultura agrícola do norte/nordeste do Estado. Essa expansão desta lógica produtiva na região sudoeste do Estado ocorre desde a década de 1970, conforme destacam estudos como os de Verdum (2004) e de Pizzatto (2013).

Para isso, o trabalho se divide no primeiro momento, na construção teórico-metodológica do conceito da paisagem do bioma Pampa e na identificação dos elementos que contrastam nesta paisagem, a partir do aspecto visível. Com isso, constatar se as transformações de uso do solo - neste caso, a região é reconhecida pela prática da pecuária - estão sendo influenciadas pelas relações econômicas estruturais em que o país se insere. O capítulo 6 aborda o conceito de paisagem de alguns autores para a Geografia, o refinamento para a leitura da paisagem do bioma Pampa e o contexto para delimitar os contrastes das transformações visivelmente ocorrentes. No capítulo 7, para fins metodológicos, é abordada a relação entre as ambiências e as percepções, ferramentas necessárias para captar as intencionalidades dos produtores entrevistados sobre o processo produtivo de suas propriedades. No capítulo 9, trata-se a questão econômica que está se modificando e influenciando no modo produtivo da região. Cabe destacar as mudanças de perspectivas para o uso das terras, isto é, a divisão das propriedades acompanha - e muitas vezes, justificam - a mudança das lógicas produtivas na região.

No segundo momento, é construído, a partir das entrevistas e dos questionários aplicados nos proprietários, o entendimento desses processos produtivos. A escolha das propriedades localizadas entre a estrada RSC-377 (que conecta São Francisco de Assis e Manoel Viana) e o rio Ibicuí, serve para estabelecer territorialmente as paisagens em transformação. Consiste nessa parte o capítulo 8, onde se aborda a escolha do método de questionários e na construção de respostas, dadas pelos proprietários, que compreendam a paisagem pelas percepções e ambiências dos mesmos. Busca-se uma leitura analítica sobre contradições entre as transformações da paisagem do bioma Pampa, levando-se em consideração as práticas dos produtores da área de análise e as perspectivas sobre o uso da terra nos municípios analisados, pois concomitante a isso existem possíveis ações políticas sobre o bioma Pampa, advindas de importantes instituições de pesquisas, que estudam a necessidade de sua preservação. Esta análise consta no capítulo 10, com o fechamento do trabalho.

Embora o trabalho abarque sobre a produção da lavoura temporária destaca-se dentre as diferentes produções a da soja, pelo fato da importância geohistórica que ela possui. Essa produção estabelece uma regra econômica imbricada a toda uma lógica produtiva no campo, fortalecida principalmente desde a década de 1970 no Rio Grande do Sul, devido a reestruturação produtiva brasileira estar ligada à necessidade de vincular sua estrutura econômica ao mercado global.

Estas evidentes transformações das relações socioeconômicas estão presentes nesses municípios e na paisagem, alterando algumas dinâmicas ecológicas da região - neste caso inseridos no bioma Pampa. Conseqüentemente, devido a reconhecida fragilidade do ecossistema se fortalece o interesse preservacionista sobre o bioma Pampa, faz-se necessário estudos que compreendam a dinâmica espacial desta região, afim de buscar uma contribuição com informações que fortaleçam a discussão sobre como os modos produtivos, a estrutura econômica, as ações políticas presentes na região, influenciam nas transformações.

Para auxiliar na compreensão do trabalho, apresentam-se as seguintes hipóteses norteadoras desta pesquisa:

- O avanço da soja nesta região é resultado da prática individual dos produtores em suas propriedades; são práticas incentivadas pela estrutura política e econômica o qual o campo desta região está inserido.

- O aumento do número de arrendatários na região conflui para uma homogeneização destas práticas de lavouras temporárias, principalmente da soja. O valor da terra é extremamente atrativo no mercado e mesmo a região possuindo características pedológicas pobres comparadas a outras regiões do Rio Grande do Sul não impede essa prática.
- As diferentes temporalidades dos produtores: estão se direcionando para a região produtores com práticas altamente tecnificadas, oriundos de outras lógicas produtivas. Com o passar do tempo, a prática da pecuária extensiva - modo antigo de produção, temporalidade lenta, pouco ligada às necessidades de um mercado macroeconômico - estarão perdendo espaço para a prática da agricultura e da pecuária intensiva - temporalidade rápida, fortemente conectada às necessidades do mercado macroeconômico.
- A mudança visual da região, neste caso, do campo - com vegetação herbácea rasteira típica do bioma Pampa - para a lavoura, não causam um impacto marcante para ocorrer uma ruptura conceitual sobre as consequências destas transformações. As preocupações sobre a manutenção das propriedades e sobre as diferentes paisagens irão se “adequar” culturalmente nessa transição produtiva.

Há dúvidas quanto ao interesse político do Estado em manter as áreas ecologicamente preservadas. Nota-se pelas recentes mobilizações de instituições que visam a preservação do bioma Pampa que as práticas políticas adotadas degradam ambientalmente esta região. Porém, esta acusação poderá estar fundamentada em divergências políticas oriundas da divisão campo X cidade, isto é, de imposição de teorias e práticas preservacionistas vindas destas instituições sobre as necessidades locais de buscar um desenvolvimento sócio-espacial. O debate é importante, pois lida politicamente com a questão da terra, da tecnificação do campo, da teorização ecológica sobre as práticas adotadas em campo e do posicionamento do Estado sobre as práticas produtivas.

2 OBJETIVOS GERAIS

Temos como objetivo geral analisar e discutir sobre as transformações da paisagem dos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana, no sudoeste do Rio Grande do Sul. A análise parte da percepção de produtores locais que possuem ação direta na transformação de suas propriedades. A partir das ambiências desses produtores são propostas identificações dos elementos que evidenciam as alterações no uso do solo de suas propriedades.

O polígono delimitado para análise se localiza na estrada RSC-377 que conecta os municípios de Manoel Viana e São Francisco de Assis. Esta estrada foi selecionada devido à crescente presença de novas lógicas produtivas dos produtores rurais que nela constam. As típicas paisagens campestres, onde tradicionalmente são realizadas atividades ligadas à pecuária, estão apresentando novos elementos ligados a uma cultura do plantio de grãos, eles se revelam na paisagem e contrastam com os elementos socioeconômicos historicamente presentes no bioma Pampa.

Então, está sendo proposto nesse trabalho a compreensão destas diferentes intencionalidades que estão transformando as paisagens na região do sudoeste do Estado. Essas alterações na paisagem indicam as mudanças que caracterizam outra perspectiva econômica na região, conseqüentemente, são prováveis motivos caso haja ocorrência de mudanças culturais. Portanto, da análise de elementos objetivos e subjetivos que contrastam no processo geohistórico e compõem a paisagem, além das ações cotidianas e de seu potencial transformador, se objetiva a busca do possível impacto deste tipo de ação.

3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Nessa perspectiva, é necessário um método de análise que se possa enquadrar uma relação entre as evidentes mudanças da produção econômica das propriedades – a partir de dados censitários sobre a produção de grãos nos municípios selecionados nas últimas décadas (entre 1970 - 2010) – e a transformação da paisagem. Portanto, são necessários:

- Buscar marcadores (elementos/objetos) que comprovem as transformações geohistóricas da paisagem. Identificar na paisagem a hipótese de crescimento de áreas destinadas ao plantio de lavouras temporárias, com isso confirmaria a diminuição de áreas destinadas à pecuária.

- Realizar entrevistas e questionários (coleta de dados primários) com os produtores locais, neste caso, daqueles que atuam entre o limite da estrada RSC-377 e o rio Ibicuí. A partir dos diálogos e do questionário identificar as percepções dadas aos elementos que compõem as paisagens de referência dos produtores entrevistados.

Para fins desses dois objetivos específicos, se destacam:

- Realizar registros fotográficos pela estrada RSC-377 com o intuito identificar os novos elementos que estruturam a paisagem em transformação. Também, a partir dos discursos dos produtores, se buscará registrar as paisagens de referência citadas nas entrevistas e questionários. Como a paisagem é fortemente associada a sua condição imagética, identificar em fotografias os novos elementos contrastantes e integradas à paisagem matriz da Campanha gaúcha. As fotografias estarão diretamente associadas com o caminho traçado pela estrada RSC-377, visando principalmente o setor entre a estrada com a margem do rio Ibicuí.

- Pesquisar os dados censitários: propõe-se inicialmente destacar um período de 40 anos (1970 – 2010) da produção de grãos e da pecuária nos municípios selecionados. A hipótese de que está aumentando as áreas destinadas a produção de lavouras anuais poderão ser justificadas com a associação de um aumento de áreas arrendadas, diminuição de produção da pecuária e aumento da produção de lavouras temporárias. Com isso, haverá a possibilidade de identificar a progressão temporal dada pelas entrevistas e associar com os dados censitários.

- Com as informações obtidas, propor um ensaio que discuta a paisagem e as questões ambientais que politicamente influenciam os municípios estudados. Uma vez que a área de estudo é conhecida por apresentar áreas suscetíveis a uma maior degradação do solo, devido à sua fragilidade natural. Assim, faz-se necessário uma melhor compreensão das ações políticas para compreender a transformação da produção econômica no bioma Pampa.

4 JUSTIFICATIVAS

Visando a ampliação do conhecimento sobre as transformações espaciais do sudoeste do Rio Grande do Sul, a mudança de uma estrutura na produção econômica traz consigo inúmeras alterações nas relações espaciais e, conseqüentemente, altera a dinâmica e a paisagem de um lugar ou uma região. Parte-se do pressuposto da importância que o bioma Pampa possui a comunidade científica - a ponto de existir um dia anual para se comemorar o “dia do Bioma Pampa” (surgido no dia 17 de dezembro de 2011), evento que abordaremos ao longo do corpo do trabalho. A transformação da paisagem do bioma Pampa é um debate intrínseco aos movimentos ambientalistas e justifica ações políticas sobre a região.

A importância dos estudos nessa região do Pampa se deve, também, à existência de um condicionante natural que caracteriza as dinâmicas socioeconômicas importantes: a *arenização* (SUERTEGARAY, 1987; VERDUM, 1997; SUERTEGARAY et al. 2001 e SUERTEGARAY et al. 2013). Visto como um problema ambiental, e que mexe com toda a sua estrutura socioeconômica, o processo de arenização se tornou um importante campo de estudo, feito por pesquisadores de diferentes órgãos públicos há mais de três décadas. Existe a necessidade de uma constante atualização de informações sobre a dinâmica dos areais, justamente para buscar conhecimentos científicos que possam auxiliar no controle dos processos de erosão do solo do sudoeste do Rio Grande do Sul.

A paisagem proposta para análise possui características dessa fragilidade pedológica, além disso, revela outra problemática: as transformações de perspectivas econômicas sobre o Pampa gaúcho. A paisagem é um conceito que auxilia na construção do conhecimento geográfico, pois traz a possibilidade de diferentes leituras de mundo que contribuam para o aprofundamento dos estudos sobre a dinâmica sócio-espacial de um território, região ou lugar. Destaca-se a importância deste conceito conforme descreve Marcelo Lopes de Souza (2013): “outra potencialidade do conceito de paisagem para a pesquisa sócio-espacial reside em examinar como a paisagem condiciona a nossa (in)sensibilidade e o modo como somos socializados.” (p.57). Neste trecho, percebe-se a importância de realizar um aprofundamento reflexivo e estabelecer o cuidado sobre nossas análises sócio-espaciais. Deve-se levar em consideração as especificidades geográficas que cada paisagem pode condicionar nas nossas vivências, isto é, neste contexto as paisagens tanto revelam quanto escondem.

Este conceito geográfico está intimamente ligado à descrição das formas, não é a toa que a sua característica imagética/ pictórica é associada por diversos autores da Geografia: Verdum (2012), Souza (2013), Besse (2006), Raffestin (2009), dentro outros. Logo, além da questão estética das formas, se buscará nessa pesquisa compreender o conteúdo que compõe a paisagem escolhida. As análises são realizadas pela percepção dos produtores locais sobre os elementos materializados no espaço. Estes elementos permitirão a identificação das possíveis transformações presentes nas imagens retratadas nas paisagens destas regiões, ou territórios, ou lugares. Se a produção do espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistemas de ações (Santos, 2009), inserido em um momento histórico (escala temporal), conseqüentemente, resulta disso: o conjunto de formas (visíveis e formado pelos elementos físicos, biológicos e sociais), acumulados no tempo, e que irão compor a paisagem.

Desse modo, identificar, através do estudo da paisagem, as possíveis mudanças nas dinâmicas espaciais atuantes na área de estudo serve como aporte para compreender estas perspectivas de transformação da economia e sociedade local. Estas reflexões sobre as transformações da paisagem podem auxiliar na construção de prognósticos sobre o desenvolvimento sócio-espacial dos municípios analisados. Trabalhando nesta perspectiva da paisagem, as análises feitas pelas ambiências vividas pelos produtores poderão contribuir com uma (re)leitura qualitativa sobre os meios produtivos e de produção. Esta problemática também gera reflexão sobre a estrutura econômica que não permite facilmente uma relação mais equilibrada entre natureza e sociedade.

A paisagem traz consigo elementos objetivos que são categorizados pela subjetividade do pensamento humano, por conta disso a importância de se pesquisar a percepção dos atores que dinamizam o espaço geográfico se faz fundamental. Nesse aspecto, o aprofundamento das discussões geográficas sobre a região é fundamentado a partir destas leituras da paisagem. As ações destes atores deixam marcas que justificam as novas paisagens no bioma Pampa e, por conta disto, estaria havendo uma mudança nas suas matrizes?

Não é proposta desse trabalho limitar as possibilidades de discussão deste importante conceito apenas na descrição das formas, nem uma catalogação dos elementos que compõem uma imagem dos municípios escolhidos. Considera-se a paisagem como um conceito não estático, ou seja, existe uma relação dinâmica entre a forma, a estrutura e a função, em diferentes momentos históricos e são todas registradas em marcas e matrizes. Considerando

a definição de Verdum (2012) de que “a complexidade da paisagem é tempo morfológico (forma), constitucional (estrutura) e a funcionalidade, que não pode ser reduzida em partes.” (p.18), este trabalho é uma associação entre a leitura de paisagem sistêmica – em que iremos propor a combinação dos elementos físicos, biológicos e a ação socioeconômica que ocorre sobre esses elementos, com a de paisagem perceptiva – onde a concepção de marcas e matrizes pode descrever a razão para que ocorram tais ações sobre as paisagens. Como descreve Verdum (2012): “cada um de nós, de acordo com a nossa trajetória, nossa consciência, experiência, vê as paisagens de forma diferente e única. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e olhares, mas estes olhares estão concebidos a partir da matriz cultural, do coletivo das pessoas de uma determinada sociedade humana.” (p.18).

Portanto, desta “trajetória, consciência, experiência”, buscar os motivos e as intencionalidades desses atores, agregado ao conjunto de informações que contenham o resgate das memórias, ambiências e perspectivas, sobre o que seria a "transformação de uma paisagem" para eles, possibilita respostas sobre suas práticas e as intencionalidades econômicas. E desta complexidade de informações, instiga-se respostas de perguntas como: de qual modo se dá o desenvolvimento dos campos de pecuária para campos da lavoura na região, reconhecia pelas áreas de *areais*? Qual é a magnitude do impacto sócio-ambiental com a transformação dos campos para lavouras no bioma Pampa?

5 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Inicialmente, para fins de estudos das paisagens, foram escolhidos dois municípios pertencentes à região sudoeste do Rio Grande do Sul: Manoel Viana e São Francisco de Assis. A escolha destes municípios se deve, principalmente, às evidências de transformação das paisagens. São mudanças que refletem um processo produtivo diferente do histórico campo voltado para a pecuária. Para o presente trabalho é destacado o aumento da produção da lavoura temporária (soja, azevém, grãos) e a diminuição das áreas destinadas à pecuária nestas regiões. Embora a silvicultura possua grande importância nas transformações da paisagem não é o foco desta dissertação.

A paisagem desta região apresenta marcas que visualmente evidenciam diferentes processos produtivos. Então, para partir de fins didáticos e contemplar este estudo, foi escolhido o trecho da rodovia estadual coincidente² que conecta estes dois municípios: a RSC-377. A escolha desta estrada, que possui uma extensão aproximada de 40 quilômetros, se fez pela riqueza de elementos na paisagem que foram identificados como contrastantes àquela paisagem histórica e campestre do bioma Pampa.

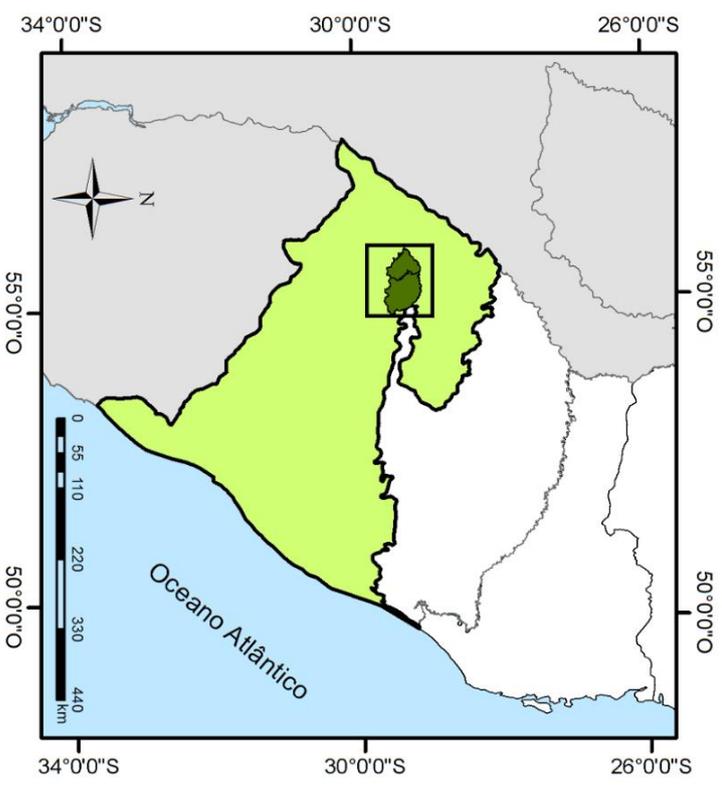
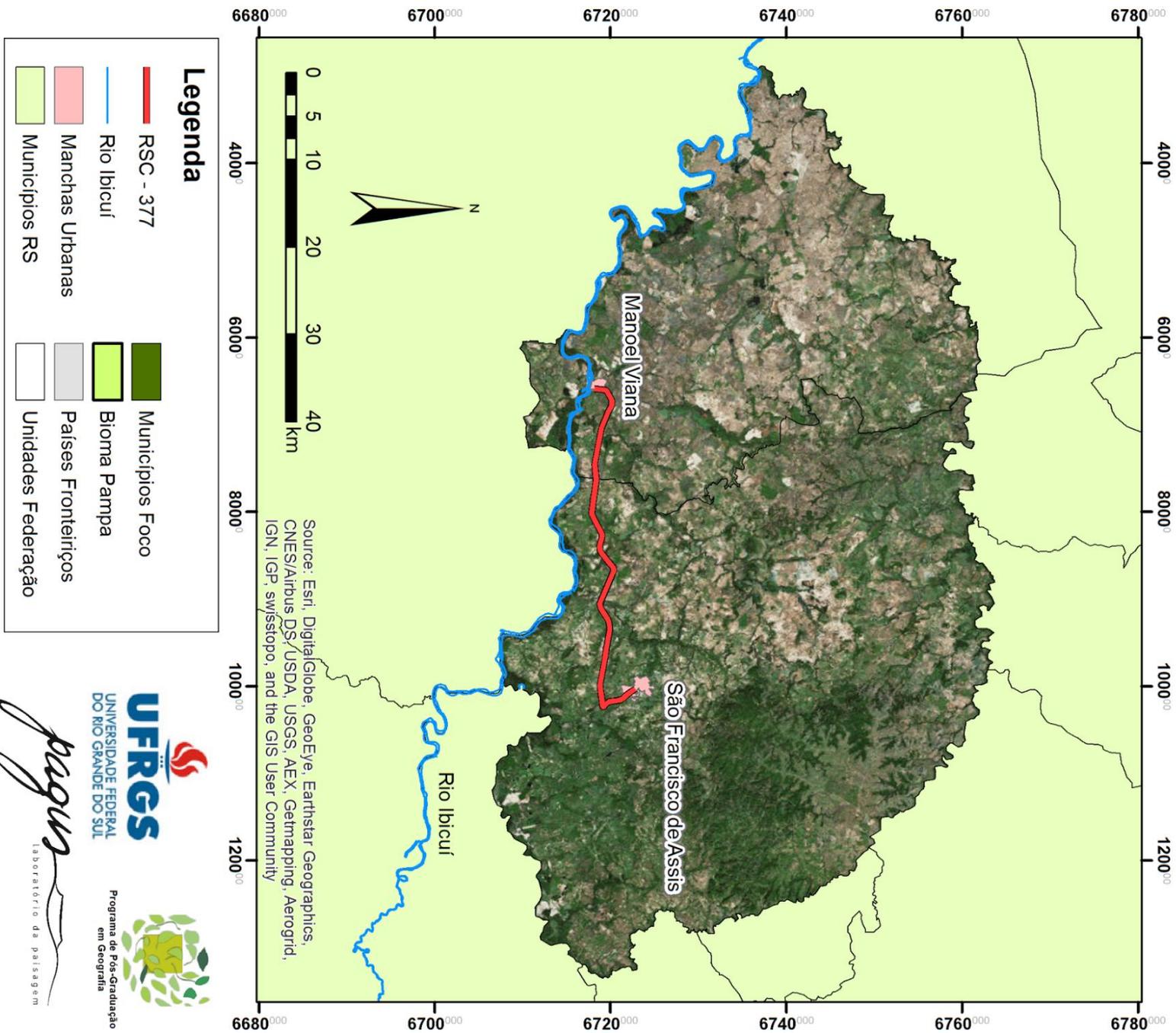
Pela necessidade de delimitar o espaço geográfico analisado, optou-se pela escolha de um polígono que consiste na margem da estrada, que é limitado pelo rio Ibicuí. Isto é, a paisagem voltada visualmente para onde o rio Ibicuí se localiza e apontada para o sul geográfico de quem está na estrada. Portanto, à margem esquerda de quem está indo no sentido São Francisco de Assis – Manoel Viana e à margem direita, no sentido Manoel Viana – São Francisco de Assis.

Esta delimitação foi importante para que houvesse a escolha dos entrevistados para o questionário dessa dissertação. No caso, os entrevistados são os proprietários que residem, ou possuem alguma relação, nesta margem da estrada RSC-377. Assim, estabeleceu-se a

² Segundo o Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT) é estabelecido que a Rodovia Estadual ou Municipal Coincidente “São rodovias construídas pelos Estados ou Municípios sobre a diretriz de uma Rodovia Federal Planejada. As diretrizes das Rodovias Federais planejadas muitas vezes coincidem com trechos de Rodovias Estaduais ou Municipais, entretanto o traçado definitivo da Rodovia Federal somente será estabelecido após estudos técnicos e econômicos que serão realizados por ocasião de sua construção. Assim tais trechos de rodovias Estaduais ou Municipais superpostas, apesar de listados e codificados como BR’s, não se encontram sob jurisdição federal e constituem as denominadas rodovias coincidentes.” A nomenclatura dada para a rodovia estadual coincidente, no Rio Grande do Sul, é RSC, segundo o DAER-RS (2009). Porém, para fins deste trabalho, adotaremos também a nomenclatura “RS-377”, pois confere com o modo como os entrevistados reconhecem esta rodovia.

Unidade de Paisagem (Verdum e outros, 2006) que serve para realizar a análise desta dissertação.

Além deste fato relevante para a escolha destes municípios, existe um dado importante a se destacar com relação ao município de Manoel Viana: a sua emancipação política administrativa de São Francisco de Assis: em 1992-1993, portanto de 24 anos. Essa consideração deve ser levada em conta, pelos dados registrados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que não apresentam dados anteriores a 1993 sobre Manoel Viana. Os proprietários que foram entrevistados, em sua maioria, possuem uma relação sócio-espacial mais ligada ao município de São Francisco de Assis, porém a decisão de não exclusão de Manoel Viana da análise se deve à importância do aspecto da paisagem e da conexão que possui com São Francisco de Assis pela RSC-377. As informações sobre o método de coleta de dados são melhor justificadas na construção metodológica e na análise dos dados.

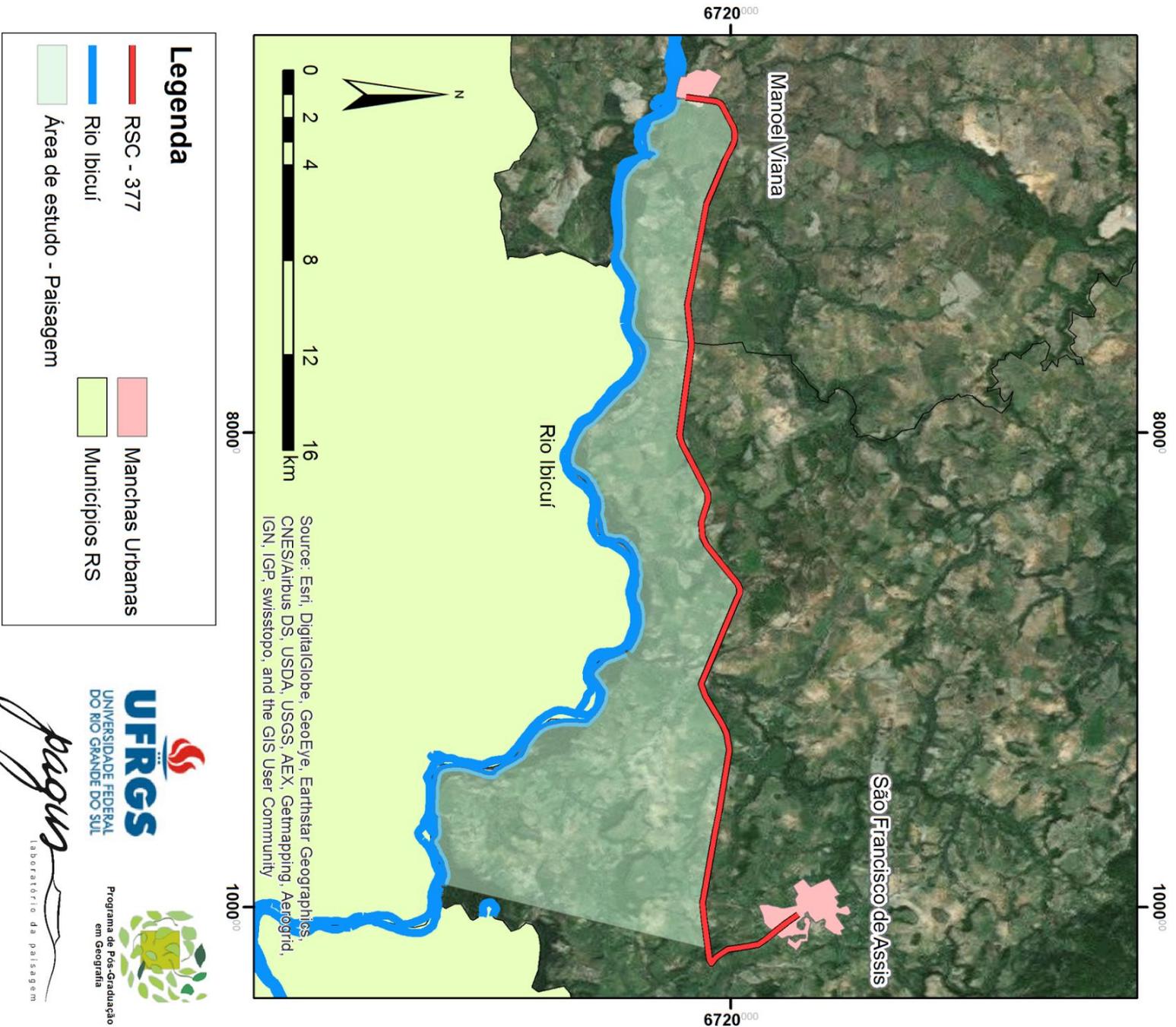


Mapa de Localização: Área de Estudo

- Sistema de Coordenadas: UTM 22S
- Datum: SIRGAS 2000
- Fonte:
- Imagem de satélite: ArcGis
- RSC - 377 / Rio Ibicuí / Manchas urbanas
- Municípios RS / Bioma Pampa: Hasenack, H.; Weber, E. (org.). Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul. 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS Centro de Ecologia. 2010.
- Unidades Federação: IBGE.
- Países Fronteiriços: Mapfuzin.

Produção cartográfica:

Geógrafo Ricardo Hirayuki Okido



Legenda

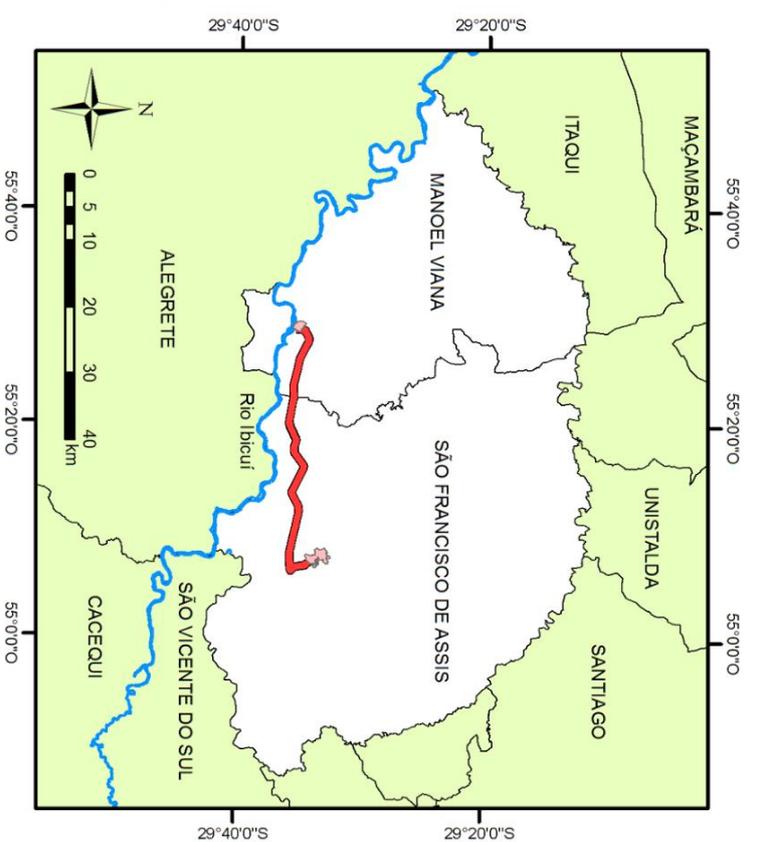
- RSC - 377
- Rio Ibicuí
- Área de estudo - Paisagem
- Manchas Urbanas
- Municípios RS

Source: Esri, DigitalGlobe, GeoEye, Earthstar Geographics, CNES/Airbus DS, USDA, USGS, AEX, Getmapping, Aerogrid, IGN, IGP, swisstopo, and the GIS User Community

UFRRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Programa de Pós-graduação em Geografia

paqur
Laboratório da paisagem



Mapa de Detalhamento: Área de estudo - PAISAGEM

- Sistema de Coordenadas: UTM 22S
- Datum: SIRGAS 2000
- Fonte:
- Imagem de satélite: ArcGis
- RSC - 377 / Rio Ibicuí / Manchas urbanas
- Municípios RS / Bioma Pampa: Hasenack, H.; Weber, E.(org.): Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul. 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS Centro de Ecologia. 2010.
- Unidades Federação: IBGE.
- Países Fronteiriços: Mapfuzin.

Produção cartográfica:
Geógrafo Ricardo Hiroyuki Okido

6 A BUSCA TEÓRICA: AFINAL, POR QUE A PAISAGEM?

6.1 Paisagens como instrumento de pesquisa.

“A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso.”
Eric Dardel, O homem e a Terra. 2015.

A paisagem nos estudos da Geografia é um conceito, inicialmente, associado a uma leitura representacional e imagética de um determinado espaço geográfico, território e lugar. Esta relação não é ao acaso, sendo reportado pelos historiadores “para o fato de que o vocabulário utilizado no século XVI, para descrever as representações geográficas, era idêntico àquele utilizado para a pintura de paisagem” (p.17 Besse, 2006). Este conteúdo fortemente visual e representacional (Souza, 2013), de elementos distribuídos geograficamente e registrados como pinturas, é associado como o cerne da leitura da paisagem.

Mesmo tendo sua constituição conceitual associada à ordem pictórica, essa relação não se restringe somente na descrição empírica das formas. Embora, sua origem conceitual seja muito próxima a essa condição, sempre poderemos obter novas informações sobre o espaço geográfico estudando a partir da paisagem. Podemos ultrapassar a condição descritiva da paisagem, sem restringir a uma leitura estética das formas que compõem o espaço geográfico. A apropriação dos elementos presentes na paisagem, geralmente, ocorre pela categorização do que abarcamos visualmente. Porém, cremos que ao aprofundar o conhecimento específico sobre um território a partir da paisagem, faz-se necessário aprofundar as percepções e o contexto histórico de relações sócio-espaciais sobre a paisagem.

“A paisagem é um produto objetivo, do qual a percepção humana só capta, de início, o aspecto exterior.” (Besse, 2006). Logo, cabe ao investigador buscar na exterioridade dos elementos que formam a paisagem a sua compreensão mais aprofundada. A desconfiança sobre a paisagem caracteriza a nossa busca por conhecimento sobre os processos que transformam um determinado espaço geográfico ao longo do tempo. Como Souza (2013)

afirma: “O fato de ser uma forma, uma aparência, significa que é saudável “desconfiar” da paisagem. É conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la à luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência” (p.48). A desconfiança pode trazer respostas que não são visíveis nas formas, onde somente a partir de uma investigação social pode conciliar e aglomerar as infinitas características que designam o processo de transformação de um espaço geográfico. Interpretações derivadas somente de uma investigação técnica e empírica sobre as formas poderão simplificar a análise sobre uma paisagem alterada socialmente.

Percebe-se, portanto, que esta investigação será de cunho social e as consequências de determinados processos socioeconômicos que estão transformando as paisagens do bioma Pampa. Concebe-se, então, que a versatilidade conceitual da paisagem é reflexo de históricas mesclas entre a discussão conceitual da paisagem para a Geografia (brasileira e internacional) em diálogo com teorias das artes plásticas (Souza, 2013). Essa contribuição “artística” que a paisagem traz na sua construção conceitual favorece para que diferentes modos de “ler o mundo” sejam construídos, inclusive nos trabalhos técnicos.

Desse modo, uma das contribuições que a paisagem perceptiva (Verdum, 2012) – concebida pelas marcas e matrizes – pode dar, é auxiliar na construção de percepções (racionais e/ou sentimentais), preenchendo experiências de indivíduos que se conectam com o seu espaço geográfico de atuação. Então, realizar uma catalogação destas percepções que se constroem, e concomitantemente buscar nos dados estatísticos as provas numéricas que se refletem nas representações dadas na paisagem, culminará em constatações para compreender a dinâmica geográfica que está se instaurando nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana.

Em resumo: das desconfianças trazidas pela paisagem em transformação nesta região, se buscou investigar o motivo para a inserção de novas marcas (também pode ser denominado como “elementos”) que compunham a descrição da paisagem destes municípios. As matrizes foram buscadas nas percepções dos produtores entrevistados com o intuito de compreender se a mudança da paisagem causaria algum impacto em suas vidas, permitindo o diálogo sobre as razões que influenciam nas decisões sobre os processos produtivos em suas propriedades. A paisagem de estudo, neste trecho da RS-377, corresponde parcialmente uma área que está se transformando na sua lógica produtiva, isto é, sobre o uso do solo. Isso representa as transformações de uma paisagem que, em proporções maiores de mudanças na produção, pode causar a ruptura da continuidade

ecológica do bioma Pampa. Deste modo a paisagem contribui imensamente para compreender os motivos das práticas que constituem a dinâmica que existe sobre o campo na região da Campanha gaúcha.

O bioma Pampa possui uma paisagem de importante referência para o corpo científico e para a sociedade do RS e sua transformação tem um reflexo simbólico na sociedade. A simbologia carrega um modo de “ler o mundo” e o questionamento para se estudar e compreender as mudanças ocorrentes no bioma Pampa geram sentimentos de instabilidade na comunidade científica. Nota-se isso ao fato de haver uma busca política para o seu reconhecimento como patrimônio cultural. A paisagem é um conceito que merece ser explorado dentro de suas limitações. É importante ressaltar a validade e as limitações metodológicas deste conceito geográfico, como descreve Souza (2013):

“Provavelmente, o conceito de paisagem merece ser bem mais valorizado (e integrado com outros conceitos, tais como território e lugar) do que tem sido. É óbvio que ele possui certos limites, mas isso não é “privilégio” seu: toda ferramenta conceitual possui potencialidades e limitações. A questão é que, por enquanto, parece que as limitações do referido conceito têm sido mais sublinhadas que as suas potencialidades, que não são pequenas” (Souza, 2013, p.61)

Portanto, através de diferentes recortes, o conjunto de paisagens representa a construção da rede de realidades geográficas complexas. Como Raffestin (2010) constata: “A paisagem tanto revela quanto esconde”. (p.15), cabe na construção metodológica reconhecermos as limitações dadas por esse conceito, porém sem negar as potencialidades analíticas possibilitadas por ele.

6.2 Paisagens em transformação: resgates conceituais

A discussão epistemológica da paisagem é ampla e percorre diferentes vertentes do pensamento, dentre eles: a concepção adotada pela arte a partir do século XVII (Verdum, 2012) e posteriormente, já no século XX, pela “Ecologia da paisagem” (*landscape ecology*) como uma maneira de descrever uma porção da superfície terrestre. Esse referencial buscava a compreensão da “origem das formas, da estrutura e da funcionalidade associadas a um número específico de elementos da natureza” (Verdum, 2012, p.16).

O desenvolvimento teórico para se trabalhar com a paisagem se torna um desafio, pois há uma linha tênue entre o estudo do empirismo descritivo das formas e a negligência da existência de razões sócio-espaciais que influenciam nas transformações destas formas. Sem a incorporação do humano na leitura da paisagem, subestima-se o potencial analítico que esse conceito pode nos oferecer.

Santos (2012) classifica a paisagem: como *ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser resultado da acumulação da atividade de muitas gerações.* (2012, p.53). A paisagem, para Santos, é móvel, pois é um acúmulo temporal de objetos distribuídos no espaço, o que parece, muitas vezes, com conceito das rugosidades no espaço (Santos, 2009). Com isso, se difere paisagem de espaço geográfico, pois o espaço se caracteriza pela análise sobre as dinâmicas presentes no sistema de objetos, compreendendo-se que os estudos não necessariamente precisam sair da forma para ser analisadas. Isto é, a paisagem se torna um resultado do sistema de objetos e do sistema de ações, descrita na condição de *formas* e contemplada como uma referência das dinâmicas do espaço geográfico. O que parece se justificar neste trecho: “*Digamos que a sociedade produz a paisagem, mas que isso jamais ocorre sem mediação*” (Santos, 2012, p.61). Embora pareça que a importância dada à paisagem por Milton Santos ao longo de sua trajetória acadêmica seja menor que a categoria de espaço geográfico, a sua constituição foi fundamental para explicar a própria categoria de espaço. Nestes trechos se concebe que não devemos negligenciar o conceito para uma análise geográfica: “a paisagem é já o espaço humano em perspectiva” (Santos, 2009 p.106) e que “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva” (Santos, 2009, p. 107).

Compreende-se o quanto é necessário analisar a paisagem para buscar entender as relações que moldam e deixam registros nas formas. As estruturas e as funcionalidades, através do conhecimento técnico-científico-informacional (Santos, 2009), nos abarcam o entendimento dos processos que dinamizam o espaço. Desse aspecto, podemos categorizar a paisagem como uma forma de conceber o mundo e atribuímos uma leitura geográfica, assim afirma Moreira (2007):

A paisagem é o ponto de partida e o ponto de chegada na produção da representação em geografia. Isso significa valorizar a imagem e a fala na representação geográfica. E, assim, a sensibilidade e a inteligência, fontes da imagem e da fala como antes havíamos analisado. Daí que a geografia sempre pareça ficar num meio-termo entre a arte e a ciência, duas formas próximas de representação. (MOREIRA, 2007, p.109).

Nota-se a importância dada por Rui Moreira para a *imagem* e a *representação geográfica*, a paisagem é fortemente atribuída como imagem e como representação de um território, principalmente devido a sua origem conceitual estar atrelada à arte através da pintura, retomaremos posteriormente a este tema. Porém, estas mesmas concepções da paisagem, não impediram que metodologicamente a paisagem, na Geografia brasileira, tenha assumido um aspecto secundário, ou pouco explorado. A superficialidade de pensamento dado ao conceito pode gerar uma fragilidade conceitual, recaindo na dificuldade de sua compreensão. Além disso, determinadas práticas econômicas absorvem características do conceito de paisagem com intencionalidades exploratórias, sendo estas práticas também passíveis de discussão, pois criam práticas espaciais com intencionalidade fortemente mercantil à paisagem³.

A intencionalidade de reconstruir outros diálogos, a partir da aplicação do questionário, que possibilite discutir o conceito e que auxilie no trabalho com as diferentes “leituras” da paisagem, geram desafios que corroboram para que se constitua outra concepção sobre o próprio espaço geográfico. Afinal, *estudar uma paisagem é antes de tudo um problema de método* (Bertrand, 1968). Destaca-se que, ao longo dos diferentes momentos históricos, o conceito de paisagem sofreu variadas abordagens de métodos conforme as diversas vertentes do pensamento filosófico, derivando numa multiplicidade de estudo sobre a paisagem. Para fins do projeto, destacarei algumas vertentes históricas que formularam o conceito e foram trabalhados pela geografia.

6.3 Paisagens percebidas e além da estética?

O conceito de paisagem abordado por estudiosos do século XVIII e XIX, citado por Puntel (2006): como Alexander Von Humboldt (1769-1859), Carl Ritter (1779-1859), Friedrich Ratzel (1844-1904) e Vidal de La Blache (1845-1918) se destacam pela abordagem descritiva das formas e da necessidade de estabelecer um limite de análise, constituindo uma relação entre o ser humano e o meio. Nestas situações a leitura da paisagem possui referências próximas das dadas pela arte, principalmente pela pintura: “expressar elementos

³ Ver Souza (2013, p.52), onde o autor trata a paisagem, segundo Duncan *apud* Souza (2013), como um “sistema de significado”. Neste texto, Souza retrata que as intencionalidades políticas possuem influências sobre o processo de “invisibilizações” de agentes e as suas práticas nas paisagens do Rio de Janeiro.

associados à natureza e a vida cotidiana da(s) sociedade(s) humana(s)” (Verdum, 2012). Os “limites de análise” são expressos pelos limites abarcados pela visão de um observador: ao descrever as formas, as estruturas, compreender as ações, os fenômenos, as dinâmicas dos elementos da natureza, ou seja, explicar o espaço geográfico abarcado pela visão.

Foram pesquisadores que, com a necessidade de explicar os fenômenos que ocorriam em determinados recortes espaciais, compreendiam a importância de existir um conceito que pudesse servir de base para a sistematização dos vários elementos que compunham a superfície terrestre. A paisagem, portanto, foi concebida para explicar e sistematizar este contexto espacial: auxiliando na explicação dos fenômenos geográficos e buscando o entendimento da realidade de modo holístico. Nos estudos elaborados por Puntel (2006), se destacam:

- A importância de Humboldt *apud* Puntel (2006) para a Geografia é decorrente de seus estudos sobre a superfície terrestre, trabalho que se realiza ao longo de suas viagens pelo mundo. Atribuía a condição descritiva da paisagem, onde as formas naturais se destacavam na leitura da superfície terrestre. A observação dos elementos contidos seria sistematizada e filtrada pelo raciocínio lógico do observador (Puntel, 2006), determinando e explicando os fenômenos naturais específicos de cada lugar analisado.
- Assim como Ritter *apud* Puntel (2006), que também contribuiu nos estudos sobre elementos da superfície terrestre, buscando, desse modo, uma visão universal da Terra. Porém, sua maior contribuição está na valorização da relação do ser humano sobre a natureza, onde se procura explicar os fenômenos descrevendo sociedade e de sua relação com o meio natural, culminando numa forma de compreender a evolução da humanidade. Nota-se que, em ambos os pesquisadores, tem como base a descrição, tanto no aspecto social quanto no ambiental da superfície terrestre, neste caso, pode ser lido como a paisagem. A descrição resulta dessa observação “filtrada” realizada por um raciocínio lógico que consiga sistematizar a relação da sociedade com o seu meio, denominando os fenômenos sociais e naturais. A paisagem se torna, então, um conjunto sistematizado de observações visuais e de descrições dos fenômenos presentes sob a superfície terrestre.

- Já as contribuições dos estudos de Vidal de La Blache e de Friedrich Ratzel *apud* Puntel (2006), trouxeram maiores embasamentos que guiaram grande parte da construção do pensamento geográfico brasileiro. Ambos priorizavam o estudo das relações entre o ser humano e a natureza. Consideravam essa relação como constituintes de uma unidade e, também, priorizavam o método de análise pela observação e descrição. Porém, se diferenciavam por algumas perspectivas neste método, segundo Puntel (2006): enquanto Ratzel priorizava uma visão naturalista, sob o ponto de vista dos recursos naturais; La Blache buscava um estudo descritivo das populações, relevando as relações e os processos de produção social, compreendendo a descrição dos agrupamentos humanos.

Logo, percebe-se que o “observar” e o “descrever” estão entre os princípios primordiais da construção do conhecimento geográfico. Sendo, nesse aspecto, a paisagem é o conceito fundamental para o desenvolvimento do conhecimento destes autores. No entanto, a busca de uma explicação holística, que compreenda os diversos elementos e fenômenos geográficos sobre a superfície terrestre, possui limitações que constitui numa carência metodológica. As dificuldades para analisar as especificidades de cada paisagem são desafiantes para a maioria dos profissionais que trabalham com essa categoria.

Obviamente, os estudos realizados por esses autores clássicos não correspondem aos avanços tecnológicos e materiais que temos na atualidade, portanto é necessário para compreender a realidade geográfica uma consistência de método que busque contribuir no modo como se "observa" a paisagem. Observar remete a uma complexidade intrínseca de cada indivíduo, constituída dentro de uma lógica individual e coletiva, e que resulta em um acúmulo de conhecimento sobre o espaço-tempo. Descrever, constatar, categorizar, caracterizar os fenômenos geográficos presentes em uma paisagem de interesse é um desafio, pois as abordagens diferenciadas pela distinção entre sociedade X natureza se mesclam e constituem a complexidade dos fenômenos geográficos. Logo, o mérito destes pensadores está justamente na proposta de método que busca compreender as diferentes especificidades a ponto de caracterizar um todo. Embora, se negligencie simplificações e generalidades em informações oferecidas por uma paisagem.

Concordamos que estudar a paisagem remete ao reconhecimento dos elementos que estruturam ela. Objetivamente, identificar as formas e descrevê-las, dividir os elementos pela sua funcionalidade e conforme *as condições próprias do lugar, seja ela estética, política, estratégica, econômica, cultural, histórica, para permitir uma determinada organização e funcionalidade* (Puntel, 2006, p.30), compõem o método de análise de uma paisagem.

Lendo sob outra perspectiva, é a fisionomia do espaço terrestre que concebe a leitura de paisagem dos geógrafos. A “leitura” é constituída por um espectador que concebe o aspecto visível da paisagem. Ao mesmo tempo, é resultado de uma produção cultural, com suas especificidades e uma concepção da natureza. A importância desse tipo de avaliação é destacada por Besse (2006), onde ele destaca a fisionomia como:

Fisionomia e característica não são representações subjetivas, não são seres fictícios forjados para as necessidades da análise pelo intelecto do geógrafo. São realidades objetivas, que identificam verdadeiramente um território, e que é necessário reconhecer, localizar, delimitar, tanto espacialmente como qualitativamente, a fim de “reproduzi-las”, como diz Vidal de La Blache. (BESSE, 2006, p.66)

Assim, podemos associar que o conceito de paisagem se aproxima da ideia de que é resultante da relação do indivíduo, como espectador, de um sistema de objetos e suas interações condicionam um sistema de ações. O processo não se visualiza nessa leitura, mas os objetos carregam consigo registros de um dado momento histórico. A concepção puramente descritiva e estética da paisagem não se apresenta comumente como finalidade na construção do conceito para o geógrafo. Não há a negação sobre a apreciação estética da paisagem, no entanto, um aprofundamento reflexivo sobre o que ela pode oferecer conceitualmente para a Geografia se faz necessário para este trabalho. Assim como destaca Besse (2006):

A paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a deciptar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. A ideia é então que há de ler (grifo do autor) a paisagem. (BESSE, 2006, p. 64)

Os elementos (ou objetos) sociais representam signos que correspondem uma história da sociedade sobre a superfície terrestre. O conjunto desses signos determinam

estruturalmente o modo como uma sociedade se organiza num território. Os signos são visíveis, pois estão presentes nos elementos materializados e são subjetivamente determinados pela sociedade. Estes objetos sociais se mesclam com os elementos naturais, que, normalmente, são vistos simbolicamente como "intocados" pela sociedade. Essa relação se mescla na leitura da paisagem, é o conteúdo objetivo da forma e a subjetividade da percepção compondo uma interpretação da realidade geográfica. Afim de facilitar essa leitura, do conjunto que signos que formam a paisagem, adotou-se parte da leitura sobre unidades de paisagem trabalhadas por Verdum *et al* (2004).

Desse aspecto, a objetividade e a subjetividade integram um conjunto de percepções de um observador. A paisagem deverá buscar nesta análise sobre as representações, seja culturais ou descritivas, uma explicação consistente para a realidade geográfica. Pode-se dizer que o conceito de paisagem se torna uma relação complexa entre diferentes leituras de mundo. E cada atribuição dada em uma leitura de paisagem se torna uma representação que relacionamos ao visível:

(...) o visível e a paisagem são pensados como objetivos, como face exterior, um rosto, uma fisionomia, e então o problema do espectador eventual consiste em se ajustar perceptivamente e intelectualmente a esta fisionomia: a paisagem não é uma imagem, é uma forma. Na verdade, estas duas posições, ou hipóteses, constituem dois polos extremos, entre os quais há uma tensão na experiência paisagística: uma tensão entre a atividade do espectador, de um lado, e, de outro, o fato de que há algo a ver, algo que se dá a ver. Uma posição subjetivista coloca o peso sobre o papel constituinte do olhar. O realista, por sua vez, coloca o peso sobre a ideia de que há algo além da representação, ele quer perceber no visível o traço de outra coisa que não é só o visível. (BESSE, 2006, p.65)

Nota-se, nessa passagem, a existência de uma dicotomia que exerce influência na leitura dos elementos presentes na paisagem, a complexa relação entre o *subjetivismo* e o *realista*, para explicar a “realidade” que compreende: desde a construção de pensamento como indivíduo, leigo ou profissional que estuda paisagem, que consiga correlacionar as diferentes leituras para compreender a sua relação com o espaço; até a busca de objetividade consistente sobre o que a forma representa na paisagem. E há a desconstrução do conceito como uma simples imagem, concebe-se que determinar paisagem apenas como uma imagem pode reduzir o entendimento conceitual do conceito. A paisagem representa uma forma, que

possui uma representação, uma simbologia, pertinente para explicar a realidade geográfica. Concebemos a imagem não apenas como uma categoria simplificada que representa uma paisagem, mas como uma ferramenta de representação constituída de simbologias pertinentes para se compreender a forma, a função, a estrutura e a dinâmica que compõem e caracterizam um espaço geográfico. A imagem pode não representar uma paisagem, mas uma paisagem pode ser representada pela imagem.

Portanto, a paisagem também não remete a uma simples descrição da fisionomia, ela é produto de um aprofundamento reflexivo dos elementos que compõem um espaço geográfico. Os objetos atualmente presentes no espaço geográfico carregam consigo uma história do processo de trabalho. A técnica atual possui a capacidade de alterar as formas da superfície terrestre em grandes escalas, ou seja, houve também um aumento de registros que determinam a evolução histórica da paisagem.

A paisagem proporciona diferentes leituras sobre o espaço geográfico analisado, ela consiste num recorte que possibilita reflexões e teorias sobre os fenômenos espaciais. Em outras palavras, pode ser vista como modelos que buscam descrever uma totalidade. Um modelo consiste, segundo Christofolletti (1999), em:

(...) “qualquer representação simplificada da realidade” ou de um aspecto do mundo real que surja como de interesse ao pesquisador, que possibilite reconstruir a realidade, prever um comportamento, uma transformação ou uma evolução. (CHRISTOFOLETTI, 1999, p. 8)

E, segundo Haggett e Chorley (1967; 1975) *apud* Christofolletti (1999), os modelos por serem estruturações simplificadas da realidade, acabam sendo *aproximações altamente subjetivas, por não incluírem todas as observações ou medidas associadas, mas são valiosos por obscurecem detalhes acidentais e por permitirem o aparecimento dos aspectos fundamentais da realidade.* (Christofolletti, 1999, p.8).

A complexidade das informações será obtida através da paisagem e auxiliará na leitura da realidade geográfica *in loco*. Para isso, a interpretação sobre esta realidade, dada pelas diferentes “leituras de mundo”, constituirá em diagnósticos modelos que justificam as transformações da paisagem em uma escala temporal.

Portanto, o modelo gerado servirá como um limite para a leitura dos elementos da paisagem, compondo a busca da totalidade dos fenômenos presentes nos dois municípios analisados. Conforme aborda Santos (2012):

“A totalidade, que supõe um movimento comum da estrutura, da função e da forma, é dialética e concreta. Para estudá-la, é preciso levar em consideração todas as estruturas que a formam e que, em conjunto ou isoladamente, as reproduzem. Essas estruturas, bem como a totalidade, não são fixas, pois evoluem no tempo. A evolução de cada uma dessas estruturas e de cada um dos seus elementos ou variáveis difere qualitativa e quantitativamente. Trata-se de uma evolução diacrônica, no decorrer da qual cada variável conhece uma mudança relativa de valor a cada mutação. Essa mudança de valor é relativa, já que só pode ser entendida em sua relação com o todo”. (SANTOS, 2012, p.57)

A leitura da paisagem necessita, além da descrição da forma que a visão abarca, uma indagação sobre o que esta visão abarca e como ela é representada para a sociedade. A composição da paisagem é resultante das ações e intencionalidades humanas. Essa leitura não se constitui apenas diretamente daquilo que é visível na paisagem, é um exercício constante da percepção, buscando em elementos não visíveis o que é intencional para que haja uma transformação da paisagem. A leitura do geógrafo não deve ser estabelecida apenas por um único caminho de interpretação sobre a paisagem, mas de um olhar que associa e dissocia referências entre os elementos analisados. Uma prática que se estabelece de modo reflexivo e cotidiano.

6.4 Paisagens de referência: as marcas e as matrizes.

Para conduzir uma leitura plausível, que contribua na compreensão para estar sendo utilizado o termo "transformação" sobre a paisagem de um bioma - ou de uma lógica produtiva do solo, ou de um registro histórico – destacam-se os conceitos guias para se buscar os elementos que são percebidos como representações visuais e imagéticas deste processo de transformação: a *marca* e a *matriz*.

Essa subdivisão conceitual da paisagem é concebida por Berque (1998), na qual, é reconhecida como uma *marca*, pois expressa uma civilização através das formas, reconhecida como manifestações concretas, objetos que expressam uma história da civilização. E, também considerada uma *matriz*, pois nestas manifestações concretas existe uma carga cultural, ou seja, associada a um conjunto de percepções, de concepções e de ações, as marcas caracterizam relações entre uma sociedade com seu espaço geográfico,

relações sócio-espaciais segundo Souza (2013), dando um sentido de relação social para a paisagem.

A definição dada por Berque possui grande relevância por dar à paisagem a possibilidade de ser discutida de maneira concreta e como resultante de uma relação social: "*que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica*" (Berque, 1998). Ou seja, a *marca* e a *matriz* contemplam diferentes maneiras de “descrever” a mesma paisagem.

Assim como contextualiza Berque (1998):

Como manifestação concreta, a paisagem está naturalmente exposta à objetivação analítica do tipo positivista; mas ela existe, em primeiro lugar, na sua *relação* com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica. Procurar definir essa lógica para tentar compreender o sentido da paisagem é o ponto de vista cultural que se indicou acima. (1998, p.84)

Mesmo assim, a paisagem tem como ponto de partida a sua descrição, no qual se registra, de algum modo, as formas. Porém, mesmo compreendido enquanto dado concreto do campo do perceptível, a explicação ultrapassa o campo do percebido: "*seja por abstração (uma função se define abstratamente), seja por mudança de escala no espaço (valendo-se de ordens de grandeza não perceptíveis pelo homem), ou no tempo (pela explicação histórica e geológica)*" (Berque, 1998).

Portanto, existem possibilidades de se ler a paisagem que acaba transcendendo a construção do conhecimento geográfico sobre o conceito. A percepção de um indivíduo é uma expressão filtrada pela sua formação cultural, pela sociedade (o qual ele se relaciona) e pelo seu cotidiano (ambiências vividas). Sua percepção sobre a paisagem remete a uma carga histórica de sinais e de significações que se transformam de acordo com cada época. Cabe a reflexão, por exemplo: cremos que a aquisição e a absorção de algum conhecimento técnico possui forte influência no processo de transformação da leitura de um indivíduo sobre o meio em que vive - não necessariamente seja uma evolução ou um retrocesso de seu pensamento. Desse modo, espera-se que, por conta disso, isso constituirá na transformação do seu modo de pensar e agir sobre esse meio, concebendo a paisagem, também, de outra maneira. As matrizes se modificam, as marcas se transformam.

Compreendendo que a paisagem possui relevância em diferentes campos do conhecimento, é dada ao conceito uma liberdade que permite diálogos entre a comunidade acadêmica e outras áreas do conhecimento. Isso mostra a potencialidade, muitas vezes

negligenciada, da paisagem como ferramenta para a construção do conhecimento. E que, por um lado, torna a paisagem um conceito sem uma definição precisa.

No entanto, não se pode negligenciar numa investigação metodológica a relação objetiva e subjetiva que a paisagem pode proporcionar em qualquer trabalho que se baseie no seu conceito. Como descreve Verdum (2012), o termo paisagem pode ser entendido de duas maneiras distintas, num senso geral, como uma ideia *objetiva* e outra de *representação*. Dentro dessas ideias, a constituição para o entendimento da paisagem pode ser feita analisando as categorias: forma, estrutura, temporalidade e funcionalidade. Ao se apresentar materializada no espaço, ela é utilizada como objeto de estudo e interpretada por uma relação entre os diferentes elementos, fenômenos e intencionalidades. Nessa relação dialética que, de elementos inter-relacionados, a paisagem ganha, além da compreensão da forma que a visão abarca, uma relação de dinâmicas que são presentes na sua transformação. Como descreve Besse:

Retenhamos, de um modo geral, esta conjunção que se opera no interior da geografia, entre a metodologia (que concerne o olhar), um contexto de exercício (o contato com o terreno, a viagem), e a promoção de um objeto específico (no caso, as relações homens/terra tais quais elas exprimem e se inscrevem na paisagem). Nessa correlação, não só um saber se estabelece e se desenvolve, mas, sobretudo, em “estilo cognitivo” se estrutura, ao qual se pode chamar de uma “inteligência paisagística”. (BESSE, 2006, p.74)

Caracteriza-se, desse modo, a compreensão de que as particularidades para cada paisagem estudada serão constituídas pela escolha de como olhamos (método) as formas, estruturas e funcionalidades do objeto de estudo. Por isso, procurando estabelecer uma linha de raciocínio que contemple os elementos que contrastam e revelam mudanças na paisagem, se buscarão nas *marcas* as manifestações concretas que correspondem as relações de práticas culturais, que se reproduz e transforma a paisagem nos municípios analisados em função de uma certa lógica. “Como *marca*, a paisagem pode e deve ser descrita e inventariada” já descrevia Berque (1998), mas, para, além disso, procurar realizar uma leitura consistente e buscar as razões desta inserção destes “novos” elementos nesta região por intermédio das percepções e das ambiências relatadas pelos entrevistados, isto é, seriam as *matrizes* que correspondem no espaço geográfico estudado.

As transformações que ocorrem nas paisagens do reconhecido bioma Pampa, no sudoeste do Rio Grande do Sul, são decorrentes de um processo geohistórico, importante

pela razão socioeconômica que possui forte influência na economia do Estado. Essa paisagem representa uma *marca e matriz* para a formação social do RS. Os processos de transformação ocorrem de modo que condicionam os agentes transformadores da paisagem a reproduzirem uma lógica produtiva e que muitas vezes não estão no controle deles.

6.5 Sobre representação e imagem:

Como mencionado anteriormente, o conceito de paisagem carrega historicamente a referência do visível na sua construção, isto é, uma leitura da imagem até onde a visão alcança. Atribuída comumente à ordem estética, a leitura da paisagem normalmente é referenciada a uma origem pictórica, a uma interpretação subjetiva da imagem, a uma construção cultural que não pode ser “confundida com o ambiente natural, nem com o território ou o país” (Besse, 2006, p.61). Logo, existe um risco de simplificar a importância da leitura da paisagem, isto é, é necessário questionar os fundamentos quando o conceito analisar apenas a ordem da estética. Em outras palavras, conforme Besse questiona:

Se se está de acordo que a paisagem é efetivamente uma produção cultural, as significações culturais que ela contém, e que são como que projeções culturais sobre o “país”, não podem ser reduzidas unicamente a significações estéticas: é preciso também fazer jus a outros olhares culturais lançados sobre a natureza, a outros universos de significação, a outros conceitos e a outras práticas que, tanto quanto a estética, são investidas no território (investidas no sentido mais literal do termo). Há o olhar do cientista, o do médico, o do engenheiro, o do religioso ou do peregrino etc. Em cada caso, o território é afetado por qualidades paisagísticas particulares, próprias ao interesse daquele que o considera. (Besse, 2006 p.62)

Essas importâncias dadas à representação cultural dos objetos que compõem a paisagem não são simplórias. Elas remetem a signos que consistem em produtos objetivos, externos, materiais, e também representam ações, práticas, costumes, que deixam marcas e simbolizam uma época, caracterizando um território. Faz-se necessário aprendermos a *ler* a paisagem. Conforme explica Besse (2006), a paisagem sendo um signo, ou um conjunto de signos, se faz necessário “aprendermos a decifrar, a deciptar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção.” (2006, p.64). Seria um modo de leitura de mundo que não se reduziria apenas a uma interpretação subjetiva das marcas distribuídas sobre um território, nem a uma simplória categorização

empírica dos elementos que compõem materialmente o espaço geográfico, mas a uma mescla de análises e compreensões de ambos os modos.

Segundo Raffestin (2010) a “paisagem pode ser definida como uma *imagem*” (2010, p.15), isso não caracteriza simplificar apenas na ordem da imagem, mas incorporar a paisagem como “*produto da territorialidade*” (p.15). Nesse contexto, a paisagem seria, então, uma representação imagética da relação entre a materialidade e a imaterialidade da realidade geográfica⁴. Buscar um aprofundamento dos processos da realidade representados por imagens auxiliam na sua compreensão, porém é importante ressaltar que este *modus operandi* é uma ferramenta para guiar determinadas leitura de realidade. Se a imagem pode representar um território, é compreensível que haja a fragmentação da realidade presente no mesmo, pois a representação trazida pela imagem não compreenderia a totalidade das relações presentes no território estudado. Mesmo não desmerecendo a existência subjetiva dos signos/marcas/elementos e não reduzindo apenas a uma leitura simplista de uma imagem, a representação, conforme afirma Raffestin (2010):

“...É um instrumento para fragmentar a realidade. A imagem, ou melhor, as imagens são sempre indispensáveis para apropriar-se do real. Não existe compreensão sem a ajuda de uma imagem. Os conhecimentos da realidade que produzimos são contidos, em parte, nas representações que usamos para criar.” (2010, p.17)

Compreende-se, assim, que a busca da compreensão da realidade geográfica, a partir da paisagem revela e esconde informações que compõem a complexidade das relações contidas no território. Remetemos ao texto de Besse no começo deste capítulo: faz-se necessário compreender que captamos apenas o aspecto exterior da paisagem de início, porém treinar o olhar para interpretar os signos é necessário para se “ler a paisagem”.

É necessário aprofundar a diferença entre a imagem e o território, para não confundir conceitualmente os termos. Raffestin (2010) caracteriza território como uma “realidade diacrônica construída ininterruptamente/continuamente” (2010, p.16) e a imagem consistiria na “maneira sincrônica” de representações do território material. Ou seja, Raffestin

⁴ A realidade geográfica, segundo Eric Dardel (1899-1967), caracteriza uma forte associação entre a existência humana sobre sua condição terrestre, buscando estabelecer a importância da *relação* dos seres humanos com a natureza. “A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecê-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar.” (2015, p. 34). Já Raffestin (2009) afirma que a realidade geográfica é um “pretexto para a produção de imagens. Imagens susceptíveis de ensinar uma dupla coisa no mesmo momento a respeito do lugar e do olhar mediatizado por um ator que faz a representação.” (2010, p.16).

distingue: “a realidade é produzida segundo um jeito contínuo, mas a imagem é produzida segundo um jeito descontínuo, porque não seria interessante registrar, também se possível, imagens de maneira ininterrupta” (2010, p.16). Portanto, a paisagem seria resultado de múltiplas variáveis imagéticas e, também, de apenas um registro de imagem. Esses registros auxiliam na compreensão das relações de transformação de um determinado território. Conforme afirma Raffestin (2010), paisagem é resultado de um "*processo de produção mental* que tem origem na observação humana mediatizada por diferentes linguagens: naturais, da pintura, da escultura, lógico-formais e matemáticas" (2010, p.17). O mesmo autor, afirma que a paisagem é uma "*imagem do território* e é sempre um documento histórico, bidimensional, enquanto o território é tridimensional" (2010, p.17). Essa ideia caracteriza diferenças importantes para se compreender as variedades conceituais da paisagem com os outros conceitos da Geografia.

Compreende-se quando Raffestin (2010) cita paisagem como "documento histórico", onde o passado pode nos fazer compreender o presente, e quando se projeta através da subjetividade artística, possibilitando outras leituras possíveis da realidade geográfica. É composta por elementos que preenchem um lugar no espaço e carrega uma história da transformação do espaço geográfico. Ela carrega objetos que criam ou que mudam as subjetividades das pessoas, influenciam nossos comportamentos e transformam uma cultura.

Buscar um aprofundamento dos processos representados pela imagem e que constituem um território, reforça a condição de existência objetiva e subjetiva dos signos/marcas/elementos e aprofunda a busca de uma leitura que se baseia na evolução temporal - processo geo-histórico - do território, não reduzindo apenas a uma leitura simplista de uma representação pictórica.

Esses conjuntos de signos remontam a imagem de um Pampa que é simbólico para várias comunidades acadêmicas e não acadêmicas, que ao procurar aprofundar o conhecimento sobre esse bioma, se justificam apresentando imagens representativas de sua singularidade ambiental. Um exemplo disso é o modo como se representa a luta do movimento ambientalista, principalmente de instituições localizadas na capital Porto Alegre, para que o bioma Pampa seja considerado Patrimônio Nacional via Constituição Federal⁵.

⁵ Pauta bastante defendida no evento ocorrido no dia 17 de dezembro de 2015, em Porto Alegre (RS), no Dia Nacional do Bioma Pampa, na UFRGS – Faculdade de Ciências Econômicas. Intitulado como “O Futuro do Bioma Pampa” e organizado pelos: Movimento Gaúcho em Defesa do Meio Ambiente (MoGDeMA),

A representação imagética trazida por esses movimentos ambientalistas demonstra que não é apenas uma questão biológica a importância dada ao bioma Pampa, mas também a necessidade de preservação de elementos sociais na paisagem. Consequentemente, buscando preservar a flora, a fauna e os modos de vida (pecuária familiar e turismo rural familiar), se argumenta que a importância do bioma é compatível com sua transformação em um Patrimônio Natural, devido a essa particularidade ambiental. Isso se evidencia nos pôsteres colocados no dia do evento “Dia do Bioma Pampa”, ocorrido no dia 17 de dezembro de 2015 na Faculdade de Ciências Econômicas (FCE/UFRGS), no qual as fotografias e os textos configuram esses discursos (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**, Figura 2 e Figura):

Os Campos Sulinos:
Patrimônio do sul do Brasil
A importância da biodiversidade

EVCamp
Laboratório de Estudos em
Vegetação Campestre

Rede Campos Sulinos

Muito mais do que plantas!

A vegetação campestre constitui a base para inúmeros outros organismos: insetos, aranhas, aves, répteis e pequenos mamíferos, dentre outros organismos – a riqueza dos campos não se mostra somente nas plantas!

Além disso, os campos são valiosos por causa dos importantes serviços ecossistêmicos que fornecem: contribuem no controle da erosão e na infiltração da água no solo; são ambientes com capacidade de armazenar carbono no solo; oferecem recursos para organismos polinizadores. Nós dependemos destes serviços em muitos aspectos!

Biodiversidade
Riqueza de espécies
Composição de espécies
Interações

Características da comunidade propiciam os processos no nível do ecossistema

Processos ecossistêmicos
Produtividade
Ciclagem de Nutrientes
Polinização
Regulação hídrica

Processos naturais geram recursos ou suprem demandas que não seriam obtidas sem eles

A relação estreita entre biodiversidade, processos e serviços ecossistêmicos tem sido amplamente reconhecida, por exemplo no Millennium Ecosystem Assessment do ONU em 2005

Serviços ecossistêmicos
Produção agropecuária (forragem)
Contenção de erosão
Recarga de aquíferos

Biodiversidade – patrimônio natural

Potencial turístico e cultural

A biomassa dos campos serve de forragem para a pecuária de corte, uma atividade tradicional no bioma Pampa e com grande importância econômica – e que contribui para a conservação da biodiversidade. Além disso, a cultura gaúcha está diretamente ligada aos campos, as paisagens típicas e à atividade pastoril.

Algumas paisagens dos Campos Sulinos, tais como os butiaçais, oferecem, além do valor forrageiro do campo, possibilidades de uso específico, por exemplo produção de artesanato ou até uso culinário através das folhas e frutos do butiazeiro.

Logos: UFRGS, Igré, CNPq, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Rio Grande do Sul

Figura 1: Pôster exposto no Dia do Bioma Pampa, no dia 17 de dezembro de 2015 na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.



Figura 2: Pôster 2 (parte 1) exposto no Dia do Bioma Pampa, no dia 17 de dezembro de 2015 na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS



Figura 3: Pôster 2 (parte 2) exposto no Dia do Bioma Pampa, no dia 17 de dezembro de 2015 na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS

Contempla-se, com isso, a importância das fotografias e do método para se captar as imagens que serão relatadas no processo de entrevistas e questionários - que serão descritos posteriormente. As imagens, em formato de fotografia serão estáticas, de modo sincrônico, procurando representar as características citadas nos discursos e respostas escritas nos questionários dos proprietários entrevistados na área de estudo. As simbologias representadas nas imagens serão de extrema importância para se comprovar o que se constata empiricamente nas paisagens percebidas e transformadas ao longo do tempo.

6.6 Paisagem como herança?

Com toda essa carga de importância dada à paisagem do bioma Pampa, também devemos conceber a paisagem como um produto de acumulação de tempos, afinal conceber um referencial geohistórico é imprescindível para realizar uma leitura detalhada da paisagem. Assim como Ab'Saber (1977) destaca como uma *herança*, a paisagem se torna realmente uma herança da sociedade. Os processos fisiográficos e biológicos não são descritos de modo alienado de todo processo espacial que existe sobre a Terra. Se as formas se tornam o reflexo de todos esses processos, é compreensível que há muita dificuldade (se não, impossível) em encontrarmos e descrevermos uma paisagem totalmente alheia da ação social sobre ela. Se torna herança nesse aspecto, pois a paisagem é “herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades” (Ab'Saber, 1977).

A “região do Pampa”, o “território do Pampa”, o “bioma Pampa”, são exemplos de nomenclaturas dadas pelos estudos ambientais e, também, nos discursos das pessoas que definem a partir destas características fisiográficas e biológicas das formas a paisagem do Pampa, uma delimitação da ação humana sobre esse território. O conceito de paisagem está mesclado na descrição dessas formas e caracterizam, dando ênfase, as formações de tradições culturais e classificações das diferentes ações sociais sobre essa região.

O processo histórico de ocupação e de produção da pecuária, desde a invasão ibérica no continente sul-americano até os dias atuais, é lembrado e utilizado como argumento para

defender a manutenção da biodiversidade do bioma Pampa. Nesse contexto, a definição dada por Ab'Saber (1977) em dois diferentes níveis de abordagem sobre paisagem contempla o método de análise utilizada:

- No primeiro nível, apresenta um caráter de heranças “de processos de atuação antiga, remodelados e modificados por processos de atuação recente”. Modelagens das paisagens relativo à forma, contextualizada pela geomorfologia e pelos seus processos. Nesse primeiro nível a relação temporal está associada ao tempo da natureza, das formas de relevo oriundos das forças naturais, isto é, um contexto de milhões a dezenas de milhões de anos. E, também, os processos remodeladores mais recentes – relativo ao período Quaternário – que caracterizam as formas como as que conhecemos atualmente, trabalhando numa escala temporal de alguns milhares de anos.
- No segundo nível, está a importância dada a paisagem como uma herança social. Onde o autor atribui a responsabilidade que temos para a utilização não-predatória da paisagem terrestre, “mais do que simples *espaços territoriais*, os povos herdaram paisagens e ecologias, pelas quais certamente são responsáveis, ou deveriam ser responsáveis”. (Ab'saber, 1977, p.10). A importância de desenvolver um conhecimento técnico que busque conhecer as limitações dos diferentes espaços e paisagens, buscando uma maneira mais racional de uso, no intuito de preservação do equilíbrio fisiográfico e ecológico.

O segundo nível de abordagem descrito por Ab'Saber é de extrema importância, visto que a sociedade, cada dia que evolui tecnologicamente, parece estar se encaminhando para uma relação socioeconômica com utilização mais intensa dos recursos naturais. Isso acaba resultando em paisagens transformadas com perdas de registros, conseqüentemente, das heranças. Sem o mínimo de questionamento sobre os motivos e as causas das mudanças da paisagem, culminaremos na impossibilidade de construirmos um conhecimento consistente e que visa melhor desenvolvimento socioambiental de um território. Inclusive, Ab'Saber ao citar Walder Góes (1973) sobre a necessidade de manter uma equidistância de um “ecologismo *utópico*” e de um “economismo suicida”, comprova a importância de estudarmos as potencialidades paisagísticas para se buscar um equilíbrio entre a nossa ação sobre a natureza.

É uma relação complexa, onde a dificuldade está justamente em criar uma consciência sobre os significados das heranças paisagísticas e ecológicas. As rupturas necessárias para uma evolução nas relações econômicas, culturais e sociais confere uma disputa pelo poder. A necessidade de uma manutenção dos aspectos ecológicos e das heranças paisagísticas, parece estar contra o que se denomina como “avanço” para o desenvolvimento econômico globalizado.

Compreende-se, desse modo, o desafio que é estudar a realidade geográfica para os profissionais geógrafos, pois a construção de uma análise que compreenda as inúmeras ações transformadoras do espaço geográfico está carregada de intencionalidades de diferentes agentes que possuem essa capacidade de transformar esse espaço. Assim afirma Dardel, na obra *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica* (2015), quando descreve a realidade geográfica, dentre inúmeras passagens, como o “lugar onde ele (se referindo ao “homem”) está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença” (p.34). Uma realidade que traz consigo uma forte identidade perceptiva de uma história de vida. A humanidade trazida por Dardel em sua obra descreve a necessidade de reconhecer que a subjetividade também influencia fortemente na leitura objetiva da realidade. Uma realidade geográfica que “exige uma adesão total do sujeito, através da vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica” (p. 34) demonstra claramente a impossibilidade de tratar os estudos de uma geografia sem considerar a subjetividade humana na leitura objetiva do espaço geográfico.

7 DIÁLOGO DE CONCEITOS: DAS PERCEPÇÕES ÀS AMBIÊNCIAS.

Para aprofundar a construção do nosso entendimento sobre a “percepção”, se destacar a influência cultural que a região exerce sobre os entrevistados e sobre a pesquisa. Nela, perceber e conceber a paisagem remete a uma escolha de método que corresponde a compreender a dinâmica geográfica, a partir das constatações materiais presentes nas formas, estruturas e funcionalidades. Segundo o dicionário Aurélio, o verbo “perceber” significa: “1. Adquirir conhecimento de, por meio dos sentidos. 2. Formar ideia de; abranger com a inteligência; entender, compreender. 3. Conhecer; distinguir; notar. 4. Ouvir. 5. Ver bem. 6. Ver ao long; divisar, enxergar. 7. Receber.”.

Associa-se o “perceber” muito ao universo da subjetividade, onde está dada pelo modo como uma pessoa constrói a sua leitura de mundo. Uma percepção delimita, questiona, instiga, aprofunda nossos pensamentos, porém não é determinante para uma constatação, embora auxilie. Como descrito no dicionário: “adquirir conhecimento de, por meio dos sentidos”, ou seja, não remete a uma simplificação de perceber um fato, mas como um método que auxilia na (des)construção das leituras de mundo a partir das percepções. A percepção não é limitada pelos adjetivos: como científica, artística, social, rural, urbana, dentre outros; ela apenas é um ato, um verbo, que representa nossa compreensão sensorial sobre o que aprendemos.

Sobre a percepção, Augustin Berque (1984) escreve que devemos:

“...considerar que a percepção é um sistema do qual o corpo do indivíduo perceptor constitui apenas um elemento. De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo)” (Berque, 1984, p.87)

Como esta pesquisa visa trabalhar a percepção sobre uma paisagem em transformação, tentar descrevê-la a partir do ponto de vista dos entrevistados, constitui na construção de uma paisagem que representa simbolicamente um grupo de pessoas. Se possível, a busca de uma leitura satisfatória seria, fazendo uma analogia perceptiva de uma referência musical,

como um trabalho que consiga perceber esse bioma tão agradavelmente quanto à música *Pampa*, de Gustavo Santaolalla⁶. O desafio estaria na busca pela representação sonora que é dada por esse musicista para o bioma que dá nome a música. O sentido sonoro, nesse caso, busca transcender a simplicidade descritiva de uma paisagem, agregando outros modos de lermos o Pampa. O bioma delimita um território que, a cada ano, compreende uma disputa ideológica, econômica e política. Sua transformação é reflexo dessas intencionalidades e reproduz lógicas sociais claras nas ações dos agentes que possuem essa capacidade. A percepção sobre essa conjuntura de fatos não é simples e não possui uma linearidade, logo, há uma complexidade que caracteriza um dos grandes movimentos ambientais do estado do RS, mobilizando diferentes comunidades do conhecimento e importantes tomadas de decisões jurídicas.

A melodia lenta de *Pampa* representa simbolicamente uma paisagem lenta, declarando uma mudança cronológica da realidade geográfica. Diferentes tempos e velocidades, diferenças sensoriais entre cidade e campo, as melodias lentas que percorrem as repetidas e extensas áreas de coxilhas do bioma Pampa constituem um importante patrimônio cultural e “descreve” sonoramente os diversos elementos históricos que compõem a paisagem. Não é difícil imaginar as típicas coxilhas de campos em uma música que apresenta uma melodia repetida e suave, com assobios soando em conjunto com a suavidade de um ronroco⁷ ressoando. A percepção dada a essa música corresponde diversas simbologias da paisagem do Pampa, afinal: como um músico latino-americano consegue repassar essa interpretação de uma música chamada “Pampa” sem a existência de uma paisagem típica como a desse rico bioma?

Assim, atribuir à percepção um modo de leitura de mundo, que fundamenta a construção cultural sobre determinadas paisagens, consistiria em um método de compreensão da realidade geográfica dos lugares em “transformação”. Relaciona-se essa maneira de entendimento quando Dardel (2015) escreve que “a paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre”. (p.30). Quão complexo pode ser a ciência geográfica compreendida em paisagens?

⁶ Renomado musicista argentino, natural de El Palomar (Gran Buenos Aires), vencedor de importantes prêmios da música (Grammy e Oscar) como autor de diversas trilhas sonoras para filmes e jogos eletrônicos.

⁷ Instrumento musical da “família” do charango (um pequeno instrumento de cordas sul-americano), possui uma tonalidade mais grave que o típico charango.

7.1 Conceber a holística da paisagem percebida

O processo de construção metodológico da paisagem também foi incorporado pela visão sistêmica da ciência, buscando uma compreensão global dos diferentes elementos tendo em vista a explicação de uma totalidade. Constituiu-se importante no meio acadêmico na década de 1970, destacando-se estudo geossistêmico da paisagem proposto por Bertrand, onde se compreende como um estudo das combinações dos elementos físicos, biológicos e antrópicos (Puntel, 2006) em diferentes escalas de análise possíveis.

É necessário ressaltar que não se pode reduzir esse tipo de estudo da paisagem na simplificação dos diferentes elementos que compõem uma paisagem, e sim buscar o inverso disso: uma compreensão da totalidade da realidade geográfica, uma relação holística que explique a profundidade do espaço geográfico. Assim como descreve Morin (1977, p.103) *apud* Puntel (2006), onde ele discute a questão da totalidade: “[...] não podemos reduzir nem o todo às partes nem as partes ao todo, nem o uno ao múltiplo nem o múltiplo ao uno, mas que temos de tentar conceber em conjunto, de modo simultaneamente complementar e antagônico, as noções de todo e de partes, de uno e de diverso”. Nota-se que a concepção sistêmica não reduz a uma explicação da paisagem totalizante, mas na compreensão das diferentes relações existentes entre os elementos que a compõem.

A importância social que a paisagem possui, além da construção descritiva e da catalogação dos elementos, enriquece a compreensão sistêmica dos elementos que compõem o espaço. Ou seja, a partir da paisagem, se pode conceber uma relação sistêmica como um conjunto geográfico indissociável, pois carrega consigo as subjetividades e o histórico de formação cultural de uma sociedade. O conceito se constituiria como um produto social, oriundo da inter-relação que imbrica os diferentes elementos, desde o natural ao social, e de como o indivíduo espectador a concebe pela sua percepção, ou seja, as informações que são apresentadas ao “ver” a paisagem.

O campo da percepção é variável de acordo com a formação de pensamento do indivíduo, do observador. A visão científica, por exemplo, é ligada à cultura do observador – como mais uma perspectiva de análise (Tuan, 2012), porém não exclusiva. O indivíduo atribui o seu conhecimento ao espaço abarcado pelo seu modo de perceber a paisagem, a partir dos seus sentidos fisiológicos: visão, audição, olfato, tato, paladar. Mas, também, não somente pela percepção, mas os modos de relação do indivíduo com o mundo, ou seja, o

contexto social e cultural que se insere e dá o sentido à sua relação com o mundo (Berque, 1998).

A paisagem, nesse aspecto, é carregada dessas subjetividades criadas pelo indivíduo que atribuem níveis de importância na relação de existência dele com o espaço. Desse modo, os sentidos e os significados atribuídos à paisagem perceptiva são influenciados pela visão de mundo do observador. E, dependendo do apreço do observador sobre os significados dados para os elementos da paisagem, adquirir uma relação topofílica com ela. Essa perspectiva de estudo não se limita ao campo da observação, pois insere uma reflexão teórica sobre a percepção do espaço e das formas (Puntel, 2006). Esta “potencialidade do conceito de paisagem para a pesquisa sócio-espacial reside em examinar como a paisagem condiciona a nossa (in)sensibilidade e o modo como somos socializados.” (Souza, 2013, p.57).

7.2 Geração de Ambiências

Tendo a percepção como foco de leitura da paisagem, escolheu-se o conceito de geração de ambiências (Rego, 2000) para complementar na análise desse estudo. Pois, através desse conceito, fornece-se a possibilidade de explorar as “leituras de mundo” que se constroem sobre o conceito de paisagem. Essas leituras de paisagem são acúmulos das diferentes vivências sobre o espaço geográfico, isto é, são referências que resultam de relações do indivíduo com o meio e que, conseqüentemente, constituem individualmente o modo como se entende o conceito de paisagem.

Através da geração de ambiência, possibilita-se trocas de informações para a construção de um mosaico de paisagens. Esse conceito nos permite explorar a paisagem, pois viabiliza a compreensão de informações sob contexto geo-histórico, isto é, são leituras contextualizadas pela existência dos sujeitos que vivenciam o espaço geográfico do Pampa. Os proprietários presentes na área de estudo expressam reflexões sobre suas ações cotidianas estando na paisagem de sua vivência, desse modo, são os sujeitos mais adequados para explicar o contexto dessa transformação da paisagem.

Logo, a utilização do conceito de geração de ambiência se justifica pela possibilidade de trocas de conhecimento entre leituras científicas e práticas sociais que são exercidas na área de estudo. A paisagem é o resultado material de um conjunto histórico de processos e é descrito através de um olhar analítico, de atores sociais, que interpretam esses elementos

materiais e buscam melhorar as condições do espaço geográfico que contextualiza a própria existência humana. Estudar a paisagem também remete entender as razões que resultaram na existência dela, então, a proposta de conectar à geração de ambiência foi justamente para contextualizar os motivos que tornaram a paisagem do Pampa como referência de paisagem no âmbito nacional.

Desenvolveu-se na Geografia importantes estudos da paisagem a partir da perspectiva do visível, isto é, o olhar como principal o instrumento sensorial para a leitura da paisagem. Logo, desencadeia-se um conjunto de conceitos sobre paisagem atrelada ao modo como se “enxerga” ela. Além da visão, a possibilidade de compreender a paisagem através de outras sensibilidades humanas pode reforçar a importância desse conceito. No presente trabalho, concebe-se a paisagem do Pampa como um mosaico de percepções, atrelada a um conjunto de valores culturais, e que causa diferentes sensações em cada indivíduo que a percorre. A visão sobre essa paisagem é limitada pelas grandes extensões de terras, com horizontes intermináveis, portanto, compreender as evidências da transformação dessa paisagem remete a ir além da percepção inicial como pesquisador. As ambiências foram geradas ao longo do trabalho através do diálogo com os proprietários, que revelaram as necessidades e as condições que influenciaram nas suas decisões como transformadores de suas paisagens.

A proposta para analisar a paisagem, a partir de um ato fisiológico tão banal como o ver, o caminhar, o “sentir”, e que garanta como resultado uma espacialização consistente, está na combinação de percepções que ela nos proporciona. Os trabalhos, que se utilizam do ato de caminhar como referência, combinam pensamentos individuais e coletivos. A racionalidade, a intencionalidade e a percepção da paisagem são filtradas conforme as especificidades de cada indivíduo.

Seria com essa abordagem psicossocial procurar relacionar o espaço como um *sistema de origem social para as atividades do indivíduo, constituindo a atividade humana como um exemplo de organização e funcionando como cultura e como instrumento funcional* (Reffatti, 2001, p. 15). Nota-se a necessidade de atribuir uma consistência ao pensamento do indivíduo. Essa perspectiva de análise terá como objetivo procurar elementos que são atribuídos a produção agrícola, buscando na leitura de mundo dos entrevistados, a partir das dimensões da paisagem, a relação dialética que eles possuem. A subjetividade e o discurso dos indivíduos pode ser uma ferramenta eficaz para construção das percepções sobre determinados assuntos e sua correlação com as transformações do espaço. Ou seja, para

estudar os atores/agentes que possuem a capacidade de transformar o espaço geográfico devemos, também, compreender quais seriam as intencionalidades desses atores/agentes. Dentro de uma leitura de paisagem e de uma constituição social que as tornam fundamentais para que ocorram as mudanças do espaço geográfico.

Com isso, a geração de ambiência, conceito proposto por Rego (2000), se apresenta como uma proposta de diálogo condizente com as transformações da paisagem que ocorrem no Pampa. O conceito contemplaria para sistematizar determinadas percepções e ambiências que condicionam as ações transformadoras do espaço geográfico e com isso associar com as marcas e matrizes determinadas pelas entrevistas realizadas e questionários respondidos. As ambiências são articuladas por uma construção de parcerias dialógicas, pertencentes ao domínio da *práxis*. E, sendo a paisagem percebida através dos objetos distribuídos no espaço, podem-se gerar infinitas interpretações que servem como compreensão da realidade geográfica no espaço x tempo.

A realização de entrevistas busca identificar as características de diálogos. Como descreve Rego (2000):

O significado do termo ambiência deseja remeter, no presente caso, a noção de espaço geográfico como um sistema composto por relações sociais articuladas a relações físico-sociais, espaço condicionador da existência humana e que pode, este espaço, ser eleito como objeto catalisador de ações transformadoras exatamente por este motivo – por ser condicionador da existência humana. (REGO, 2000, p.7)

Embora, o destaque da aplicabilidade sobre o conceito de ambiência, como teoria e como método, seja direcionado para práticas voltadas à educação, formal ou informal:

O conceito de geração de ambiências foi sugerido, portanto, com base em práticas em andamento, em escolas agrárias e de periferias urbanas, em movimentos sociais e em experiências vinculadas a políticas públicas relacionadas a questões ambientais, habitacionais, educacionais. (REGO, 2010)

A busca pela compreensão das ambiências remete no aprofundamento para trabalhos práticos dos geógrafos, seja como conhecimento acadêmico, seja na prática cotidiana, sobre a realidade. Logo, considera-se cabível aplicar nas relações existentes entre os atores/agentes e os pesquisadores que investigam as transformações da paisagem do Pampa. Entende-se, portanto, que o conhecimento não se restringe aos limites estabelecidos pelo ambiente

escolar, isto é, a troca entre as linguagens e as práticas dos proprietários e dos pesquisadores contribuem para a estudarmos as ambiências estabelecidas sobre a paisagem.

Para possibilitar que a proposta de diálogo responda quais percepções os atores possuem sobre determinada paisagem, ou conjunto de paisagem, é necessário estabelecer perguntas que contextualizem como estes atores leem sua relação com os lugares. Assim, procurando ir além da visualização superficial destes “novos” elementos que constituem suas paisagens cotidianas. Nesta perspectiva, é importante ressaltar resumidamente os três conceitos articuladores do conceito de ambiência: a relação *meio em torno/ meio entre*, a interpretação (hermenêutica) instauradora e a dialógica.

A relação *meio em torno/meio entre* articula o conceito de geração de ambiência, o *meio em torno/meio entre* constituem:

Meio *em torno* significa o conjunto articulado de relações materiais e simbólicas que contextualizam a existência humana, condicionando o próprio modo de ser de indivíduos e coletivos. Meio *entre* significa os diversos tipos de mediações que situam indivíduos e/ou coletivos perante uns e outros, como relações de trabalho, escolares ou familiares, entre outras formas de relações cotidianas. (REGO, 2010, p. 47)

Existe uma relação de troca contínua entre os “meios” e para a geração de ambiências se faz necessária o diálogo entre o meio e o *em torno*, a materialidade e os símbolos.

Sobre a interpretação (hermenêutica) instauradora, ela remete *do encontro da educação (formal ou não) com a geografia e campos afins do conhecimento como uma interpretação instauradora, sendo que a palavra “interpretação” nos remete a uma noção hermenêutica* (Rego, 2007, p.197). Por hermenêutica se entende como uma interpretação de um significado de algo que está por trás de um manifesto primeiro, isto é, supõe uma leitura transversal além dos fatos mostrado inicialmente. Torna-se, assim, um aprofundamento da interpretação de um texto ou, possivelmente, de um discurso.

Temos em comum, então, a existência de um texto primeiro, ou de um texto manifesto, e a interpretação que encontra significados outros, por trás ou imanescentes nesse primeiro texto. Hermenêutica seria esse processo de abertura do que está fechado. E dependendo do sistema de inter-relação dos conceitos que se faz, varia também aquilo que nós conseguimos perceber como o texto ou o objeto a ser interpretado. Essas são ideias correntes acerca do que seja hermenêutica. (REGO, 2010, p. 48).

Embora, esse segundo conceito apresente uma ampla complexidade na sua definição, se faz necessário estabelecer um limite pelo contexto do projeto. As relações capitalistas de produção e a leitura da paisagem podem divergir em diversos outros discursos que, no presente trabalho, poderão desvirtuar a discussão proposta. Por isso, é importante identificar em quais condições existenciais o indivíduo entrevistado está presente, fatos cotidianos e locais do espaço geográfico vivido. Se for possível estabelecer uma relação entre esses componentes, a identificação das simbologias e da constituição do indivíduo no meio *entre* estará presente em como ele percebe as transformações produtivas da região, refletindo no seu discurso.

Assim, se estabelece o terceiro conceito: uma relação dialógica. Termo designado para remeter ao diálogo, porém também constituído de uma lógica da complexidade. Nessa perspectiva, proposta por Morin, e contextualizada por Rego (2010):

(...) a dialógica enfatiza razões divergentes, porém, ao fazer isso, não apenas acentua oposições entre essas, mas igualmente acentua nas divergências as possibilidades de conciliações provisórias, costuras epistemológicas e operacionais para atuar em relação a questões efetivas de nossas existências – nossa existência que, multifacetada e de oposições interpenetradas e dinâmicas, não cabe nos limites de uma só razão, por mais que se pretenda totalizante. (REGO, 2010, p. 51)

A dialógica, portanto, nos possibilita aprofundamentos dos diferentes discursos que, ao se divergirem, podem complementar na relação de necessidade que um oposto tem pelo outro.

Morin *apud* Rego (2010) se baseia na lógica da complexidade e contextualiza que essa lógica não possui a intenção de complicação para o diálogo. Em outras palavras, a partir da dialógica aumentam as possibilidades de melhor contextualização das relações simbólicas com as condições físicas dispostas no espaço geográfico. A lógica da complicação reside *nos esforços de legitimação discursiva dos reducionismos e das mutilações* (Rego, 2007, p.204). E a lógica da complexidade auxilia na transgressão das autolimitações do reducionismo e *não se autoproíbe à apropriação e reelaboração operacional de conceitos e instrumentos de origem diversas, considerando uma/múltipla condição biosocioantropológica do humano* (Rego. 2010). E é nessa divergência entre métodos de diálogos que se encontra um dos focos dessa proposta de análise das percepções dos entrevistados, a partir da identificação pela dialógica conceber as diferentes leituras de mundo que possam justificar as interpretações dadas à paisagem do Pampa. Relaciona-las

aos elementos presentes no espaço que correspondam às transformações modo de produção na área.

Portanto, a paisagem nos revelaria possíveis intencionalidades dos poderes econômicos sobre um território, os atores responsáveis por essa transformação possuem suas leituras de mundo que correspondem a essa relação dialética entre o meio *em torno* e o meio *entre*, um espaço vivido – uma rede de manifestações da cotidianidade do sistema em torno das intersubjetividades que são, por sua vez, as redes nas quais se constituem as existências individuais (Rego, 2000) – e ela poderá ser identificada pela leitura hermenêutica das ideias presentes nos discursos dados pelos proprietários entrevistados.

7.3 “Fragilidade” da paisagem

É notável o quanto o termo “frágil” é associado às paisagens do sudoeste do RS. Isso se deve aos estudos que identificam a ocorrência do processo de arenização nesta região, desde Surtegaray (1987), Verdum (1997), entre outros pesquisadores. Existe um conjunto de condicionantes que caracterizam a ocorrência da arenização, Suertegaray (2012) descreve dentre elas:

“Os areais no Rio Grande do Sul ocorrem no Bioma Pampa, esse Bioma é caracterizado por um substrato, em parte, de solos rasos. No caso específico dos areais, a ocorrência é em substrato arenoso. Esse é recoberto por vegetação de campo entremeado, nas áreas mais úmidas, vales de rios e encostas de morros, com vegetação de mata. A vegetação de campo é caracterizada como vegetação relicto, ou seja, é uma vegetação típica de ambientes mais secos. Atualmente sua persistência deve-se às adaptações feitas e aos solos característicos da região que favorecem a sua manutenção”. (Suertegaray, 2012, p.154)

E dentre os motivos para a manutenção da presença dos areais, baseada nos estudos sobre o tema, ao longo de quase 30 anos, se destacam: as características do solo; a dinâmica hídrica; o regime de chuvas; o condicionante estrutural associado ao escoamento subsuperficial; e o uso do solo sem o manejo inadequado.

De acordo com Suertegaray (1987), a origem da arenização nesta região é um processo natural e, concomitantemente, pode ser intensificada pela atividade pastoril ou agrícola (2012, p.130). Reconhece-se, então, que o modo de produção econômica no sudoeste do RS

pode intensificar as problemáticas de erosão do solo, descaracterizando as condições oferecidas pelo meio natural e, conseqüentemente, refletindo em novas paisagens que despertam reflexões e debates entre a sociedade.

Embora o foco desta dissertação esteja no processo de mudanças sobre a produção econômica e o uso da superfície terrestre na perspectiva metodológica da paisagem, é importante ressaltar que os estudos referentes ao uso do solo inadequado que já caracterizam uma disputa política sobre a superfície terrestre do sudoeste do RS.

A adjetivação desta região como “frágil” é referência direta a condição pedológica do meio. O fato de ser um solo altamente susceptível à erosão, principalmente quando do “manejo agrícola, particularmente através de maquinaria pesada, promove a formação de sulcos que podem evoluir para a formação de ravinas e voçorocas” (Verdum, 2012, p.155). Essa condição ambiental caracteriza a construção de trabalhos científicos, como as de Móseno (2008) e de Pizzatto (2013), que trabalharam com: agriculturas em áreas frágeis de São Francisco de Assis e sobre o aumento expressivo das áreas de soja no Pampa Gaúcho, respectivamente

Estes trabalhos podem indicar que a paisagem está, também, em transformação. Devido as evidências materiais que as ações destes processos produtivos sobre a superfície terrestre resultam. Seriam, então, “novas” realidades geográficas na paisagem cultural da Campanha gaúcha no sudoeste do Rio Grande do Sul?

Ambos os estudos buscam compreender os processos transformações da produção agrícola. Evidentemente, isso se deve às características do sistema produtivo desta região onde predomina o sistema econômico primário. Porém, a condição dos produtores que estão se inserindo nesta região, já caracterizam uma lógica altamente tecnificada e relacionada a uma produção estruturalmente voltada a atender mercados internos e externos. Ou seja, de um modo geral, o sistema primário de produção é influenciado pela política macroeconômica que condiciona o modo de ação dos produtores que alteram a paisagem.

No trabalho de Pizzato (2013) o método de análise sobre a expansão de soja no Pampa no Rio Grande do Sul se desenvolve pela evolução econômica, segundo dados estatísticos, dos municípios que a autora pesquisa. A notável percepção para o desenvolvimento do seu trabalho está nas mudanças que as perspectivas de produção econômica sobre a metade sul do Rio Grande do Sul, região onde está localizado o bioma Pampa, está alterando a paisagem.

“Esta área carrega um conjunto de características naturais e históricas que vem sofrendo mudanças econômicas, ligadas principalmente à produção agrícola. Assim, o Pampa sempre foi caracterizado pela produção pecuária de bovinos e ovinos que de certo modo auxiliou na manutenção das espécies herbáceas e arbustivas nativas da região. A mudança produtiva vem pautada principalmente no aumento da produção de *commodities* agrícolas ou outras culturas que acabam por alterar a paisagem.” (Pizzato, 2013, p.22)

As alterações da paisagem instigam as pesquisas sobre a região, pois além de causar um impacto visual inicial, representam materialmente uma mudança de perspectiva sobre o entendimento do processo produtivo de uma região. Neste exemplo, nota-se que a produção de *commodities* é visto como um elemento diferente do que é a caracterização conhecida do Bioma Pampa. A presença desses “novos” elementos no processo produtivo em contraste com os elementos históricos presentes na área geram divergências na leitura da paisagem. Portanto, para o presente trabalho a percepção dos entrevistados será fundamental na compreensão do motivo deste processo produtivo estar alterando, além de agregar uma leitura sobre a inserção desses novos elementos na paisagem o qual vivem cotidianamente.

Conforme, Pizzato (2013), a divisão dos agentes (no caso, os produtores selecionados) atuantes na região são de categorias: *endógenos*, *exógenos e transicionais*; e se mesclam no seu modo de atuação. Resumidamente:

- Os agentes *endógenos* seriam aqueles que possuem laços íntimos com o lugar estudado, composto principalmente por moradores históricos;
- Os *exógenos* pertencem ao grupo de atuantes externos ao lugar, grandes corporações e atores envolvidos com relações alheias ao lugar em questão;
- E os *transicionais*, foram assim classificados aqueles que possuem uma relação direta de moradia com o lugar, porém que na sua atuação sobre o lugar acabam não construindo algum laço afetivo. São agentes que costumam morar no lugar, porém sua relação como atuante possui ora laços com atores exógenos, ora com endógenos.

Essa diferenciação entre os agentes sociais, estabelecida no estudo de Pizzato (2013), auxilia na busca de percepções que se constituem a transformação de uma paisagem. Pois, a ação sobre o uso do solo por qualquer agente transformador estaria diretamente vinculada a uma condição econômica. Algumas paisagens presentes no Bioma Pampa podem ser justificadas pelas novas territorialidade que estão ocorrendo na região, por exemplo, a

presença marcante de empresas de silvicultura com plantios de vastas áreas de eucaliptos em diversos pontos da região. Ou seja, não existe a obrigatoriedade da presença da estrutura material (sede, escritório) destes agentes exógenos no lugar de ação para que influencie na transformação dos processos produtivos nos municípios do sudoeste do RS.

Dentro desta leitura social dos agentes que transformam o sudoeste do RS, no caso do plantio de soja, a relação é atribuída aos agentes transicionais e endógenos, conforme presenciado e constatado nos trabalhos de campo. Estes agentes são os que possuem a capacidade técnica, administrativa, política e econômica de alterar a paisagem da área de estudo. E esta alteração é visualizada através da paisagem ao percorrer a RS-377 que conecta os municípios de Manoel Viana e São Francisco de Assis.

Embora a necessidade do plantio de grãos esteja relacionada às condições estabelecidas pelo mercado econômico - nacional e internacional, os agentes com essa capacidade produtiva possuem vivências e ambiências marcadas por lógicas culturais típicas da região da Campanha. São produtores que, na sua atuação diária, se identificam com as atividades que exercem e compõem um quadro de paisagens que descrevem o processo geohistórico de transformação de suas e de propriedades lindeiras. Esta familiaridade com as paisagens é abstraída nas suas atividades cotidianas, isto é, as mudanças ocorrem, porém elas se justificam como processos necessários para uma evolução socioeconômica. É uma lógica de atuação que pode ser influenciada pelas normas estabelecidas por políticas macroeconômicas sobre a produção agrícola.

8 PAISAGENS DO PAMPA: CAMINHOS METODOLÓGICOS.

A metodologia para realizar essa pesquisa foi construída a partir das referências teóricas e consiste em três etapas principais:

1) No reconhecimento da paisagem e dos conjuntos de elementos que a formam, a partir da área de estudo estabelecida na RS-377 - conhecida regionalmente como a "estrada nova" - que conecta os municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana. Neste caso, os elementos destoantes na paisagem revelam o crescimento de plantios de lavouras temporários em detrimento das superfícies pastoris. Esse crescimento do plantio da lavoura é presente desde a década de 1970, porém houve um freio deste modo de produção devido a fatores de fragilidade do meio nessa área empírica (processos erosivos, principalmente).

No entanto, as mudanças de produção agrícola na sua superfície retomaram o crescimento. E nesta perspectiva de produção econômica, a lavoura de soja apresentou maior destaque. A paisagem da RS-377, entre os municípios analisados, apresentou *a priori* estas transformações da lógica produtiva que está se instaurando nestes municípios.

2) O reconhecimento das ideias construídas sobre a paisagem do Pampa e suas características. Constatar a importância do Pampa para o Estado do RS, devido a fortes questões políticas que envolvem posicionamentos preservacionistas e progressistas sobre essa região. A paisagem do Pampa possui importante referência na (des)construção dos ideais e nas legislações vigentes sobre o seu bioma.

3) A realização de entrevistas com os produtores que estão instaladas na área de estudo. A entrevista de baseou em um questionário e em uma conversa informal gravada. A informalidade se deve com a perspectiva de buscar, no âmbito da percepção e ambiência dos entrevistados, as informações que justifiquem as escolhas pessoais para definir a sua produção nas propriedades. O uso do solo se destaca nesta análise, pois ela é a representação da superfície terrestre, onde estão sendo realizadas as produções agrícolas dos produtores entrevistados.

O fundamento para percorrer a rodovia RSC-377 consiste na possibilidade de gerar um modelo de análise que explore as transformações da paisagem. Buscou-se a partir das ambiências, do pesquisador e em detrimento aos relatos dos entrevistados, esse conjunto de

percepções sobre os elementos que compõem a paisagem. O motivo de escolha desta metodologia é auxiliar no entendimento sobre a complexidade das relações presentes no espaço X tempo nesses municípios. Abrindo a possibilidade de conceber as transformações materiais, a partir da construção subjetiva de cada indivíduo.

Além disso, possibilitou a construção de modelos para delimitar a paisagem analisada. Esse modelo é determinado por um traçado sobre uma imagem aérea e delimitado pelo campo visual de uma máquina fotográfica – buscar-se-á o “perceber”. E “perceber” remete a algo intrínseco a cada indivíduo. As fotografias registram representações da paisagem citadas nas entrevistas, ou seja, elas servem para contribuir na compreensão dos fatos registrados, através dos relatos e das respostas dadas no questionário.

O caminho a ser percorrido, a rodovia RSC-377 de São Francisco de Assis até Manoel Viana, se constitui subjetivamente de modo diferente para cada proprietário. Justifica-se pelas múltiplas vivências possibilitarem fortes relações de ambiências nesta região. As informações marcadas na paisagem, com a inserção dos novos elementos, caracterizado pela produção de grãos, gerará uma relação de informações que compatibilizam com as mudanças econômicas ocorrentes na região. São destas percepções que se descrevem, desde o raciocínio lógico pessoal sobre aspectos da sociedade - política, econômica, biológica - pelas vivências com a paisagem, até a interpretação sobre as ações *in loco* de suas produções sobre o solo.

Portanto, optou-se por dialogar, sempre que possível, sobre como se constitui o cotidiano dos proprietários focos da área empírica. O motivo disto era a possibilidade de construir a análise sobre suas relações diárias com a área de estudo, ou seja, desse modo conceberíamos como se constroem as ambiências dos produtores nas relações do *meio entre* e o *meio em torno* – conceitos chaves para a compreensão da geração de ambiências. Então, nossa leitura da paisagem buscará relacionar os elementos culturais e econômicos atribuídos pelos entrevistados, procurando as ambiências estão se constituindo com os elementos diretamente ligados à produção agrícola. Desse modo, para atingir este objetivo utilizaremos de uma abordagem psicossocial concomitante com a geração de ambiências com os entrevistados.

8.1 Paisagem do Pampa – referências:

Sobre o segundo momento do presente trabalho, buscou-se as referências da paisagem do bioma Pampa relatadas e registradas em trabalhos não acadêmicos – construídas, principalmente, em Porto Alegre - e de movimentos ambientalistas (sob um viés acadêmico) que reconhecem a importância da preservação do bioma Pampa. Estas referências possuem relevância, devido ao modo como o movimento se articula para transformar o bioma Pampa em Patrimônio Cultural, segundo a Constituição Brasileira.

Isso demonstra a forte relação de embate político que existe sobre o território da Campanha gaúcha, no qual as principais referências ditas e reproduzidas textualmente, trazidas por estes movimentos, são termos que remetem a cultura geohistórica, a ecológica - e suas especificidades biológicas - e patrimoniais da região, por exemplo: "campos sujos", "pecuária", "ocupação ibérica", "patrimônios culturais", "tradicionalismo", "campos sulinos", "vegetação campestre", "O pastejo - aliado na conservação dos campos sulinos"⁸ entre outros termos.

No entanto, mesmo existindo uma quantidade considerável de informações sobre o bioma Pampa, onde se associa a importância da preservação da “paisagem natural” (neste caso, como “natural” se entende a característica ecológica preservada) que serve como justificativa para que muitos elementos presentes nele sejam considerados patrimônios culturais, a relação entre os movimentos ambientalistas e os produtores rurais acaba por se tornar conflituosa. Há laços de desconfianças e justificativas sobre a questão ambiental, principalmente do processo erosivo, e a construção socioeconômica dos produtores.

8.2 O questionário e as entrevistas: contribuição na leitura da paisagem.

Na perspectiva de identificar os “novos” elementos presentes na paisagem, que revelam a inserção de outra lógica produtiva nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana, foi construído um questionário (Anexo 1) que serviu como base para a identificação das marcas e das matrizes dos proprietários entrevistados. Os proprietários focos para esta dissertação foram selecionados a partir de uma leitura prévia da paisagem

⁸ Ver **Figura 2** e **Figura 3**.

que existe no recorte da área de estudo: propriedades localizadas entre Manoel Viana e São Francisco de Assis e que são visualizadas a partir da rodovia RSC-377.

Esta rodovia estadual coincidente possui neste trecho, aproximadamente, 40km e as propriedades localizadas entre esta rodovia e o rio Ibicuí foram as selecionadas para compor a Unidade de Paisagem (Verdum e outros, 2006) possibilitando a construção da leitura da paisagem neste presente trabalho. Esta escolha foi concretizada em junho de 2015, data no qual foi realizada uma saída de campo e que, após diversas reflexões, chegamos a um consenso de estabelecer um recorte mais preciso da paisagem em questão. Isso se deve ao fato de que este trecho da rodovia apresenta uma paisagem com quantidades excepcionalmente variadas de elementos e indicam a inserção de novas lógicas capazes de transformar a paisagem dos municípios.

As entrevistas buscaram, através da identificação destes elementos, conceber o modo como os proprietários percebem a transformação da paisagem. Estas informações foram também buscadas através das ambiências retratadas pelos entrevistados. Logo, as ambiências e as percepções contextualizarão as identidades dadas aos “novos” elementos presentes na paisagem. Cabe destacarmos que ao trabalhar com percepções remetemos, muitas vezes, ao método da fenomenologia de pesquisa, porém, é necessário se aproximar de uma discussão que incorpore questões que consigam abarcar a relação dialética que existe entre o processo econômico e a transformação da paisagem. É de grande importância a compreensão entre a relação da forma, da estrutura e da funcionalidade através da paisagem, ou seja, buscar o entendimento da paisagem além da leitura sobre essência dos objetos através da subjetividade humana.

Portanto, para construção do questionário foi importante estabelecer que os conceitos trabalhados explorem o campo do existencialismo, marxismo, mas que também se amplia numa visão que incorpora a cultura, as representações e seus significados (Suertegaray, 2005). Desse modo, se distanciando da Fenomenologia Clássica, o conceito de paisagem ganha outra perspectiva para realizar a análise do espaço geográfico, inclusive na construção de teorias voltadas para o aspecto cultural da relação entre sociedade e meio. Em outras palavras, é a partir do conjunto de percepções humanas que a capacidade da sociedade de interpretar, de moldar e, também, de reconstruir os objetos existentes e distribuídos no espaço geográfico resultará no poder de alterar as heranças da paisagem. E tal poder representa mudanças de lógicas culturais de uma sociedade.

O questionário (Apêndice) teve como base a pesquisa realizada por Verdum *et al* (2012), sobre as percepções da paisagem decorrente do impacto causado pela instalação de aerogeradores em uma área onde historicamente não possuía tais elementos. Na construção das perguntas buscou-se identificar, através da relação entre as formas, estruturas e funcionalidades e em uma escala temporal, quais as influências que a instalação de elementos que atribuem a inserção da agricultura – principalmente, da lavoura temporária de grãos – causaria nas leituras de paisagem dos entrevistados.

Então, para este questionário, foi construído uma sequência de perguntas que visam buscar informações referentes ao conceito de paisagem, à temporalidade e às ambiências dos entrevistados. A percepção fica subentendido no modo como as respostas são dadas, tanto na forma escrita quanto nas falas registradas das entrevistas concomitante com a aplicação do questionário. Inicialmente, busca-se identificar o entrevistado com a primeira parte denominada “atores da paisagem”, essa foi identidade atribuída aos entrevistados: essa condição de “ator”⁹ se refere a atuação, propriamente dita, nas atividades diárias de suas propriedades. Estabeleceu-se a temporalidade de residência e a sua naturalidade, pois desse modo, compreendemos em partes o pensamento sobre a dinâmica de transformação da paisagem a partir da leitura temporal do entrevistado.

Na segunda parte, busca-se a referência local que o entrevistado possui em relação ao lugar que reside. Essas referências, inicialmente, seriam de identificação do pesquisador, porém o preenchimento dela foi realizado pelos entrevistados, o que por um lado permitiu maior liberdade para as respostas.

Na terceira parte foram atribuídas as leituras dos conjuntos de paisagens. Nesta parte, destaca-se a procura pela referência que os entrevistados possuem das paisagens cotidianas, além disso, é buscado como os entrevistados atribuem sua compreensão do próprio conceito da paisagem.

A parte quatro se ateve a temporalidade interpretada sobre as transformações da paisagem, atribuindo referências de tempos passados e presentes: é importante destacar a construção temporal sobre as leituras de paisagem feitas pelos entrevistados. Se as transformações materializadas em suas vivências transformam as suas percepções.

⁹ Escolhemos no questionário a denominação “ator”, porém também pode ser caracterizado como “agentes”. A escolha foi estabelecida sem um caráter preciso socialmente, pois tanto o “ator” como o “agente” influenciam na transformação da paisagem, mesmo possuindo funções sociais diferentes.

E, por fim, na quinta parte as perguntas se especificaram nas relações de ambiências construídas pelas paisagens de referências. Perguntas associadas ao modo de leitura, motivações e relações atribuídas ao processo de transformação da lógica produtiva sobre as paisagens estão destacadas nesta última parte.

Assim, a adaptação realizada no questionário serviu como escopo para identificar, além das percepções dos entrevistados sobre a paisagem, como se constituem as ambiências desses atores diante das transformações da paisagem. Portanto, ele consistiu de grande relevância para a construção do presente projeto.

A investigação, para se localizar os proprietários da área de estudo, foi realizada em dois órgãos institucionais que atendem o setor do campo no município de São Francisco de Assis: a EMATER-RS e o Sindicato Rural. Ambos órgãos não possuíam um cadastro formal das terras dos proprietários, porém mantinham a relação de contatos telefônicos dos proprietários que recordavam.

A relação de propriedades e proprietários, inicialmente, foi estabelecida pela EMATER-RS através da lembrança de um dos funcionários públicos do local. Há de se questionar como os funcionários do local lembravam de alguns proprietários, será que era pela lembrança perceptiva das paisagens de suas propriedades? Enfim, a relação de proprietários, embora informal, foi bem-sucedida e estabeleceu uma rede de contatos que caracterizaram as buscas posteriormente. A área de estudos é caracterizada por apresentar uma estrutura fundiária de grandes propriedades e de médias propriedades, variando de áreas de aproximadamente 3.000ha a 150ha por proprietários. Esta medição também não é precisa, foi dita por alguns proprietários em suas entrevistas, porém consiste em revelar as diferenças dos modos produtivos pegando como referência o tamanho das áreas.

Os contatos telefônicos iniciais foram dados pela EMATER-RS, mas melhor conferido pelo Sindicato Rural que mantinha os contatos atualizados. Após esse contato inicial, ao longo da pesquisa e das conversas com proprietários, novos nomes e contatos foram repassados, possibilitando a construção de melhor precisão das propriedades existentes na área de estudo.

Existem, aproximadamente, cerca de 10 propriedades que fazem limite entre a RSC-377 e o rio Ibicuí, ou seja, na área foco de estudo. Porém, existem outras divisões entre proprietários (arrendatários, parcerias), que podem somar ao número inicial, embora não

façam parte destes limites estabelecidos para a pesquisa. Algumas entrevistas não obtiveram sucesso por não haver compatibilidade de tempo entre entrevistado e entrevistador, ou por questões particulares dos produtores que não puderam ceder uma entrevista.

Conforme já constatado: a ausência de precisão sobre as informações de propriedades se deve à falta de cadastros formalizados nos órgãos pesquisados inicialmente. Portanto, a informação do número aproximado de propriedades na área de estudo é resultado de suposições entre os entrevistados. Então, por estes motivos específicos, se obteve em torno de 7 (sete) entrevistas e questionários preenchidos, ou seja, do total suposto 70% foi contemplado para esta pesquisa.

8.3 Fotografias: ferramenta de leitura da paisagem.

Como já concebido, o conceito de paisagem retomou para os estudos da Geografia um posicionamento de maior relevância na construção do conhecimento. E este conceito incita, de um modo geral, a curiosidade aos leigos, afinal: como estudar o espaço geográfico a partir da paisagem? Muitas vezes, decorrente do método de observação (da visão) há uma simplificação sobre a leitura do conceito. A visão abarca, conforme a perspectiva de cada observador, a construção a partir disso é uma relação mais complexa entre o observador e o objeto que está sendo observado. Portanto, faz-se importante reflexões sobre a constituição geohistórica e de outras informações que a paisagem potencializa para se fazer uma leitura geográfica.

Se o conceito possui uma associação direta com a visão e a condição de representação a partir de uma imagem, de um momento, devemos considerar importante a ferramenta da fotografia para buscar construir analiticamente as evidências mostradas pela paisagem. Associa-se, principalmente, ao conceito o seu caráter essencialmente descritivo sobre um determinado espaço geográfico, território ou lugar. Porém, a paisagem resulta de múltiplas variáveis imagéticas e que serve como uma poderosa ferramenta para a compreensão das relações de transformação de uma determinada realidade geográfica. Assim, conforme afirma Raffestin (2009), paisagem é resultado de um "*processo de produção mental* que tem origem na observação humana mediatizada por diferentes linguagens: naturais, da pintura, da escultura, lógico-formais e matemáticas" (2010, p.17). O mesmo autor, afirma que a paisagem é uma "*imagem do território* e é sempre um documento histórico, bidimensional,

enquanto o território é tridimensional" (2010, p.17). Essas ideias representam a chave para compreender as diferenças conceituais da paisagem com os outros conceitos da geografia.

Compreende-se quando Raffestin (2009) cita paisagem como "documento histórico", onde o passado pode nos fazer compreender o presente. E projetar, através da subjetividade humana – de modo sistemático ou abstrato (artístico) – por imagens as representações das possíveis realidades geográficas ditas pelos entrevistados, corresponde atribuir a importância desta ferramenta poderosa que pode ser a fotografia.

As fotografias geradas para fins desta dissertação são compostas por elementos que preenchem um lugar no espaço geográfico e carrega uma história da sua transformação. Esse material fotográfico representa objetos que carregam simbologias que criam ou que mudam as subjetividades das pessoas. Auxiliando na compreensão da cultura que é atribuída ao nosso gênero de vida, uma representação cultural de uma sociedade.

Compreender o tipo de construção perceptiva da paisagem, a partir das fotografias (imagens que representam algo), que esses atores/agentes possuem (os atuais trabalhadores rurais, os antigos proprietários, os cidadãos, os visitantes, entre outros) é necessário para estudar as subjetividades que são construídas socialmente em relação à paisagem do Pampa. Assim, relacioná-la com as manifestações concretas – a paisagem objetiva, como marca – resultante dessas “novas” relações econômicas (agricultura em detrimento à pecuária), constituirá no diálogo para analisar a dinâmica geográfica do presente.

Esse fato poderá culminar em uma brusca mudança de toda uma conjuntura social, portanto, procurar compreender os novos processos ocorrentes na produção do espaço geográfico do Pampa gaúcho se faz necessário.

8.4 Roteiro de análise: identificando os signos, sinais e significados na dialógica da paisagem.

Estudar a paisagem remete a uma escolha de método, sendo que nesta dissertação adotou-se uma proposta que objetiva, a partir da “leitura de paisagem”, construir dois níveis de análise, proposto por Verdum (2012): de observação e diferenciação da paisagem e da escala temporal.

Inicialmente, foi realizado um levantamento de elementos (composição da forma e a estrutura) para identificar e elaborar uma reflexão sobre a possível *paisagem do futuro*

(Verdum, 2012): neste caso, paisagem campestre voltada para a pecuária se transformando em uma paisagem agrícola, com estruturas fundiárias subdivididas e tecnologicamente modernizadas, ou seja, a partir da *apropriação* e do *uso* (funcionalidade) se identificaram as mudanças na perspectiva do trabalho e das técnicas utilizadas (Verdum, 2012) nos municípios analisados.

Outra observação pertinente sobre este processo de transformação é que já ocorre em uma temporalidade considerável. Cabe recordar que desde 1970 já existe a inserção da produção agrícola relacionada aos cultivos nos municípios analisados. Logo, esta paisagem agrícola já está há praticamente duas gerações (46 anos) presente nos municípios analisados. O aumento gradativo das áreas destinadas a produção da lavoura temporária é acompanhado de outra tendência: a chegada de novos produtores adquirindo terras nestes municípios, seja comprando ou arrendando. Existe uma relação entre a faixa etária dos proprietários e o modo de produção que eles adotam: produtores que pertencem a uma geração posterior a 1970, acompanham a tendência da produção agrícola, enquanto os mais antigos parecem manter a tradição da pecuária nos campos sujos.

Portanto, nesse presente estudo, as mudanças no uso do solo caracterizam as principais transformações da paisagem e, para investigar este processo de mudança, é necessário dialogar com produtores afim de buscar motivos que levam a essas transformações. O modelo estrutural de produção agrícola reflete, principalmente, sobre a superfície do solo e essa relação consiste na sua importância social. Quando se identifica, pela visão, o indício de que existem elementos “diferentes” em um determinado território, é o princípio das evidências para compreender os paradigmas e a sua ruptura no espaço geográfico.

Neste caso, a proposta foi construir um perfil de leitura dos produtores sobre o uso do solo (funcionalidade), ambiências e interpretações da paisagem (percepções) que abarquem com consistência as transformações que estão ocorrendo na área de estudo. Esta proposta resultou em:

- Na identificação das paisagens de referência citadas pelos produtores. Estas referências correspondem as marcas e relacionam as matrizes pessoais. São conceito que representam a subjetividade dos entrevistados na leitura da paisagem, tanto *individual* como *coletiva* (Verdum, 2012).

- Na realização de registros fotográficos das paisagens de referência. A captação destas imagens foi proposta para estabelecer uma conexão entre a metodologia trabalhada por Berque (paisagem marca e matriz) e um parâmetro cultural de leitura da paisagem.
- Na associação entre a geração de ambiência com as paisagens referências e transformada.

Compreende-se que o perfil proposto é uma síntese de percepções que representam uma realidade geográfica, na leitura dos produtores. Um modelo que, objetivamente, buscou conciliar as diferentes leituras da paisagem com as marcas que revelam as novas produções econômicas do Pampa.

Esse modelo construído, a partir desta leitura, consiste em representar a evolução do processo produtivo para cada produtor, decorrente das respostas dadas nos questionários e nas entrevistas. Seria o registro temporal deste processo e as interpretações pessoais sobre este fato.

As fotografias registradas foram o resultado de um “perfil” visual da superfície terrestre e gerada a partir de um transecto - estabelecido pelo ponto onde se registra a imagem visualizada com uma máquina fotográfica e o limite possível até onde a visão abarca. Este limite da visão será estabelecido, provavelmente, por algum elemento geomorfológico, biológico (vegetação) ou desvios topográficos.

Sendo a paisagem entendida como uma porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão, onde se dá como um conjunto de objetos reais-concretos, sua representação e construção como modelo, provavelmente, não representará a totalidade da realidade geográfica. Desse modo, a categoria de modelo que pode mais se aproximar da proposta para representar essa paisagem é um *modelo gráfico*, e de acordo com Brunet, Ferras e Théry (1993), estes modelos:

Representam a estrutura de um espaço determinado, de um campo geográfico. A coremática está relacionada com a análise e interpretação das estruturas espaciais por meio do reconhecimento e composição do coremas. Brunet (1980) observa que o corema constitui a estrutura elementar do da unidade geográfica, correspondendo às leis de organização espacial. As malhas, redes, dissimetrias, gravitações frentes e afrontamentos, interfaces e sinapses são considerados como fatores da origem dos coremas. (CHRISTOFOLETTI,1999, p. 8)

As fotografias serão representações de modelos gráficos, elas serão georreferenciadas e cruzadas em imagens de satélite com os marcadores mais relevantes presentes na paisagem

dos entrevistados. Novamente, sob esse pretexto, Raffestin (2010) contempla que: *“A realidade geográfica, então, é um pretexto para a produção de imagens. Imagens susceptíveis de ensinar uma dupla coisa no mesmo momento a respeito do lugar e do olhar mediatizado por um ator que faz a representação.”* (Raffestin, 2010, p.16).

Portanto, justifica-se a importância de compor um banco de imagens para contextualizar as referências identificadas em campo. Auxiliando na compreensão das respostas dadas no questionário. Estes registros de imagens da paisagem irão compor junto com as informações que se apresentam em dados censitários, sobre a produção agrícola municipal, uma interpretação da realidade geográfica. Mesmo que seja sob um olhar mediatizado de um ator que faz representações, a importância de realizar esses registros está na contribuição para a discussão da paisagem na Geografia.

9 PAISAGEM & ECONOMIA:

9.1 Política Macroeconômica

A política macroeconômica exerce forte influência sobre a produção agropecuária, isto é, tais políticas determinam ou influenciam na formação dos preços básicos da economia, isto porque:

“Os preços macroeconômicos afetam, direta ou indiretamente, a formação dos custos de produção, a alocação dos recursos entre os diversos setores e subsetores da economia, as decisões de investir, as opções tecnológicas, os preços relativos, as condições de venda dos produtos, a rentabilidade de cada segmento, o ritmo de crescimento da economia, o nível e estrutura de distribuição de renda e as expectativas dos agentes” (Buainain, 2007, p.60).

Nessa condição, a estrutura econômica do Estado – incorporada na condição capitalista de produção – adere a uma lógica que incide sobre os incentivos e a disponibilidade de recursos. Essa condição influencia na orientação das decisões dos produtores, tendo em vista que a política macroeconômica está diretamente associada à orientação e concepção da política econômica.

Conforme Buainain (2003, p.61), as políticas macroeconômicas se dividem em dois níveis:

- De um lado, são políticas que afetam diretamente tanto as condições objetivas de produção como as expectativas dos produtores, devido as variáveis objetivas e subjetivas que se leva no momento de tomar as decisões de produção e investimento. Nesse aspecto, o autor determina as variáveis importantes nessa questão: o nível de liquidez da economia, a taxa de juros, a taxa de câmbio, os impostos e o nível dos salários.

“Ao mesmo tempo em que afetam as condições de produção e investimento no presente, essas variáveis influem nas condições de realização do ciclo de produção anterior, em particular a capacidade de absorção dos mercados, os níveis de preços, as margens de lucro; as condições de realização da produção têm significativo impacto sobre a capacidade e as condições econômica e financeira dos agentes no presente, condicionando e interferindo em suas decisões de produção e investimento” (Buainain, 2003, p.61)

- Por outro lado, as políticas macroeconômicas também dão forma aos mercados no futuro, ou seja, “condicionam não apenas o nível e composição da demanda final (presente) da economia como também o nível e composição da demanda efetiva (demanda futura projetada pelos agentes a partir de suas expectativas em relação ao futuro)” uma questão que é definida pelas políticas globais e cambiais, onde o comportamento das variáveis macroeconômicas e as expectativas da margem de lucros, são definidoras para a tomada de decisões.

Já segundo Silva (2010) a macroeconomia é definida pela “área de estudo que analisa a economia como um todo, analisando a determinação e o comportamento dos grandes agregados, tais como: renda e produto nacional, nível geral de preços (inflação), emprego e desemprego, estoque de moeda e taxa de juros, balanço de pagamentos e taxa de câmbio”. Essa área de estudo da macroeconomia não se retém às particularidades dos produtores ou de mercados específicos, pois ela “estabelece relações entre os grandes agregados econômicos permitindo uma avaliação entre as variáveis mais relevantes da economia” (Silva, 2010, p.21).

De certo modo, a associação entre a sojicultura e a política macroeconômica possui a sua conexão por conta da necessidade estruturada pelo mercado internacional. Os motivos para que haja incentivo na produção da soja está na condição econômica estrutural e globalizada e que constitui o incentivo para a expansão desta produção. O preço do grão da soja altera segundo diversas variáveis, que pode estar direta ou indiretamente associada às decisões de controle do Estado. E se as políticas de Estado se utilizam dessa ferramenta para incentivar a produção de um produto específico, influencia no direcionamento sobre as decisões mais subjetivas dos produtores. Se atrelando a uma “inevitável” necessidade de adotarem esse processo produtivo para estarem incorporados nessa estrutura socioeconômica.

O Brasil é um exemplo típico de país que recorre a políticas macroeconômicas com vistas a atingir os objetivos preestabelecidos pelos planejadores de Estado. O país tem feito uso de políticas de cunho fiscal (isenções e reduções de alíquotas de impostos), monetário (interrupção da trajetória de aumento da taxa básica de juros, redução das reservas compulsórias) e cambial (taxa “suja” de câmbio), de maneira a manter a recente tendência de crescimento econômico. Isso, embora as condições mundiais atuais reduzam a eficácia de tais políticas. (Silva, 2010, p.33-34).

Não é o objetivo desta dissertação aprofundar sobre a discussão da política macroeconômica, mas a necessidade desta explanação virá por conta do discurso dado no decorrer da pesquisa. Há, nos discursos dos produtores, uma relação que trata a prática como uma condição externa ao indivíduo, ou como uma necessidade pré-estabelecida, que se justifica para não ter um prejuízo particular financeiro.

A lavoura temporária está na construção de uma lógica econômica atrelada a planos de desenvolvimentos sociais e econômicos do Estado. A condição para que os produtores busquem investir na soja é dada no momento que há uma garantia de segurança sobre o retorno financeiro pelo comportamento das variáveis macroeconômicas e as expectativas da margem de lucros, ou seja, as condições que são definidoras para a tomada de decisões destes produtores e de toda estrutura que favorece a manutenção desta lógica produtiva.

9.2 Produção econômica no Rio Grande do Sul: contexto histórico de transformações socioeconômicas e da paisagem.

Inicialmente, devemos esclarecer que a paisagem que está sendo analisada compõe diferentes toponímias que correspondem às especificidades econômicas, biológicas, geomorfológicas desta região. Os municípios em foco nessa dissertação – São Francisco de Assis e Manoel Viana – pertencem à instância administrativa chamada Microrregião da Campanha Ocidental, no qual a sede se localiza em São Borja. Ambos os municípios estão contidos no Bioma Pampa, segundo classificação dada pelo IBGE (2015), além do bioma Mata Atlântica também estar presente em São Francisco de Assis. E, por uma característica marcante do relevo suavizado de planícies, a área dos dois municípios apresentam características geomorfológicas de coxilhas, o qual é compreendido como a forma de relevo bastante comum no Rio Grande do Sul. Segundo Haesbaert (1988): o termo “coxilha” vem do espanhol “cuchilla” que significa faca: “a coxilha tem um perfil semelhante à curvatura próxima à ponta do facão do antigo gaúcho, pois é uma elevação modesta e com longos declives.” (Haesbaert, 1988. p27). Essa proximidade cultural ibérica que é estabelecida pela toponímia geomorfológica, evidencia a identidade regional formadora do pensamento político, econômico e cultural existente.

Os fatos que evidenciam a transformação, fornecidos pela paisagem, que impulsionaram os questionamentos sobre o modo de produção econômico atual na região

dos municípios de análise: São Francisco de Assis e Manoel Viana estão nos elementos materiais que contrastam com esse processo histórico que caracterizou a economia destes municípios. Segundo Verdum (2004), em uma pesquisa sobre a repartição das diferentes formações vegetais destes municípios, identificou três tipos: “os *campos limpos* do alto planalto e das colinas suaves da Depressão Periférica; a *mata galeria* dos vales úmidos da Depressão Periférica e os *remanescentes florestais* dos vales e sobre as bordas, tanto do Planalto como dos relevos tabulares da Depressão Periférica” (2004, p.44). Nesse aspecto, a evolução da paisagem natural dos campos limpos corresponderia a uma “formação herbácea dos estoques de vegetação do período geológico do terciário” (Verdum, 2004, p.44), sendo que os processos de ocupação de sociedades humanas nestas áreas se estabeleceram póstumos a essa formação dos campos limpos.

Assim, se faz necessária uma reflexão sobre o processo histórico de ocupação desta região. Conforme descreve Haesbaert (1988), a identidade gaúcha foi retomada por uma “questão regional” cuja as raízes são oriundas da formação do espaço latifundiário. A Campanha possuiria uma definição, para geografia regional clássica proposta por Vidal de La Blache, e segundo descrito por Haesbaert (1988):

“a Campanha era considerada uma região no sentido de envolver uma paisagem relativamente uniforme e um “gênero de vida” específico, representado pela criação de gado em suas grandes propriedades campestres, a herança cultural lusa e espanhola e as práticas tradicionais do gaúcho.” (Costa, 1988, p.16)

Este tipo de descrição consiste em uma interpretação comum, se considerar empiricamente como pessoas forasteiras desta região da Campanha a descrevem. A partir do conhecimento e do imaginário se constrói, principalmente, partindo das informações difundidas pelos meios de comunicação¹⁰, os tipos de paisagens "naturais" que se encontrarão na região da Campanha (ou Pampa). Além disso, a paisagem que caracteriza esta região estabelece fortes laços culturais oriundas da formação jesuítica que realizavam

¹⁰ Na página da Secretária do Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul, (<http://www.turismo.rs.gov.br/regiao/5/pampa>): “Em nenhum lugar do mundo se pode experimentar a imensidão e a característica marcante do Pampa. Região de olhar vasto, marcada pela história de liberdade e garra do povo gaúcho ainda viva nos caminhos e paisagens do local(...)É essa rica e única paisagem que desde muito abriga a figura do gaúcho, o cheiro inconfundível que vem do churrasco, o prazer de repartir o chimarrão de mão em mão, a imagem do campo vasto e emoldurado pelo gado e a presença do centauro brasileiro na inseparável figura do pampeano a cavalo(...)”

atividades pastoris em espaços latifundiários. Para melhor compreensão, os estudos realizados por Verdum (2004) sobre a organização do espaço rural na Depressão Periférica e no Planalto¹¹ correspondem ao desenvolvimento estrutural do espaço da Campanha Ocidental e que hoje se compreende como culturalmente estabelecidos para esses municípios, sendo reconhecido assim regionalmente.

A dinâmica desta organização do espaço rural está evidenciando elementos paisagísticos que não correspondem diretamente a estas relações históricas de evolução da paisagem¹². A paisagem está revelando uma transformação no modo de uso do solo e de desenvolvimento sócio-espacial. Isso se deve a uma tendência sobre a mudança na lógica da apropriação do espaço geográfico, da natureza e do trabalho diretamente no campo nesses municípios.

As caracterizações que fortalecem a ideia que estejam havendo alterações da lógica regional do modo de produção econômico estão relacionadas com a evolução agrícola das lavouras temporárias nessas paisagens. Neste caso, lavouras temporárias remetem a lavouras (arroz, milho, soja, trigo, pastagens – variando de acordo com os solstícios do ano: verão e inverno) e possui uma relação intrínseca com o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Sua influência nas transformações da paisagem, ao longo das décadas, está em evolução na atualidade e nota-se, também, pela inserção de produtores ligados à agricultura recentemente (nos últimos 20 anos).

Historicamente, sobretudo, no final da década de 1960 e início de 1970, o Rio Grande do Sul sofre uma transformação na sua estrutura de produção de grãos, devido à inserção do Brasil na lógica globalizada da economia. A sojicultura é consolidada na estrutura produtiva brasileira por conta da internacionalização da economia, sendo apropriada como geradoras de divisas para o pagamento da dívida externa (Rückert, 2003, p. 36). A intencionalidade sobre a agricultura de exportação estava na necessidade de importar bens de capital para se

¹¹ Ler Verdum (2004): “A apropriação e a ocupação do território se apoiou sobre a distribuição de títulos de sesmarias, cuja superfície média era de 13.000ha. Segundo Passavento (1977) é a partir desta primeira fase da divisão fundiária do Rio Grande do Sul que a economia agrícola ultrapassa a fase da exploração exclusiva do rebanho. O latifúndio representa assim, a tradição da criação do gado em propriedades extensas que exploram a vegetação herbácea para a criação de gado, ao mesmo tempo o elemento fundiário que sustenta a estrutura espacial da formação do Estado e a projeção da economia para o mercado nacional e internacional.” (Verdum, 2004, p.46)

¹² A evolução, neste caso, remete a manutenção da cultura da pecuária e a produção agrícola em baixa escala, comparada em áreas de produção destinadas a cada produção.

implantar um parque industrial multinacional sofisticado (Rückert, 2003, p. 37), sendo conhecido como milagre brasileiro (1967/1970).

Da metade para o final da década de 1970, há um incentivo fiscal do Estado para o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, pois servia estrategicamente no plano de desenvolvimento governamental - a chamada *empresa rural*. Dessa forma, do norte e do noroeste do Rio Grande do Sul detinha a produção da lavoura em 323 mil toneladas em 1963, e o Brasil passou a produzir 12,6 milhões de toneladas em 1977 espalhados em vários pontos do país. Conseqüentemente, *a agricultura passa a contribuir decisivamente para a concretização de um dos objetivos prioritários dos governos autoritários no pós-68: a ampliação das exportações* (Rückert, 2003, p. 37).

Estabelecido como uma lógica de agricultura capitalista, os arrendamentos passam a vigorar nos municípios analisados. No trabalho realizado por Rückert (2003), nas terras do planalto sul-rio-grandense, definiu que o “arrendamento capitalista é a externalização das relações que se dão entre os proprietários fundiários, capitalistas que investem na agricultura e os trabalhadores rurais” (Rückert, 2003, p.69). Esta estrutura agrícola está sendo implantada nas relações sociais e transformando a paisagem das divisões demarcadas das propriedades. Para Rückert (2003) no modo capitalista de produção é dado o *direito* ao proprietário da terra de “cobrar um tributo ao capital, para que o capitalista invista na agricultura, na condição de arrendatário” (2003, p.69). Dado essa condição, considera-se que a lógica capitalista de produção, nos municípios analisados, é estabelecida tanto para o proprietário das terras quanto para o arrendatário. A diferença entre essas classes, neste caso, está na reflexão sobre a terra que é dada através de seus argumentos sobre as propriedades e suas atividades, ou seja, no modo como se estabelecem culturalmente os produtores historicamente ligados à pecuária, daqueles que praticam a agricultura.

A inserção dos agricultores nessa região é reflexo das ações do Estado no incentivo ao modo produtivo agrícola. Concomitante com o crescimento do planalto sul-rio-grandense, a sojicultura ganha muitos incentivos a partir de 1970 nos municípios do sudoeste do Estado. Os reflexos dessas transformações econômicas no Estado condicionam e caracterizam muitas das mudanças ocorridas, também, no sudoeste do Rio Grande do Sul, a partir dos anos 1970. Como descreve Verdum (2004):

(...) trata-se, inicialmente, do aumento da superfície cultivada em detrimento da superfície pastoril. A comparação entre a superfície de São Francisco de Assis e Manuel Viana, entre 1950 e 1985, mostra que a superfície de culturas temporárias representavam em 1950: 5% (15.191 ha)

e em 1985: 16% (57.873 ha) da superfície agrícola total. (VERDUM, 2004, p.51)

A década de 1970 é caracterizada por essa intensificação do processo produtivo, principalmente nos setores primários e secundários. Isso resultou no Rio Grande do Sul a consolidação de um sistema de monoculturas extensivas mecanizadas, principalmente a produção de trigo e de soja.

Conforme já descrito por Verdum (2004), assim como em outras regiões do Estado, há uma evolução dos cultivos temporários em relação à superfície de criação, também, nas regiões de campos limpos da Depressão, desde a década de 1970. Porém, o diferencial das relações de produção está no modo disforme de incentivo que os agricultores dessa região recebem em comparação com os localizados no norte do RS. Isto é, no norte do Estado, os proprietários utilizam as mesmas parcelas e os mesmos equipamentos agrícolas, sendo que os dois cultivos se alternam durante o ano agrícola.

Diferentemente dos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana, onde o desenvolvimento da soja se estabelece em detrimento do trigo, nesse caso as flutuações da produção destes cultivos estão ligadas a combinações da política de créditos atrativos: onde a produção é regida pelo preço do mercado internacional e pela variação das demandas (Verdum, 2004, p.53). A implantação dos cultivos mecanizados nesses municípios estudados foi influenciada pela dinâmica de incentivos sobre a produção agrícola desde 1970. A condição geomorfológica favorecia a implantação deste tipo de cultivo - devido ao relevo suavizado, porém a fragilidade apresentada pelo meio pedológico caracterizou no surgimento de outra problemática: a erosão acelerada do solo, devido ao modo de plantio: maquinário pesado e plantio com aragem da superfície do solo. Mesmo assim, a tentativa de inserção desta lógica produtiva não foi totalmente estagnada. Logo, as transformações presentes nos campos ocorrem, devido, a toda uma política que altera a dinâmica estrutural dos espaços:

Neste sentido, nota-se a modificação do modo de ocupação do espaço rural, onde os criadores dividem este espaço com os novos exploradores vindos do Planalto vizinho ou eles mesmos optaram pela agricultura. (VERDUM, 2004, p.53)

As visíveis modificações no modo de ocupação do espaço rural estão evidenciando novas formas dentro do conjunto de paisagens dos campos limpos da Depressão Periférica,

que constitui um *terroir*¹³ caracterizado pela presença de colinas e de morros testemunhos, entrecortados por valões e vales aluviais, segundo Verdum (2004). Visto que existem incentivos para a implantação de cultivos mecanizados, há mais de 40 anos, pode-se constatar em prévias idas a campo que a presença da lavoura temporária está aumentando e acaba sendo identificado nos limites visuais do horizonte do Pampa.

9.2.1 Manoel Viana

Para fins de análise das áreas destinadas ao plantio de soja, buscou-se construir o Gráfico 1 e Gráfico 2 com dados obtidos no sítio do IBGE (2010) - censos agropecuários, que apresentam áreas plantadas (em Hectares) que constatem a produção da sojicultura. Ao observarmos as informações sobre as taxas de áreas plantadas em hectares de soja, se constata o aumento desta lógica produtiva em ambos municípios. A janela temporal desta evolução, nos gráficos, é de 1990 até 2013 e esta tendência crescente, conforme já analisado por Verdum (2004), se deve à política adotada para a região sudoeste e norte do Estado do RS, para o cultivo mecanizado, principalmente de trigo e soja.

Especificamente, como se apresenta no Gráfico 1, em Manoel Viana não havia dados específicos sobre a produção de soja até 1992, isso se deve também ao fato de que o município foi emancipado político-administrativamente de São Francisco de Assis em 20 de março de 1992. Porém, desde sua criação, a existência de áreas destinadas ao plantio de lavouras temporárias já apresentava quantidades consideráveis: aproximadamente 5.000ha, sendo que o município possui área de unidade territorial de 1.390,696 km² (IBGE, 2016), que correspondem a 139.069,6 ha. A consolidação do crescimento das áreas destinadas ao plantio de soja atinge um pico em 2006, atingindo cerca de 30.000 ha. Pós esse crescimento ocorre uma diminuição destas áreas, porém se estabiliza em 2012 com 25.000ha e nos dados obtidos de 2014 retoma em 30.000ha de áreas plantadas, ou seja, equivalente a 21,57% do território vianense é direcionado ao plantio da soja.

¹³ O *terroir*, segundo Deffontaines (1998) *apud* Verdum (2004), é onde aparecem os diversos componentes da paisagem: as condições do meio, as coberturas vegetais, os dispositivos mais ou menos perenes que marcam a ocupação do território e as marcas das práticas agrícolas que diferenciam os grandes sistemas agrários desenvolvidos historicamente.

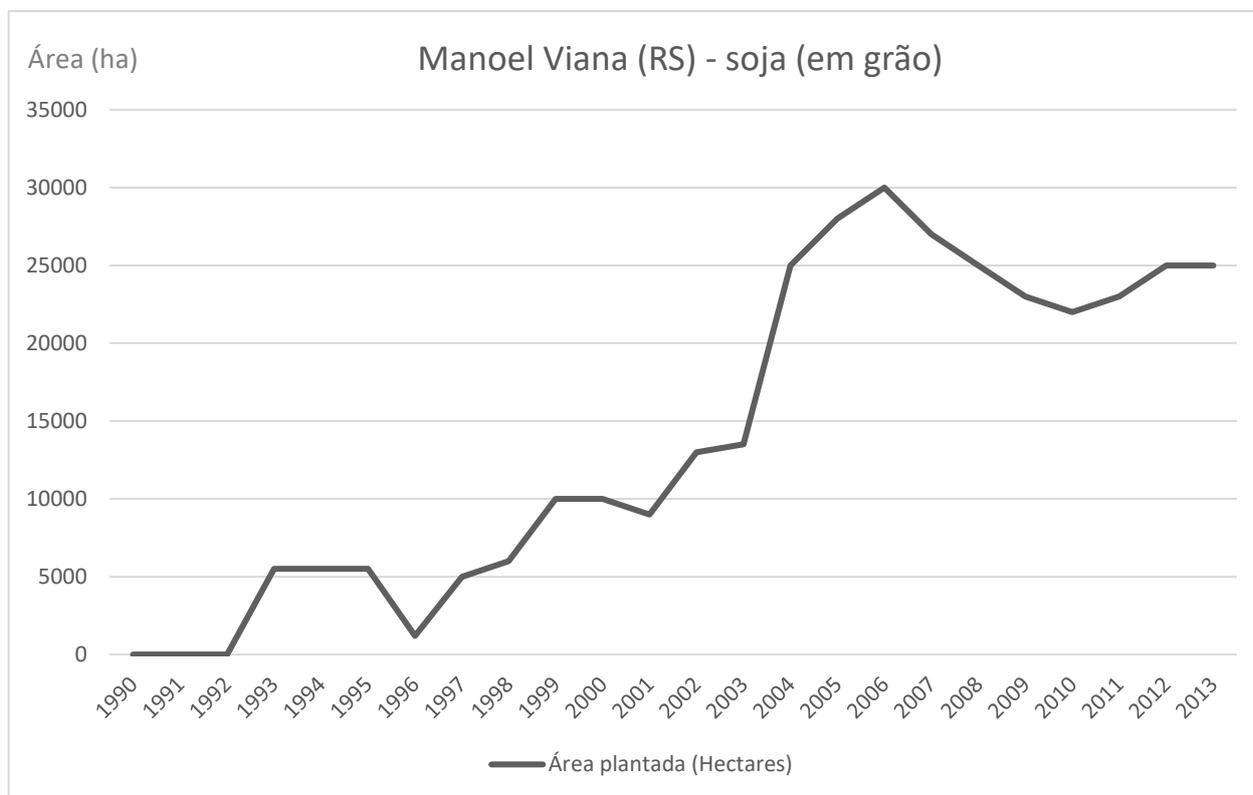


Gráfico 1: Índice de área plantada de soja (em hectares) no município de Manoel Viana (RS), entre os anos 1990 e 2012. Elaborado por Ricardo Hiroyuki Okido. Fonte de dados: IBGE (2015)

9.2.2 São Francisco de Assis

Com relação a São Francisco de Assis, considerando que o município de Manoel Viana se emancipou política e administrativamente em 1992, apresentou um decréscimo na área plantada de soja em 1992 até o ano de 1998. Porém, isso não evitou que ocorresse o aumento das áreas destinadas para plantio da lavoura temporária nos anos posteriores. A taxa de áreas plantadas, também, decresce no ano de 2006 até 2008, isso se deve, segundo o Atlas Socioeconômico do RS, por uma influência desfavorável da condição climática neste período (Gráfico 2).

O município já se caracteriza por apresentar a produção da lavoura de soja por mais décadas em relação à Manoel Viana, apresentando em 2014 o registro de 35.000ha de área destinada para o plantio de soja (IBGE, 2016). A unidade territorial do município é de 2.508,453 km², equivalente a 250.845,3 hectares, ou seja, cerca de 13,95% do território assisense é direcionado para o plantio da lavoura temporária de soja.

As informações sobre o aumento de áreas destinadas ao plantio da soja correspondem a registros visuais marcantes na paisagem da RS-377. Esta variação, do aumento gradativo de áreas destinadas ao plantio, corresponde com a diminuição de áreas destinadas à produção da pecuária, conforme se apresentará posteriormente no capítulo 7.3.

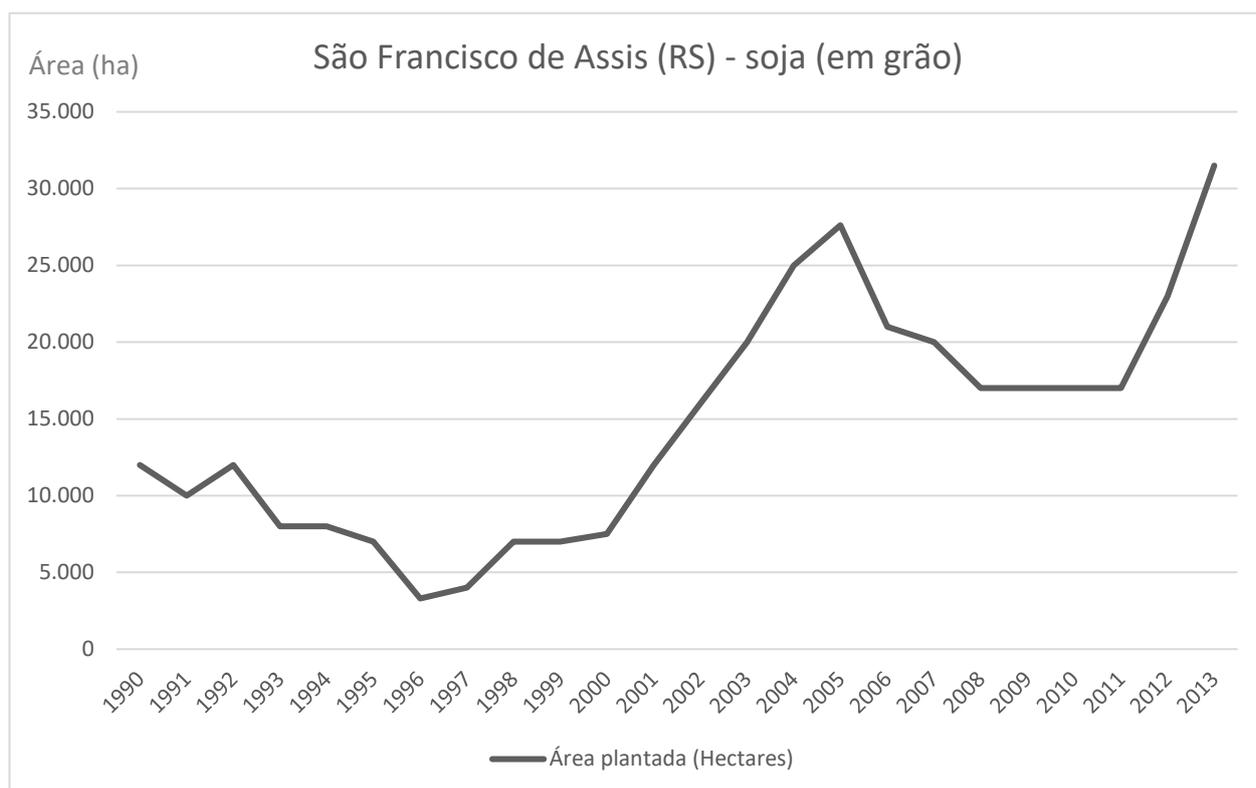


Gráfico 2: Índice de área plantada de soja (em hectares) no município de São Francisco de Assis (RS), entre os anos 1990 e 2012. Elaborado por Ricardo Hiroyuki Okido. Fonte de dados: IBGE (2015)

A variação crescente que existe sobre a área plantada de soja nos dois municípios, conforme os Gráfico 1 e Gráfico 2, é consideravelmente acima dos dados referentes ao plantio de outras lavouras temporárias. O trigo, por exemplo, mesmo tendo sua introdução do plantio nos anos 1950 e 1960 no Estado, em nenhum dos municípios analisados na janela temporal entre 1990 e 2013 atinge 5.000 hectares de área plantada.

Destacamos outras duas produções de lavouras temporárias em São Francisco de Assis: arroz e milho. O arroz é uma produção, normalmente, realizada em áreas próximas às matas galerias situadas ao longo das planícies aluviais (no rio Ibicuí) da Depressão Periférica e o milho se cultiva nas coxilhas e fundos de vales nas escarpas do Planalto. Tanto o milho como o arroz são produções presentes no município desde os anos de 1920, sendo

inicialmente produzido para atender aos produtores e parcialmente ao mercado regional (Verdum, 2004).

Porém, mesmo assim a produção de milho, que entre 1990 e 1992, atingia picos de 12.000 ha de áreas plantadas, reduziu drasticamente atingindo, em 2014, 3.500 ha. Enquanto que o arroz possui uma média de áreas plantadas de 4,245 ha, relativamente pouco se comparado ao aumento da produção do grão de soja (Gráfico 3: Produção agrícola (lavouras temporárias). Entre 1990 e 2014. São Francisco de Assis).

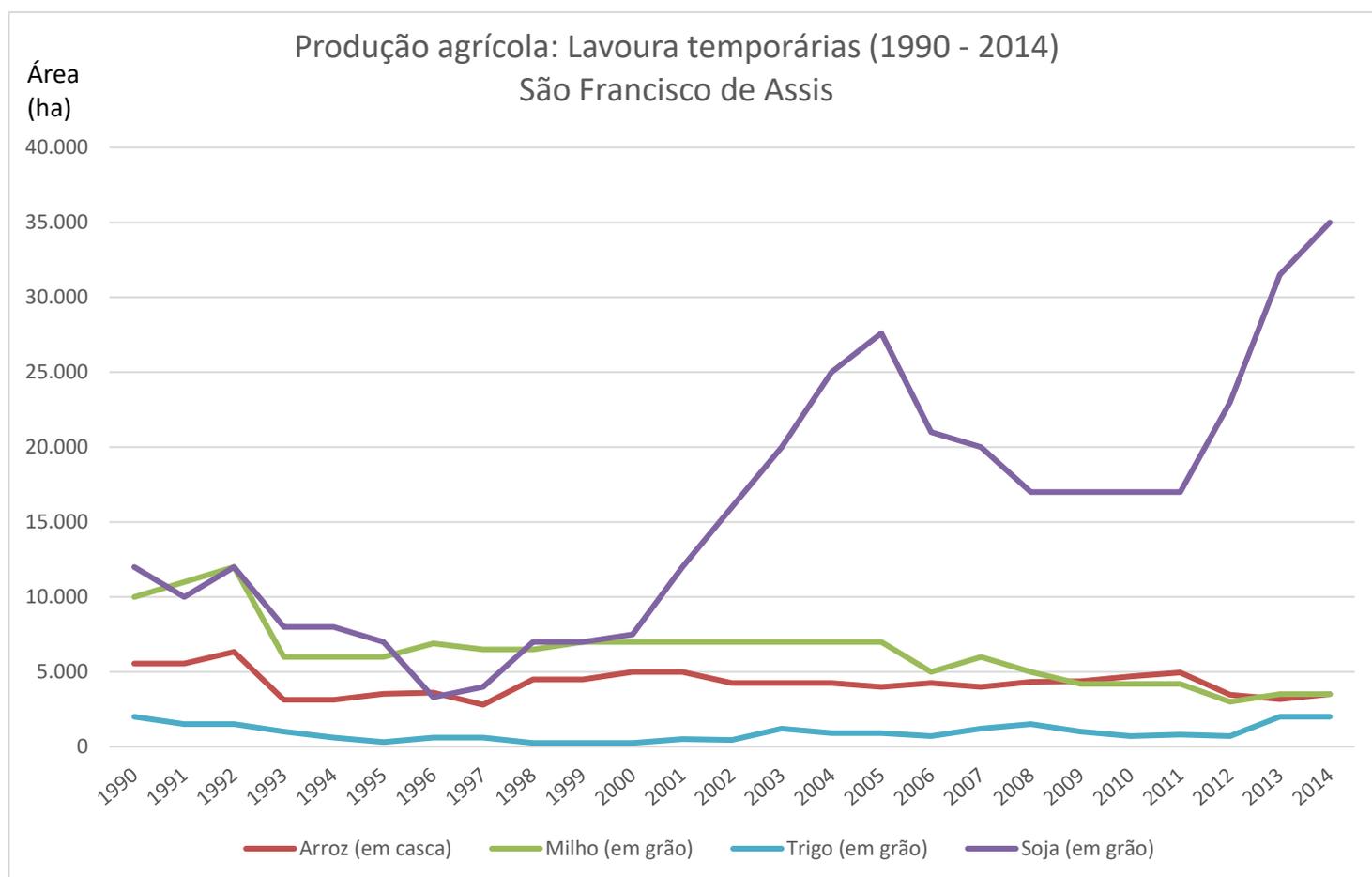


Gráfico 3: Produção agrícola (lavouras temporárias). Entre 1990 e 2014. São Francisco de Assis. Elaborado por: Ricardo Hiroyuki Okido. Fonte de dados: IBGE (2015)

Esse plantio em larga escala da soja trouxe, também, outras questões que problematizam a situação da fragilidade¹⁴ do meio nessa região:

¹⁴ Ler Verdum (2004) pg.54: "Os processos morfogenéticos nos *terroir* dos campos limpos da Depressão Periférica.

(...)Os produtores migrantes, arrendatários ou compradores de propriedades introduziram no *terroir* dos campos limpos um equipamento mecanizado, que acentuou a pressão sobre os solos frágeis e sobre a vegetação herbácea, já submetida a gestão através da queimadas da criação extensiva.

Esses elementos da utilização social do espaço têm um papel importante na relação da fragilidade do meio e os processos morfogenéticos observados em campo, destacando-se nos *terroirs* estudados os processos de escoamento concentrado e difuso, assim como a deflação, que em conjunto caracterizam a arenização no sudoeste do Rio Grande do Sul. (VERDUM, 2004, p.53)

A Figura 4 representa essa caracterização encontrada na paisagem de São Francisco de Assis. Os estratos descritos revelam a formação das unidades de paisagem que estão, gradativamente, aumentando nessa região. A presença de produtores migrantes nesses municípios demonstra a ocorrências de mudanças nos hábitos culturais sobre o manejo do solo. O veículo lavrando o solo de textura areno-argilosa reflete práticas que causam rupturas na leitura da paisagem do Pampa.

Embora a prática da lavoura temporária ocorra desde 1970, aproximadamente, em São Francisco de Assis, é notável o aumento dessa prática, principalmente da soja, nas últimas décadas (Gráfico 3). A paisagem, desse modo, revela o potencial metodológico para identificar e compreender “caminhos” de uma transformação sobre o processo produtivo, isto é, justificar como a apropriação do espaço geográfico, da natureza e do trabalho transformam a nossa concepção de paisagem.



Figura 4: Diferentes elementos que compõem a unidade de paisagem na rodovia RSC-377 (em São Francisco de Assis). A fotografia permite identificar estratos característicos de uma paisagem em transformação sobre o uso do solo nesse espaço geográfico. [1] na linha do horizonte, ao fundo, sobre a ondulação do relevo de coxilha, visualiza-se um trator lavrando o solo de textura areno-argilosa. A área é destinada para plantio da soja. [2] campos de pastagens ou áreas em pousio. [3] Fundos de vale, área com vegetação arbustiva e arbórea. Constitui-se por apresentar maior biodiversidade. [4] campos de pastagens ou áreas de pousio, vegetação rasteira. Novembro de 2015.

Portanto, as evidências estão marcadas na paisagem. O aumento numérico de elementos materializados no espaço geográfico, que representam as lavouras temporárias, constitui a complexidade política e econômica que existe na produção econômica dos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana. A probabilidade de alguma mudança dessa matriz produtiva na paisagem desta região representa, também, uma mudança na lógica estrutural da Economia do Rio Grande do Sul.

9.3 A produtividade da pecuária e da lavoura temporária (soja)

Sob o aspecto da mudança no sistema de produção no sudoeste do RS, devemos ressaltar que desde a década de 1970 ocorre uma alteração. Conforme os estudos de Verdum (2004), que realizou um estudo comparativo entre superfície ocupadas por cada atividade e a superfície agrícola total dos municípios, no período de 1970 a 1985, constatou que: “trata-se inicialmente do *aumento da superfície cultivada em detrimento da superfície pastoril*”. (Verdum, 2004, p.51).

Podemos considerar que este fato não se modificou entre 1995 e 2006, segundo os dados apontados pelo censo agropecuário do IBGE de 2010, onde ambos os municípios apresentaram mudanças consideráveis das áreas estabelecidas por atividade econômica entre pecuária e lavoura temporária.

9.3.1 Manoel Viana

Outra evidência que fomenta a discussão sobre a transformação das matrizes de produção econômica, voltada para a soja, é o aumento gradativo de áreas destinadas à lavoura temporária em relação a terras destinadas a exercer atividade da pecuária nestes municípios. Em Manoel Viana, no ano de 1995, era destinado para a lavoura temporária 27.920 ha aproximadamente, embora a produção destinada para a soja fosse em torno de 5.000 ha; enquanto que para a pecuária 80.712 ha (Tabela 1):

Manoel Viana – RS (1995)	
Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares): Grupo de atividade econômica	
Lavoura temporária	27.920,86
Pecuária	80.712,86

Tabela 1: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares). Manoel Viana, 1995. Fonte de dados: IBGE (2015)

Já em 2006, há um aumento de áreas dos estabelecimentos da lavoura temporária para 29.438 ha, isto é, acréscimo de 1.517 ha aproximadamente. Concomitante a isso, ocorre um decréscimo muito mais considerável nas áreas destinadas à pecuária (Tabela 2): de 80.712

ha para 57.163 ha, logo, diferença de 23.549 ha a menos de área destinadas a esta produção do que no ano de 1995.

Manoel Viana – RS (2006)	
Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares): Grupo de atividade econômica	
Lavoura temporária	29.438
Pecuária e criação de outros animais	57.163

Tabela 2: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares). Manoel Viana, 2006. Fonte de dados: IBGE (2015)

Essa redução registra marcas importantes a se destacar na paisagem, pois são reflexos que estão diretamente conectados a esta alteração do processo produtivo e desta variação existente entre as mudanças na perspectiva socioeconômica. Considerando-se que o aumento da agricultura da soja seja uma tendência na região da Campanha, a possibilidade de que menores áreas sejam destinadas a pecuária, se tornam cada vez mais evidentes visualmente: devido a propriedades com maiores números de parcelas destinadas à lavoura, por exemplo.

9.3.2 São Francisco de Assis

No caso do município de São Francisco de Assis, as áreas destinadas à lavoura temporária comparada com a atividade de pecuária, em 1995 apresentam uma disparidade maior: de 28.414 ha destinadas à lavoura, enquanto a pecuária apresentava 132.088 ha. A diferença é considerável e representa simbolicamente o que se é denominado como *terroir* da Depressão Periférica e do Planalto: colinas (coxilhas) e morros testemunhos que são superficialmente reconhecidos pelas áreas de campos e que *representam* como aqueles onde há a “intensificação dos processos produtivos das duas atividades agrícolas desenvolvidas: a criação de gado extensiva e a agricultura mecanizada especulativa”. (Verdum, 2004, p.44).

São Francisco de Assis – RS (1995)	
Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares): Grupo de atividade econômica.	
Lavoura temporária	28.414,57
Pecuária	132.088,79

Tabela 3: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares). São Francisco de Assis, 1995. Fonte de dados: IBGE (2015)

No ano de 2006, ou seja, no período de 11 anos, o crescimento de áreas para lavoura temporária em hectares apresentou uma diferença considerável de 51.658ha a mais. Enquanto isso a área destinada a pecuária reduziu em 7.517ha desde 1995 até 2006, conforme Tabela 4:

São Francisco de Assis – RS (2006)	
Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares): Grupo de atividade econômica.	
Lavoura temporária	72.071
Pecuária e criação de outros animais	124.571

Tabela 4: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares). São Francisco de Assis, 2006. Fonte de dados: IBGE (2015)

Estes dados analisados do IBGE (2015) correspondem somente à área total dos estabelecimentos agropecuários em hectares presentes em ambos os municípios. Isto é, a lavoura temporária, neste caso, representa também outros tipos de cultivos além da soja: como aveia e “azevem”, girassol, sorgo, trigo, milho, exemplos de plantios identificados em trabalhos de campos ao longo de dois anos.

Porém, mesmo com este fato, o aumento considerado de áreas destinadas a lavouras temporárias merece destaque. Em São Francisco de Assis, tendo 72.071ha destinadas a lavouras em 2006, 21.000ha foram direcionadas ao plantio de soja, portanto 29,14% das áreas destinadas a lavouras temporárias eram de soja. Se compararmos às outras produções, em termos de paisagem, a soja ainda prevalece sobre outras lavouras, na lógica dos produtores.

9.4 Proprietários ou Arrendatários:

Os dados referentes à condição legal da terra, voltadas para lavouras temporárias, também se destacam como registros que comprovam uma mudança na matriz produtiva. Os proprietários que se instalaram desde 1970 nos municípios analisados, desde quando houve o aumento da produção da soja no Estado do RS, representam outra lógica no modo de ocupação do espaço rural. Conforme já citado anteriormente, nos estudos descritos por Verdum (2004): “Os produtores migrantes, arrendatários ou compradores de propriedades introduziram no *terroir* dos campos limpos um equipamento mecanizado...” (Verdum, 2004. p.53). Desse aspecto, poderíamos afirmar que houve um grande aumento de produtores que adquiriram ou arrendaram propriedades em São Francisco de Assis e Manoel Viana.

De 1995 até 2006, houve um acréscimo considerável das áreas destinadas a lavouras temporárias, tanto por parte dos proprietários quanto dos arrendatários em São Francisco de Assis (Tabela 5 e Tabela 6). O aumento de terras legais arrendadas cresceu de 2.424 ha para 6.190 ha, entre 1995 e 2006 respectivamente.

São Francisco de Assis – RS (1995)	
Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras.	
Terras próprias	24.800,97
Terras arrendadas	2.424,00

Tabela 5: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras. São Francisco de Assis, 1995. Fonte de dados: IBGE (2015)

Além disso, o número de proprietários que utiliza como meio de produção das terras a lavoura temporária aumentou em 39.745 ha. Isso é significativo para demonstrar que o aumento do processo produtivo da soja nesta região não é basicamente oriundo de proprietários que arrendam a terra. A instalação desta outra lógica produtiva é de novos proprietários migrantes para essa região, que embora reconheçam a “vocação” da região para a pecuária, afirmam que a melhoria da técnica bem aplicada permite melhores plantios da soja, sem causar intensas degrada es do solo. Estas informa es serão melhores exemplificadas nas análises de algumas entrevistas, posteriormente.

São Francisco de Assis – RS (2006)	
Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras.	
Proprietário	64.545
Arrendatário	6.190

Tabela 6: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras. São Francisco de Assis, 1995. Fonte de dados: IBGE (2015).

E em Manoel Viana, o aumento da lavoura temporária sobre terras próprias merece destaque: 10.842ha a mais de 1995 até 2006. Mesmo com a redução de terras arrendadas (8.767ha a menos) o saldo, ainda, é positivo para o aumento de áreas destinadas à produção da lavoura temporária. Porém, neste caso, nota-se que os produtores proprietários de Manoel Viana aumentaram áreas destinadas ao cultivo deste tipo de lavoura. Com dados apontando estas tendências, as paisagens constituem reflexos visíveis dessas transformações (Tabela 7 e Tabela 8).

Manoel Viana – RS (1995)	
Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras.	
Terras próprias	16.135,28
Terras arrendadas	11.182,51

Tabela 7: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras. Manoel Viana, 1995. Fonte de dados: IBGE (2015).

Manoel Viana – RS (2006)	
Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras.	
Proprietário	26.977
Arrendatário	2.415

Tabela 8: Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) – Lavoura temporária; Condição legal das terras. Manoel Viana, 2006. Fonte de dados: IBGE (2015).

Logo, os dados numéricos registrados pelo IBGE (2010) através do censo agropecuário podem ser comprovados, através do aumento de equipamentos mecanizados presentes nas paisagens campeiras. Somente na análise realizada na RSC-377 foram identificados tais

elementos que comprovam o aumento deste tipo de produção agrícola. Como podemos ver nas Figura 5 e Figura 6, as imagens identificam esta lógica produtiva em processo:

Na Figura 5 identifica-se uma colheitadeira, equipamento para colher grãos na lavoura, presente em um ponto da paisagem próxima a estrada RSC-377. Nesta situação: o objeto presente na paisagem possui uma representação objetiva, concreta e simbólica, consistindo-se em uma marca que gera uma matriz cultural diferente, o contraste existe devido a uma paisagem tipicamente atribuída à pecuária.



Figura 5: Elementos que demonstram a prática da lavoura: colheitadeiras de soja estacionada. Na parte inferior da foto, área de campo em pousio. Ao longo deste trecho da RSC-377, em São Francisco de Assis, nota-se o aumento desses maquinários destinados à lavoura. Foto: José Cavalcante (maio de 2015)

Na **Figura 6**, os elementos materiais revelam evidências sobre o aumento da produção de soja na região. Como podemos destacar a presença de silos para armazenamento de grãos de soja em diversas propriedades, todas sendo visualizadas do trecho da estrada RSC-377.



Figura 6: Da rodovia RSC-377, é notável a presença de grandes silos de armazenamento de grãos de soja. Em virtude do crescimento da produção da lavoura, esses elementos se tornam característicos nas paisagens do Pampa. Foto: Ricardo Hiroyuki Okido (junho de 2015)

Como descreve Rückert (2003): “O arrendamento capitalista tem uma característica de estreita relação entre a condição dos arrendatários e a utilização de maquinários e insumos. Essa relação é apontada por levantamento do uso de tecnologias por parte dos arrendatários” (2003, p.93). Essa constatação feita por Rückert a partir do Censo Agropecuário de 1975, indica uma tendência que hoje se revela na paisagem de campos limpos da Campanha. O desenvolvimento tecnológico, a produção capitalista do campo, está caracterizando uma transformação sobre a estrutura do campo em Manoel Viana e São Francisco de Assis.

10 PERCEBENDO A PAISAGEM

10.1 Debates, concepções e visibilidade sobre a mudança da paisagem do Pampa

Ao se buscar uma melhor compreensão e detalhamento de como o movimento ambientalista costuma “pensar”, relata-se resumidamente sobre o evento realizado na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, no dia 17 de dezembro de 2015, para celebrar o Dia Nacional do Bioma Pampa e discutir o futuro do bioma. Deste evento, pode-se destacar:

- A discussão focou na importância de estabelecer o bioma como um patrimônio reconhecido pela Constituição Federal - proposta de Emenda Constitucional (PEC) do bioma Pampa (05/2009).
- Basicamente, as falas buscavam justificar e reafirmar a necessidade do bioma Pampa ser reconhecido como patrimônio natural. A partir dos elementos culturais e naturais necessários de preservação.

O texto oficial do convite para o evento constava a seguinte informação:

“Nesta quinta-feira, 17 de dezembro, comemora-se o Dia Nacional do Bioma Pampa, em homenagem ao nascimento do ambientalista José Antônio Lutzenberger. Para celebrar a data, serão realizadas, no auditório da Faculdade de Ciências Econômicas, discussões sobre o futuro do bioma. A atividade tem início às 19h e entrada gratuita.

A proposta é debater a situação da implantação do Cadastro Ambiental Rural (CAR) e levar adiante a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) do Bioma Pampa - 05/2009, que visa a tornar o bioma patrimônio reconhecido pela Constituição Federal, à semelhança de demanda referente aos biomas Caatinga e Cerrado.

O Bioma Pampa somente foi reconhecido oficialmente a partir de 2004 e teve seu dia criado em 2007. Legado cultural do povo gaúcho e latino-americano, o Pampa está ameaçado pelas monoculturas e pela destruição de seu habitat natural. Ocupa uma área de 178.243 km², correspondendo a 2,07% do território nacional e a 63% do território gaúcho. Entre os biomas brasileiros, é o que apresenta o menor número de áreas formalmente protegidas, representando somente 0,36% de sua área de ocorrência”.

Os discursos presentes retratam a necessidade de adotar esta lógica de contenção do avanço de produções que podem esgotar a riqueza dos recursos naturais do bioma Pampa. Existe um receio sobre o avanço de monoculturas por conta da lógica produtiva que está se

inserindo em diversos municípios da região da Campanha. Porém, as variáveis abordadas nesta perspectiva, não parecem contemplar completamente as condições dos produtores locais. Discutiu-se a necessidade de uma melhor implantação do Cadastro Ambiental Rural (CAR)¹⁵, pois na impressão dos discursos presenciados e embora o percentual de áreas cadastradas no RS seja de 13,07%¹⁶, ainda é considerado pouco para esses movimentos ambientalista a ponto de avançar nesta discussão sobre o controle de uso da terra e para preservar o bioma.

Ao realizar uma pesquisa inicial sobre o bioma pampa, a partir dos *sites* de pesquisas na internet, nota-se a importância dada à paisagem natural do bioma. Ela possui uma forte relação com a construção cultural do território do gaúcho que caracteriza o tradicionalismo existente no Rio Grande do Sul. A página web do Ministério do Meio Ambiente (www.mma.gov.br/biomas/pampa) descreve a paisagem do Pampa como:

“As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc.” (MMA, 2015)

Logo, a importância que é dada para a riqueza do ecossistema do bioma Pampa reforça o discurso que visa a preservação do seu território. As imagens que se associam à paisagem pampeana, em uma pesquisa rápida pelas páginas de pesquisa (Figura 7), costumam ser de extensos campos nativos, com relevos ondulados e suaves, na presença da atividade do pecuarista e a presença do gado, ou seja, simbologias que representam a formação cultural do campo gaúcho sobre a vegetação nativa do bioma Pampa. Esta relação entre as imagens, com textos explorando a riqueza ecológica e a construção cultural do “território do gaúcho” remete a intencionalidade que existe sobre a sua manutenção.

Os movimentos ambientalistas em prol da preservação do bioma Pampa caracterizam a paisagem ecológica e patrimonialmente para que cada justificativa tenha aporte teórico e jurídico, com isso atingir o objetivo de preservar esse bioma tão frágil. Nota-se que a

¹⁵ Segundo o Ministério do Meio Ambiente o CAR é: “Criado pela Lei 12.651/12, o Cadastro Ambiental Rural (CAR) é um registro eletrônico, obrigatório para todos os imóveis rurais, formando base de dados estratégica para o controle, monitoramento e combate ao desmatamento das florestas e demais formas de vegetação nativa do Brasil, bem como para planejamento ambiental e econômico dos imóveis rurais”.

¹⁶ Ver Boletim Informativo de fevereiro de 2016 no site: www.florestal.gov.br/cadastro-ambiental-rural/numeros-do-cadastro-ambiental-rural

paisagem é um conceito de análise que conecta tanto os elementos naturais: comumente descrita nas caracterizações do relevo e na cobertura vegetal presente, dos culturais: descritas como ações humanas sobre os elementos naturais. Práticas sobre a terra, usos do solo que alteram e moldam as típicas paisagens do Pampa.

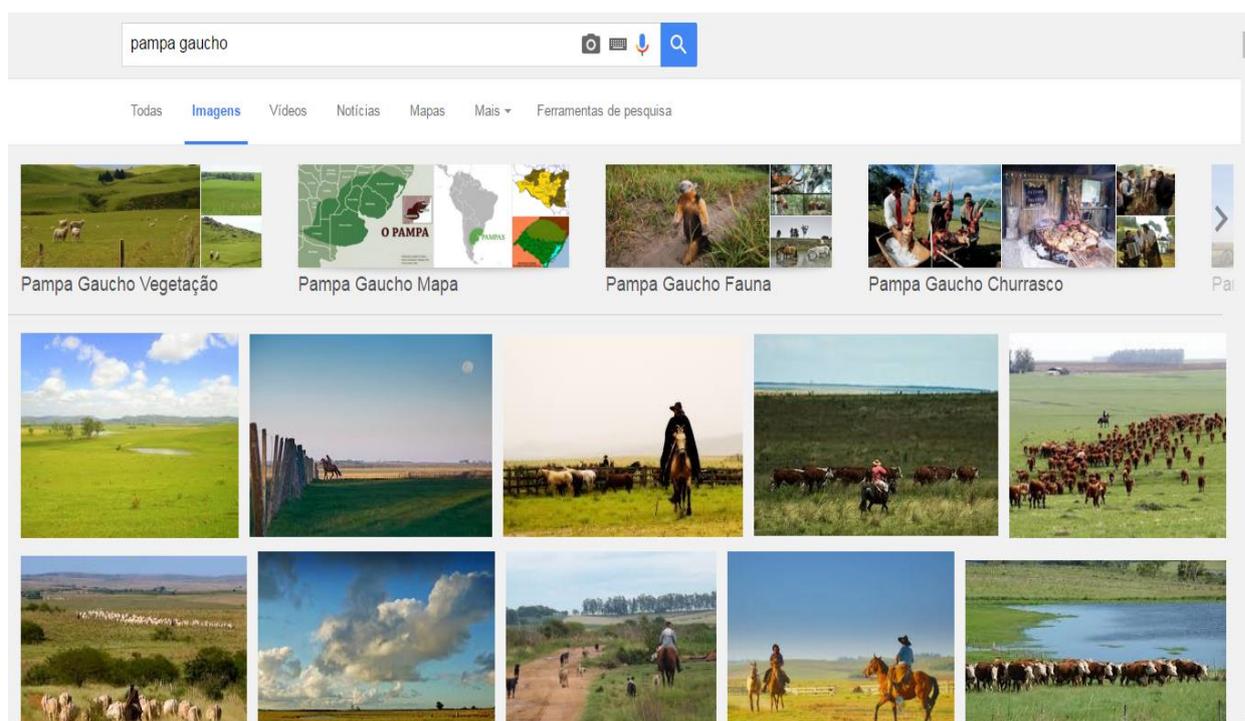


Figura 7: Sites de pesquisas indicam imagens que representam o "Pampa gaúcho". Site: Google. Março, 2016.

O documento de “Monitoramento do desmatamento nos Biomas Brasileiros por satélite”, de 2002 a 2008, elaborado pelo MMA e pelo IBAMA destaca que:

“O solo predominante é fértil, o que levou o bioma a ser bastante explorado pela pecuária, principal atividade econômica da região. Outras atividades econômicas impactantes na região são as lavouras de arroz em áreas de banhado, e mais recentemente, o plantio de eucalipto. Há também a ocorrência de solo arenosos na região de Alegrete que inspira maiores cuidado em seu manejo para não se transformar em deserto”. (2010, p.8)

De acordo com este documento, a cobertura vegetal do bioma pampa foi suprimida, entre o ano de 2002 e 2008, em aproximadamente 2.179 km². Isto representaria, em média, 0,2% da supressão da cobertura vegetal por ano. Este quadro retrata que a preocupação dos movimentos ambientalistas possui sua validade, além de reforçar a hipótese de que está havendo uma alteração no quadro da cobertura vegetal desta região.

Se pelo processo histórico de ocupação do bioma Pampa, a atividade que é tida como predominante é da pecuária, devido à colonização ibérica nesta região, e a mudança da cobertura vegetal pode ter associação direta com a mudança desta lógica produtiva. Isto é, a pecuária é uma atividade que, atualmente, é associada diretamente à presença e a manutenção do campo nativo desse bioma. Se está havendo uma supressão desta cobertura vegetal, muitos fatores podem estar envolvidos para tal surgimento desta problemática, mas a questão de uso do solo pode ser o mais preocupante.

Ao aprofundarmos no âmbito dos elementos presentes na paisagem do Pampa, essa perspectiva de transformação da lógica de produção econômica e do uso do solo está sendo evidenciada nas marcas distribuídas espacialmente, ao longo da rodovia RSC-377. Exemplo disso é a transformação das “porteiras” – portões de características rústicas e bem trabalhadas, normalmente construída de madeiras, de tijolos ou de metais, que guarnecem as entradas das propriedades rurais. As fazendas do Pampa possuem, tradicionalmente, forte conexão com as suas porteiras, afinal, elas representam materialmente e simbolicamente as relações territoriais estabelecidas nessa região. A construção da cultura e da tradição gaúcha é fortemente atribuída aos “campos nativos de um território de fronteira flutuante” (Bencke *et al*, 2016) e também a uma íntima associação com a atividade de criação extensiva de gado. Essas condições estabelecem a existência de uma paisagem cultural que se expressa em suas formas e estruturas, e que estabelecem uma lógica de organização espacial.

As porteiras se evidenciam como marcas que representam as tradicionais práticas econômicas ligada à pecuária, como exemplo na Figura 8 e na Figura 9. Os amplos espaços campestres, divididos em grandes porções de terras, revelam a herança da lógica fundiária. Esse reconhecimento da estrutura pastoril sofre, atualmente, rupturas com o aumento de repartições das propriedades em terrenos reduzidos. O processo de fragmentação das propriedades, na área de estudo, representa uma parcela das mudanças na temporalidade sobre os aspectos produtivos. As divisões nessas propriedades se devem, geralmente, pela divisão por herança, para destinar ao arrendamento (principalmente, para a produção da lavoura) e pela venda.

Estas alterações na estrutura fundiária são materializadas nos elementos distribuídos espacialmente, isto é, geram-se rupturas históricas e se cria outro conjunto de formas que redesenham a paisagem do Pampa. A temporalidade fica registrada nesse mosaico

heterogêneo (Verdum, 2016) de elementos materiais que se acumulam na paisagem. Neste caso, as porteiros são indicadores dessa mudança sobre a matriz produtiva dos proprietários nas suas propriedades.



Figura 8: Fotografia da porteira da fazenda "Tarimbas", propriedade com entrada localizada na RSC-377. A estrutura dessa porteira é construída em tijolos e caracteriza um antigo padrão de porteiros na paisagem. A mudança nas características das porteiros é resultado do processo geo-histórico de transformação. Destaca-se a presença de símbolos nos pilares entre o acesso da fazenda. Essa referência é dada pelos proprietários e indicam a função exercida pelos proprietários. Supõe-se como marcas de registro da família, que exerce a atividade tradicionalmente de pecuária. Esta propriedade é localizada mais próxima ao município de Manoel Viana. (UTM: 649532, 6727262) Fotografia: Ricardo Hiroyuki Okido (março de 2016)



Figura 9: Propriedade "Pequeno Paraíso" apresenta estrutura mais rústica e simples, de madeira. A fotografia representa uma propriedade que exerce a atividade da pecuária, próxima a margem da rodovia RSC-377. Visivelmente, nota-se que a porteira possui a ausência de símbolos na sua constituição, isso pode indicar que a porteira pode ser temporalmente recente em comparação a da Foto 7. (UTM 671419, 6725047). Fotografia: Ricardo Hiroyuki Okido. (março de 2016)

As propriedades que apresentam outra dinâmica no seu sistema produtivo, sobretudo atividades de lavoura concomitantemente à pecuária, apresentam estruturas temporalmente mais recentes e se caracterizam pelas necessidades do tempo presente. Seja no modo de construção, visando a praticidade para o escoamento da produção das lavouras, seja na presença simbólica de elementos que caracterizam a entrada da propriedade, como se pode ver na Figura 10.

A relação atribuída ao aspecto da forma das portei­ras representam a leitura cultural sobre a paisagem do Pampa. A importância dessa estrutura, como já descrito, é fortemente atribuída a sua funcionalidade como barreira para o gado não sair das propriedades. Uma mudança na perspectiva da atividade econômica altera a necessidade de construção de uma porteira complexa e bem trabalhada. As grandes extensões de terras, fragmentadas em lotes menores, regulam novas práticas espaciais e resultam novos registros materiais na paisagem que simbolizam a transformação do Espaço Geográfico.



Figura 10: Entrada próxima a margem da rodovia RSC-377 de uma propriedade, repara-se na presença do plantio da soja em ambas as margens da estrada perpendicular a rodovia. A ausência de uma porteira rente à rodovia e a ausência de cercas para delimitar a estrada da produção, reforçam a suposição de que esta propriedade já não exerce atividades da pecuária neste recorte da propriedade. A presença de placas-propagandas indica a origem das sementes e dos produtos químicos utilizados no plantio. Nota-se a pouca importância da necessidade de uma porteira para esse tipo de produção. (UTM: 654481, 6725494) Figura: Ricardo Hiroyuki Okido. (março de 2016).

Algumas porteiros apresentam sinais de abandono, por conta da desnecessidade funcional dela. Estas marcas são evidências que indicam mudanças administrativas das propriedades, sobretudo no processo produtivo delas. A Figura 11, tirada no trecho da RSC-377, representa uma propriedade no qual a porteira apresenta sinais de abandono. Os sinais apresentados nas porteiros não determinam uma mudança total sobre a atividade exercida nas propriedades. Porém, tais características podem auxiliar na compreensão, através da paisagem, das marcas que compõem esse mosaico em transformação.



Figura 11: Porteira da Micro Agropecuária Nossa Senhora Aparecida, localizada na RSC-377. Nesta fotografia, caracteriza-se sinais de abandono deste acesso (falta de porteira, vegetação tomando o acesso). Provavelmente, o desuso da porteira se deve pela ausência da prática da pecuária nesta propriedade. Porém, a presença de uma baixa vegetação herbácea nela indica uma possível área de uso para a lavoura (área em pousio). (UTM: 654481, 6725494). Foto: Ricardo Hiroyuki Okido. (março de 2016).

São esses marcos, como exemplo, que representam o segundo rompimento da paisagem campestre do Pampa que ocorre devido a uma mudança importante do sistema de produção (Verdum, 2016), principalmente com a introdução dos cultivos de trigo e soja, a partir de 1950 e 1970. Temporalmente, essas marcas reforçam a retomada da crescente produtividade da lavoura temporária nos municípios estudados. Isto é, mesmo compreendido que a lavoura é uma atividade econômica praticada há mais de 45 anos, o aumento das áreas destinadas a essa produção, principalmente da soja, ocorre devido a uma evolução da técnica de produção: o sistema de plantio direto.

Essa técnica permitiu que o produtor não necessitasse realizar procedimentos que intensificassem o processo erosivo do solo. Consequentemente, torna-se vantajoso financeiramente para muitos produtores alterarem seu sistema de produção frente às necessidades impostas pelo mercado financeiro. Com o plantio e o manejo facilitado por essa técnica, diminuindo o processo erosivo do solo, agregado ao valor econômico da terra na região do Pampa, o aumento das áreas destinadas à produção da lavoura é eminente. Pois,

supre a carência financeira dos proprietários locais que passam a arrendar suas propriedades e atrai produtores de outras regiões do Estado que investem nesse modo de produção. Portanto, o evidente aumento de áreas destinadas à lavoura em detrimento da pecuária, registrado nos dados censitários, é perceptível na paisagem campestre do Pampa, como se pode notar na Figura 12.



Figura 12: Foto que representa as duas atividades econômicas exercidas na paisagem do Pampa. (1) No horizonte, o relevo de coxilha com a lavoura de soja: parte dela já colhida e outra em processo de colheita. A propriedade, em questão, pertence à família Antoniazzi, lindeiros da propriedade do Antônio Gioda (2), que ainda mantém a atividade de pecuária em sua propriedade. Gioda, mesmo arrendando uma pequena parcela para o cultivo da soja, mantém o exercício da pecuária como atividade principal. Diferentemente da família Antoniazzi que já exerce a atividade da lavoura em praticamente toda a sua propriedade. Nota-se a diferença visual entre a rugosidade da vegetação, a divisão dos terrenos e a prática cultural, entre essas propriedades. Foto: Ricardo Hiroyuki Okido (novembro de 2015).

10.2 Respostas aos questionários.

As respostas dadas no questionário foram construídas, também, ao longo de um diálogo. Estes momentos ocorreram devido as entrevistas marcadas com cada proprietário. O tempo disponibilizado para as respostas foi livre, porém conduzidas de modo informal para dar aos proprietários maior segurança sobre as repostas dadas. A total informalidade era impedida pelo aspecto formal do questionário, que os conduziam a responder conforme a intencionalidade dada pelas perguntas, mesmo assim a maioria dos entrevistados conseguiu compreender o contexto dos questionamentos e realizaram reflexões interessantes sobre paisagem e o processo produtivo realizado em suas propriedades.

Em diversos momentos das entrevistas, com praticamente todos os entrevistados, a incerteza sobre as respostas era visível, principalmente, quando questionado sobre o conceito da paisagem. Pareciam procurar uma complexidade conceitual para as respostas, porém ao responder ficavam incertos sobre as mesmas. Isso demonstra o quanto a paisagem, embora sendo um termo pouco usado e impreciso (Verdum, 2012), possui uma complexidade não explorada no cotidiano.

A paisagem está fortemente associada naquilo que a visão abarca e/ou alcança para a maioria dos entrevistados. Relaciona-se ao conceito como uma composição de elementos, que formam um mosaico e que está fortemente associada ao interesse estético, construídas pelas ambiências individualizadas de cada entrevistado. Esta relação, em escala espacial, corresponde a diferentes “leituras de mundo” e compõem as justificativas para o movimento de expansão agrícola desta região.

As entrevistas realizadas foram gravadas com um aparelho celular comum, com autorização dos produtores, sendo possível registrar e identificar, através das falas, quais eram as composições dos discursos sobre questões importantes como: produção das lavouras, questões ambientais, dinâmicas de produção, incentivo fiscal sobre determinadas produções, entre outras questões que mostravam suas perspectivas sobre a paisagem em transformação. A dialógica estabelecida nestas entrevistas foi fundamental para que houvessem respostas em determinadas questões que despertavam desconfiças nos produtores. Porém, estas desconfiças não foram prejudiciais para o preenchimento do questionário e não interferiram sobre suas respostas e sobre seus raciocínios lógicos.

Analisarmos as transformações da paisagem remete a indagarmos ações sobre o processo produtivo sobre o solo, conseqüentemente, alguns produtores estavam com receio de que suas ações nas propriedades pudessem ser questionadas e, logo, buscavam justificativas que demonstravam a importância do seu trabalho.

A apropriação e o uso do solo são explicados pela conjuntura econômica o qual o Rio Grande do Sul está inserido. Houve consideráveis relatos de preocupação sobre a fragilidade do meio pedológico desta região. Eram, justificativas que condenavam ações predatórias sobre o uso do solo, ou seja, os produtores não concordavam com determinadas lógicas e ações sobre algumas propriedades por uma questão ideológica, técnica, política.

Este pensamento sobre a questão ambiental, influencia a construção de percepções sobre o *meio entre* e o *meio em torno*, dois componentes teóricos importantes para a constituição das ambiências. Os produtores, por estarem envolvidos em suas terras, caracterizavam o *meio entre* como um ambiente fragilizado, compreendiam e condicionavam o seu modo de pensar e agir para que os processos produtivos não descaracterizassem o *meio em torno*. Desse modo, compreendia-se os receios de como a transformação da paisagem poderia causar transtornos irrecuperáveis para eles próprios.

As leituras da sociologia sobre denominações de *espaço e lugar*¹⁷, destaca-se, também, o texto abordado por Michel de Certeau (2014) no livro “A invenção do Cotidiano: 1. A arte de fazer”, onde ele remete a importância sobre os relatos (e também outras formas de informações) do cotidiano para a compreensão dessas categorias de análise. O sociólogo distingue, em suma, que o “*espaço é o lugar praticado*” (p.184), no qual: “Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pelas práticas do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito” (2014, p.184). Seguindo, para De Certeau, o lugar consiste na “ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”, enquanto o espaço necessita de “vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo” (2014, p.184). Esse cruzamento de informações conferirá o entendimento sobre processos que conduzem as relações sociais sobre o cotidiano e como ela estipula a existência espacial. Nesse contexto, a paisagem está no resultado dessa mescla entre interações do espaço e do lugar.

¹⁷ Ver: De Certeau (2014), página 184.

De certo modo, as ambiências constituirão o conjunto de relatos que descrevem o cotidiano dos produtores, esse conceito possui íntima relação com o modo como a paisagem se transforma, pois, existe a necessidade da ação sobre o espaço para que as formas e as estruturas se modifiquem. Neste aspecto social do cotidiano, representações e signos retratados sobre as “leituras de mundo”, particularmente, constituirão no conjunto de informações que descrevem tendências e perspectivas de transformação do espaço geográfico.

Constata-se, portanto, que a configuração das entrevistas e do questionário são de caráter qualitativo, onde as informações não apenas se comprovam por fatos estatísticos. A mescla de dados obtidos através dos censos agropecuários do IBGE e as informações relatadas compõem o conjunto de resultados visíveis na paisagem. Este mosaico de elementos na paisagem evidencia novas perspectivas produtivas nesta região.

10.2.1 CORALIA MARIA OLIVEIRA MEDEIROS

A entrevista com Corália Maria Oliveira Medeiros, 54 anos, ocorreu no dia 27 de outubro de 2015 na Embrapa, de Porto Alegre, onde trabalha como servidora pública. Possui propriedade nas proximidades do rio Ibicuí. Seu contato foi obtido no campo de reconhecimento, através de outro proprietário e irmão: Claudio Medeiros. Formada em Medicina Veterinária, reside em Porto Alegre, porém faz visitas anuais para São Francisco de Assis.

A paisagem, para Corália, representa "uma composição visual do ambiente externo, constituída de elementos naturais e/ou de origem antrópica, que tem ao fundo a linha do horizonte". Sua descrição conceitual sobre a paisagem remete a ideia da "visão até onde abarca" com a relação dada sobre "ao fundo a linha do horizonte". Percebe-se a paisagem como conjunto de elementos que compõem um "ambiente externo", esta concepção caracteriza um pensamento da paisagem como algo externo à entrevistada. Genericamente, essa concepção de paisagem pode ser identificada na Figura 13.



Figura 13: Elementos destacados pela Corália Medeiros como paisagem de referência. Presentes na figura: “ao fundo a linha do horizonte” e elementos naturais (plantas, pedra, água) e de origem antrópica que compõem um “ambiente externo”: A singularidade de formas dos morros, das pedras; a diversidade de formas, cores,

texturas das plantas e flores. São importantes por ser a expressão pura da natureza, do ambiente específico do local. Foto: Alice Seben Campana.

A entrevistada identifica como marca, na sua leitura da paisagem, os "elementos naturais", citando exemplos como "plantas, pedras, água...". Entende-se a generalização dos elementos ditos naturais sobre essa interpretação, pois também podemos compreender os elementos de origem antrópica como sendo "natural". Nesse caso, toda ação antrópica caracteriza como parte intrínseca ao processo de transformação da paisagem do Pampa. Embora, tenha como marca tais elementos, Corália reconhece que a inserção da monocultura da soja na paisagem pampeana a tornará "monótona e empobrecida", ou seja, ocorrerá a diminuição da biodiversidade e a descaracterização da paisagem típica campestre.

Destaca-se, no discurso de Corália, que o principal fator para a ocorrência do aumento de áreas destinadas à soja é a condição da macroeconomia. A valorização da soja diante o mercado internacional e as dificuldades devido ao encarecimento de encargos sociais a serem pagos para a mão-de-obra na pecuária favorecem para que a transformação do processo produtivo ocorra nessa região. De acordo com ela, nos últimos cinco anos ocorre uma rápida expansão de áreas destinadas à lavoura de soja. Concomitantemente a isso, também houve a expansão da área urbana e a construção recente do trecho da rodovia RSC-377.

A entrevistada afirma que a introdução da atividade da lavoura de soja pode evitar um maior empobrecimento econômico para os proprietários. Segundo Coralia, a atividade da pecuária no Rio Grande do Sul estaria sofrendo uma desvalorização sobre a produção, devido ao aumento da fronteira agrícola para a pecuária nas áreas de mata amazônica (estados do Pará, Amazonas, Acre, Mato Grosso) e em áreas do Centro-Oeste. O processo de intensificação da pecuária e o aumento das áreas destinadas a agricultura, em escala nacional, inviabilizam a valorização do produto produzido no RS, prejudicando o lucro dos produtores no estado.

Em termos de ambiências, a entrevistada crê que a transformação da paisagem atende uma necessidade frente ao mercado global sobre o campo. Ela é residente na cidade, mas frequentemente viaja para São Francisco de Assis, por ser natural dessa região. Sua relação com o meio *em torno* material e simbólico varia entre aspectos urbanos e rurais. Há uma preocupação pessoal em seu discurso no aspecto ambiental, o que caracteriza uma proximidade simbólica com os elementos "naturais" que compõem a paisagem. Embora, as perspectivas de uso e ocupação da terra atendam uma lógica econômica, a compreensão dada

pela proprietária corresponde a uma negação sobre a transformação. O meio *entre* instiga a proprietária a defender que o avanço da soja é resultado da pouca valorização da pecuária diante o do grão, afinal por influência da situação macroeconômica os produtores não conseguem incentivos que busquem alternativas de produção que garantam a segurança financeira. A intencionalidade do avanço da fronteira agrícola é estrutural e materialmente representa o fim simbólico da extensão do bioma Pampa.

O discurso ecológico presente nas falas da proprietária representam uma leitura do meio *em torno* reproduzido no evento realizado na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Como se pode identificar neste trecho dado em resposta ao questionário: "*Também é uma ameaça à manutenção do equilíbrio ecológico em áreas mais frágeis como essas de solo arenoso (degradação do solo), contaminação de fontes de água, diminuição da diversidade da fauna. Acredito que ainda temos espécies vegetais e animais que não foram identificadas e provavelmente nunca o serão, pois esses ambientes específicos onde ocorrem estão ameaçados de extinção*". A influência do meio *entre* no discurso de Coralia reproduz a necessidade de se preservar um bioma, que para o círculo social urbano, está ficando escasso. Não há, entre os pesquisadores, a dúvida sobre a necessidade de preservação do bioma Pampa, concebendo a sua importância de biodiversidade em escala global: "O Pampa é uma das áreas de campos temperados mais importantes do planeta." (MMA, 2016). Porém, cabe discutir como é notável a diferença sobre a reprodução do discurso entre os proprietários que realizam as transformações nesta paisagem e as pessoas que questionam o modo de produção realizada sobre a superfície do bioma.

Instaura-se interpretações sobre a paisagem que são derivadas de uma leitura superficial da cobertura vegetal, isto é, se antes os campos eram de pastagens, a alteração para a agricultura não alteraria a paisagem no primeiro olhar. Os proprietários justificam o plantio da agricultura como uma necessidade atrelada a questão econômica, mesmo discursando sobre a importância e a necessidade de se preservar o bioma. Corália afirma, diante o conhecimento específico que possui, sobre as mudanças na biodiversidade que acarretarão por conta dessa transformação do processo de uso e ocupação da terra. Logo, se constitui um pensamento de conflito entre as necessidades do cotidiano no campo com os discursos dados pelos ambientalistas sobre a importância de preservação do bioma Pampa.

Sobre as terras arrendadas, Corália afirma que não possui arrendamentos em sua propriedade, porém estabeleceria *cláusulas do contrato de arrendamento a restrição ao uso*

do campo para lavoura, caso tivesse. Esta preocupação é decorrente da alteração que o cultivo da lavoura traz na paisagem do Pampa condiz com a manutenção da biodiversidade do bioma Pampa. A proprietária reforça que, caso arrendasse suas terras, *seria somente para pecuária em campo nativo com possibilidade de semeadura de espécies forrageiras de inverno por plantio direto sem dessecação química*, essa condição estabelece uma intencionalidade de manutenção do campo nativo para que evite maiores degradações e perda da biodiversidade em suas propriedades.

Pela conjuntura das respostas dadas ao questionário, a proprietária evitaria o avanço da soja na região, porém não há como evitar o controle da maioria das terras arrendadas – que, para ela, são utilizadas para atividades em que for obtido o maior rendimento econômico. As lavouras mais comuns, na área de estudo, se dividem entre lavouras de melancia ou soja, cultivadas no verão, e pastagem de azevém e/ou aveia no inverno para a pecuária.

Nome	Paisagens de referência	Ambiências	Sobre a lavoura temporária de soja
Corália Maria Oliveira Medeiros	Paisagens “atraentes” são constituídas de elementos naturais: plantas, pedras, água.	Possui vivência anual na propriedade em São Francisco de Assis. Divide-se entre cidade e campo. A necessidade do plantio da soja é determinada pela lógica da macroeconomia	Atende a necessidade de mercado. Situação de economia macroeconômica que influencia na produção da lavoura de soja

Tabela 9 - Quadro resumo: Corália Maria Oliveira Medeiros

10.2.2 LUIZ FIDELIS GINDRE

A entrevista com o proprietário Luiz Fidelis Gindre (56 anos) foi realizada no dia 15 de novembro de 2015, no centro do município de São Francisco de Assis onde reside. Sua propriedade, onde exerce a atividade de agropecuarista, se estende entre a margem do rio Ibicuí até a RSC-377. Natural de São Francisco de Assis, possui íntima relação com o trabalho no campo e exercia a atividade da pecuária extensiva no passado. Atualmente divide sua propriedade entre a pecuária intensiva e a rotatividade da produção de soja e azevem como pastagem para o gado.

O proprietário define a paisagem através da funcionalidade que o campo oferece, isto é, a produção de alimentos – gado, lavouras. Além disso, atribui o contexto das atividades de campo como o marco definidor da paisagem, ou seja, áreas transformadas para a produção de lavouras, de reflorestamentos e áreas de matas nativas. Luiz Gindre também define a visão como fundamental para identificar a paisagem, no entanto, acrescenta o elemento sonoro como importante para caracterizar a sua paisagem de referência, isto é, a ausência da poluição sonora satisfaz o proprietário, que define a “*paz no campo*”, “*voz das árvores*”.

O entrevistado possui uma relação sentimental com o campo, por ser criado nesse gênero de vida, atribui matrizes simbólicas ao sentimento que possui pela natureza. Nesse caso, demonstra preocupação sobre as alterações da paisagem devido ao problema do processo erosivo do solo, resultado das práticas da lavoura. Revela preocupação com o assoreamento do rio como problema direto da erosão do solo: “*A gente vê com tristeza de passar num rio e ver aquela água, numa época de chuvarada, aquela água vermelha. É a erosão que tá descendo*”. Cita a seca do rio Jaguari, devido ao uso da água para a lavoura de arroz, como um fato negativo para a sua paisagem de referência.

Embora, tenha essa consciência sobre o problema ambiental atribui pontos positivos a essa paisagem do campo. A paisagem de primavera traz para o proprietário grande satisfação, no qual relaciona seu trabalho como pecuarista e a satisfação por ver o gado pastando no campo nativo - caracteriza essa combinação como uma marca na paisagem.



Figura 14: Paisagem marca de Luiz Gindre. Elementos como "animais no campo", "mata nativa" e "áreas em preparação para plantio da lavoura" são registradas nessa fotografia. Foto: Ricardo Hiroyuki Okido. (novembro 2015)

Para ele, a soja é o progresso, compreende-se como progresso econômico na região, porém não atrela importância sentimental a esse processo. Assim como Corália, Gindre também retrata o avanço da soja como uma necessidade recente das atividades econômicas da região: *"A lavoura se faz necessário no contexto - se quer produzir mais carneiro, mais boi gordo, no campo nativo se torna muito mais difícil."* Nesse caso, retrata a necessidade do plantio da soja, devido ao ciclo de rotatividade da produção.

A soja, para Gindre, possibilita oferta de melhor rendimento para se ter pastagem. Sendo tecnicamente bem aplicada, a lavoura trará um retorno maior para a produção. Portanto, para isso, ele acredita que há a necessidade de se adequar a esse contexto da produção: *"Não adianta eu dizer que é mais lindo a primavera se eu não conseguir produzir mais carneiro ou mais boi gordo, então..."*. Assim como Corália, essa resposta remete a indução que a lógica macroeconômica impõe sobre os proprietários para conseguir equilibrar o rendimento de suas propriedades.

O meio *em torno* em que Luiz Gindre foi criado é o que ele define como "campo", como é retratado na frase: "*nasci no campo, nunca pensei em sobreviver de outra atividade, para mim sempre foi campo, campo, campo.*". E sua atuação como agropecuarista reflete na construção de sua ambiência rural. Sendo a sua formação inicial como pecuarista "tradicional" da Campanha, que fortaleceu a essa leitura de "campo", ele atrela seu discurso a essa tradição ligada a pecuária e o prazer dessa função está presente no seu diálogo. Ou seja, mesmo produzindo a lavoura, ele não espera que essa prática seja generalizada na sua paisagem de referência (paisagem com animais, matas nativas, reflorestamento, áreas para preparar a lavoura), como se pode perceber nessa fala: "*eu espero que a nossa região não chegue ao extremo: de ser uma região exclusivamente agrícola. Não espero ver na nossa região de São Francisco de Assis e do Pampa. E acredito que não vá acontecer. É muito forte (a pecuária): nós precisamos de carne, né?*"

A importância que Gindre associa às suas paisagens de referência é atrelada a questões históricas e sentimentalmente simbólicas: "*quem vive no campo tem a raiz no campo*" e "*a mente está voltada para o verde do campo*". Nota-se o reforço ao valor sentimental que o proprietário possui com o meio *em torno*, estabelece dialogicamente esse valor através de palavras como "raiz", "mente", "verde". Essas expressões remetem a relações pessoais que articulam as matrizes culturais do proprietário:

- A "raiz" caracteriza o fixar sobre território, nesse caso, representado pela paisagem do campo. A crença sobre a territorialidade do campo sobre sua vivência cotidiana.

- A "mente" e o "verde" remetem a esses símbolos do meio *entre*, no qual ele atrela o quanto "quem vive no campo" está diretamente conectada a ideia da natureza, fora do ambiente urbano. Manter as áreas produzindo alimentos possui um grande significado para o proprietário. Inclusive, descreve o como "*boi verde*" o gado que é criado solto no campo e não confinado, no qual, ele não crê que, mesmo no próximo século (intervalo de 50-100 anos), essa produção do gado não desaparecerá nesta região.

A sua preocupação sobre a mudança desses paradigmas no campo está nas futuras gerações. Possui o receio de que sua propriedade se transforme, devido ao não interesse dos filhos pelo campo, pois são indivíduos já formados na lógica citadina. Logo, a mudança da lógica produtiva (pecuária para lavoura) traria consequências negativas pelo proprietário. Reconhece-se que há uma necessidade de defender a paisagem "tradicional" do Pampa no

discurso de Gindre, porém a mesma justificativa das relações macroeconômicas condicionam ele a defender a necessidade do plantio de soja na região.

Nome	Paisagens de referência	Ambiências	Sobre a lavoura temporária de soja
Luiz Fidelis Gindre	<p>Acrescenta o elemento sonoro como importante para caracterizar a sua paisagem de referência. A ausência da poluição sonora satisfaz o proprietário, que define a “<i>paz no campo</i>”, “<i>voz das árvores</i>”.</p> <p>Essas paisagens são definidas como: “animais no campo, matas nativas, reflorestamento, áreas para preparar a lavoura”</p>	<p>A relação sentimental com o campo é atrelada ao seu diálogo: “<i>quem vive no campo tem a raiz no campo</i>” e “<i>a mente está voltada para o verde do campo</i>”.</p> <p>Sua formação como agropecuarista questiona bastante, de modo indireto, a produção da lavoura.</p>	<p>A soja é vista como uma evolução pela possibilidade de oferecer melhor rendimento para se ter pastagem. Sendo tecnicamente bem aplicada, a lavoura trará um retorno maior para a produção.</p> <p>Sua preocupação é em manter a lógica da pecuária, porém com receio sobre o futuro, por conta da falta de interesse das próximas gerações nesse modo produtivo.</p>

Tabela 10: Quadro resumo: Luiz Fidelis Gindre

10.2.3 ANTONIO CARLOS GIODA

A entrevista com Antonio Carlos Gioda, 64 anos, ocorreu no dia 15 de novembro de 2015, em sua propriedade rural localizada na RSC-377. É residente nessa propriedade há 12 anos, sendo originário de Nova Esperança do Sul. Sua formação profissional é em veterinária e exerce a pecuária como principal atividade na sua propriedade, sem possuir áreas destinadas à lavoura nela. É oriundo de uma família tradicionalmente ligada à pecuária e atribui seu trabalho de veterinário a essa atividade. No seu cotidiano lida diretamente com a pecuária, mas auxilia como veterinário para seis proprietários-clientes, onde extrai uma renda além da sua produção da terra.

A paisagem, para Gioda, é caracterizada como *"Tudo que tu pode ver. Tudo que ressalta aos olhos"* e *"coisas bonitas"*, nota-se que o discurso também repete a concepção de paisagem dos outros produtores entrevistados, isto é, a visão é o fator determinante para compreender uma paisagem e a leitura decorrente disso é direcionada para elementos que são agradáveis ao sentimento de pertencer ao campo. A paisagem que o proprietário carrega como referência são aquelas compostas pelas feições geomorfológicas de Cerros¹⁸, no caso, cita o Cerro do Tigre e o Cerro Grande (Figura 15).

Em sua fala, reconhece que a paisagem do Pampa está em alteração devido ao aumento da produção de soja e do reflorestamento. Para ele, as suas paisagens de referência estão sendo modificadas por conta dessas produções na terra. Porém, não crê que seja algo problemático para a região, pois compreende que esse processo de transformação é resultado da necessidade econômica imposta em função do *"comércio sólido da soja"* que influencia na estrutura produtiva da Campanha. Considera que essa mudança de pecuária para lavoura pode ser problemática no aspecto pedológico, pois intensificaria o processo erosivo do solo. Descreve, em sua observação da paisagem de fundo de vale, sobre a mudança da lavoura de arroz para soja e milho¹⁹. Portanto, acarretaria em uma intensificação do processo erosivo rente as margens do rio Ibicuí.

¹⁸ "existe um detalhe aqui: tem os cerro aqui... Esses pontos aí, de paisagem, que não mudaram e hoje são usados para observação. O exército, por exemplo, usa esse cerro aqui, cadastrado na carta magna do exército e, de épocas em épocas, eles pegam e sobem para fazer a observação, porque é o ponto mais alto para observar o rio." Gioda, novembro de 2015.

¹⁹ "essas baixadas aqui eram tudo lavoura de arroz, hoje em dia tem soja e milho" Gioda, novembro de 2015.



Figura 15: Paisagens de referência de Antonio Gioda. Ao fundo, encontra-se o Cerro do Tigre: o elemento que caracteriza uma paisagem como agradável ao seu olhar. O proprietário acredita que a alteração da pecuária para agricultura afetará na transformação da paisagem, pois crê na necessidade de se manter a vegetação nativa. O plantio da soja traria consequências negativas por intensificar os processos erosivos do solo e por “quebrar com a ecologia dos lugares”, essa frase remete aos problemas de desequilíbrio ecológico que o aumento das áreas de soja traz para os proprietários na região como, por exemplo, o aumento do número de javalis. UTM 657241 , 6725239 Foto: Ricardo Hiroyuki Okido. (março 2016)

Segundo Gioda, a agricultura na região se tornou uma economia mais fixa recentemente (nos últimos 5 anos). Antes, em um período maior que 10 anos, a lavoura era uma atividade cíclica em função do comércio, onde a queda da demanda e o aumento sobre o valor da produção influenciavam nas decisões dos produtores para o cultivo. Atualmente, como relata Gioda: *"O comércio é fixo, existe um comércio sólido da soja. Então, em função disso, a paisagem a cada ano muda"*. Cita, como exemplo, a propriedade lindeira a dele: dos Antoniazzi, onde: *"Aqui, por exemplo, os nossos vizinhos era gado, hoje nem gado tem mais, só tem soja..."*, descrevendo os proprietários como “pivô” da soja na estrada RSC-377.

O proprietário concebe que a agricultura mudará sua paisagem de referência e possui preferência pela paisagem de vegetação nativa, pois associa a sua atividade como pecuarista. Embora, ele questione sobre o avanço da lavoura, percebe-se que o mesmo não ocorre com o reflorestamento. Tal prática é reconhecida como algo importante para Gioda, pois ela remete, em seu discurso, a um melhoramento da condição climática sobre a região, havendo aumento da umidade e pluviosidade. Repara-se essa lógica no discurso dado pelo

proprietário quando, mesmo afirmando que o plantio de eucalipto é a uma paisagem artificial, reintera que nas áreas de reflorestamento: *"era tudo seco, era só areia e tinha umas lagoas pro meio, rebaixada. Hoje, tu vai lá, tudo é verde, tem água em tudo que é lugar..."*quando vem uma chuva de verão, está chovendo onde? Na área reflorestada! Então essa paisagem, para mim, é uma coisa muito linda, quanto tudo chega aqui e sai de manhã e olha: ó, tá chovendo ali, ó! E beneficia a agricultura, né? Que tem ao redor" (Figura 16).

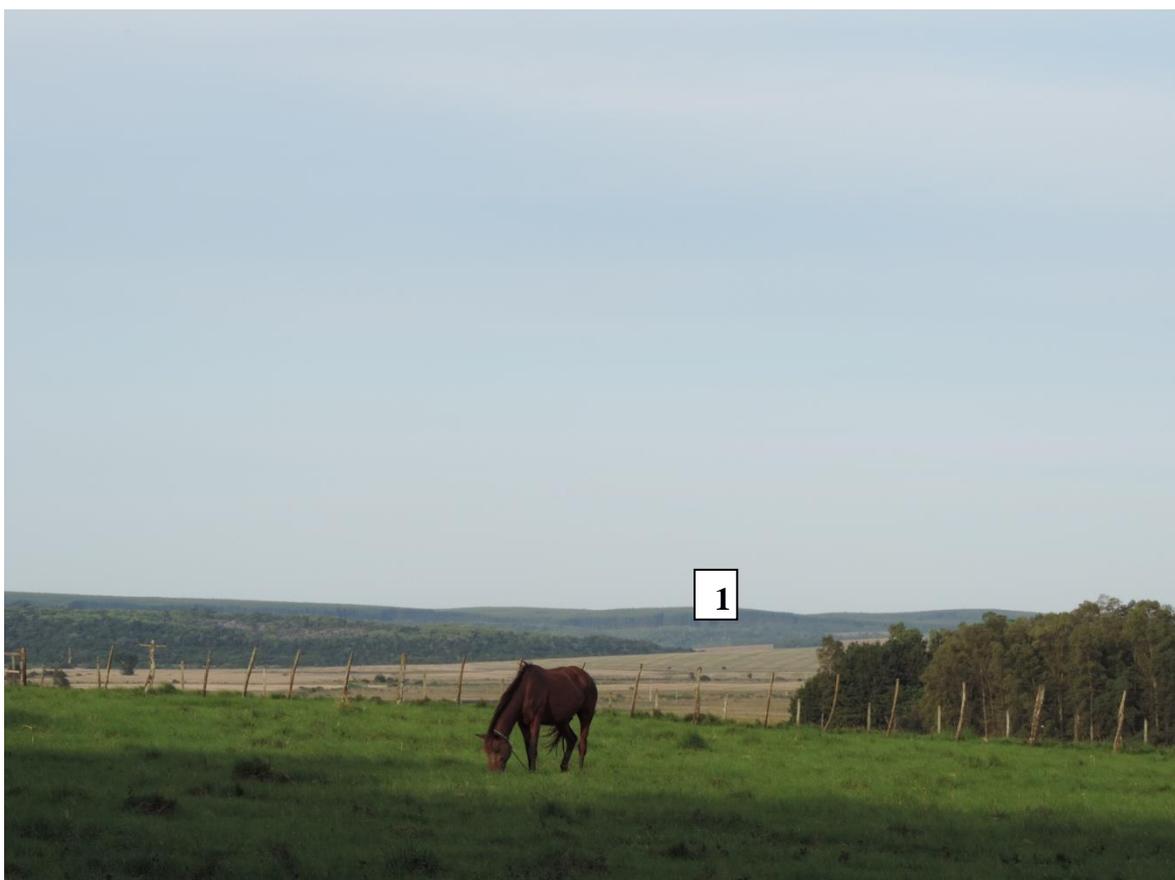


Figura 16: Paisagem vista a partir da entrada da casa na propriedade de Antonio Carlos Gioda. Nesta perspectiva, a intencionalidade da foto é captar o que o proprietário argumenta sobre a importância da silvicultura (reflorestamento) para ele. Segundo o proprietário, a presença do reflorestamento (1) possibilitou o aumento das chuvas sobre as áreas e as recuperou dos processos erosivos. Essa observação contraria a pesquisa sobre o quão problemático pode vir a ser a inserção da monocultura no bioma Pampa, não houve o questionamento sobre a opinião de Gioda, pois havia a necessidade de compreender os motivos que levam os produtores a adotarem medidas para investir em suas propriedades. Isto é, a realidade local remete a necessidade de capitalizar a terra, independente do modo como for realizado. Foto: Ricardo Hiroyuki Okido (novembro de 2015)

Essa interpretação, dada por Gioda, é importante pelo conteúdo que contradiz informações de que, tecnicamente, a silvicultura é prejudicial para a ecologia da região. E essa observação empírica da paisagem possibilitou ao proprietário o entendimento de que o

reflorestamento beneficia na resolução de problemas como as da erosão e da seca nessas áreas. Os relatos dados por ele geram ambiências complexas entre os valores que do meio *entrei* e meio *em torno* e da dialógica de proprietários locais e técnicos que fazem pesquisas nesses municípios. Segundo Gioda, sobre a silvicultura²⁰, nota-se a ausência de uma reflexão mais profunda sobre a conjuntura dos processos físicos presentes na região.

A pluviosidade não depende da monocultura de eucalipto, porém a interpretação do proprietário sobre isso também carrega uma leitura política: a partir do conhecimento de evapotranspiração e do controle sobre os processos erosivos gerados por uma floresta (que o proprietário associa à silvicultura), ele defende a importância da existência daquele modo de produção, logo, não questiona a sua presença, inclusive a defende como algo necessário para o município.

A paisagem de “reflorestamento” foi pouco abordada pelos proprietários entrevistados, no caso, somente os lindeiros às áreas da silvicultura relataram sobre ela, devido a sua relação de proximidade com essa paisagem. Quando Gioda relata que na área onde está a silvicultura atualmente “*era tudo seco, era só areia*” remontam o delicado quadro de uma problemática ambiental conhecido na região: a arenização, e essa problemática influencia nas suas decisões políticas e financeiras dos proprietários. Isto é, a transformação da paisagem é resultado dessas percepções, pois está diretamente conectada a tomada de decisões desses proprietários sobre o modo de produção que irão adotar e o destino que darão a sua propriedade.

Mesmo sendo tradicionalmente pecuarista, Gioda concebe que a agricultura está tomando rumos de domínio sobre o modo de produção na região. Ele se considera uma exceção diante os outros produtores que adotaram, praticamente, em toda a sua propriedade o monocultivo da soja. Define como os mais “tradicionalistas” aqueles que mantêm a pecuária como principal fonte econômica, no qual defende: “*a pecuária é tão lucrativa quanto a*

²⁰ “É uma maravilha isso aí. Uma coisa que surpreendeu há tempo atrás, uns estudantes apareceram aqui, quando começou esse negócio de ‘trabalhismo’. E que certas raízes políticas achavam que fazer reflorestamento ia mexer com a terra que eles podiam um dia podiam botar a mão, né? Eles disseram que esse reflorestamento que eles fizeram: ‘mas isso aí não se deve fazer, porque consome muita água.’ Só que esqueceram de uma regra básica de biologia: que onde tem árvore, chove. Onde não tem árvore, não chove. A política faz qualquer tipo de coisa, eles fizeram a cabeça, uma lavagem cerebral nos coitados, esse rapaz era até um técnico do colégio agrícola...” Gioda, novembro de 2015.

agricultura”. Segundo o proprietário, o valor do boi a R\$ 5,00 o kg e a saca da soja, que varia entre R\$ 50,00 e R\$ 70,00, não torna a lavoura de soja mais lucrativa que a pecuária²¹.

É um proprietário que evita o plantio da soja por crer que a monocultura traria mais problemas ambientais na sua propriedade, citando o javali como exemplo de problema para os proprietários que plantam grãos. Valoriza o que define como “*sistema ecológico*” o equilíbrio e a diversidade ecológica, portanto crê que a pecuária é importante para a manutenção do ecossistema da Campanha.

Gioda pertence a uma geração que parece fadada a findar em São Francisco de Assis: a dos proprietários que, como ele define, são os tradicionais que “*ficam com o ‘pé trancado’ com a pecuária*”, no qual, também defende pela importância de se preservar a vegetação nativa²². A vantagem que ele relata para o cultivo da lavoura de soja é a possibilidade de favorecer o plantio da pastagem de inverno “*porque deixa muito nitrogênio na terra*” sem a necessidade de adubação para a pastagem. Porém, mesmo assim, mantém sua propriedade tradicionalmente voltada para a pecuária, evitando inclusive de arrendar sua propriedade para outras atividades. Ele afirma que existe uma alta procura sobre suas terras para fazer parcerias com plantio de soja, mas nega as ofertas por não encontrar vantagens nessa produção²³. Questiona a intencionalidade dos produtores que migram do norte do Estado para a região da Campanha em busca de propriedades para plantar a soja, por não ser vantajoso o rendimento da produção comparado ao que se rende no planalto norte. O proprietário não crê que a terra na região da Campanha tenha competência para a agricultura, pois o solo é menos favorecido em nutrientes que da região norte do Estado.

²¹ “Boi a 5 reais o kg e soja a R\$ 50,00-60,00-70,00, não sei se é negócio fazer tudo que tem que fazer, trabalho pra passar, investimento para fazer, para colher 50 sacas de soja por hectare, se botar dois bois dá o mesmo que as 50 saca por hectares.” Gioda, novembro de 2015.

²² “Eu acho o seguinte: a gente sempre deve preservar o que é nativo, mesmo o próprio campo para pastagem, porque igual a aquilo ali tu não vai fazer (natural). E se tu optar por uma opção de grãos, tu vai terminar tudo. Tu vai terminar com aquele tipo de gramínea, aquele tipo de leguminosa que tem no solo. Quanto tu voltar, não vai existir mais ter aquilo. Tu vai ter que plantar, se um dia tu voltar. Eu acho que tu deve separar as coisas: uma área lá alta e boa, seca, que tem mais condição de fazer grão, plantar grão. Agora aqui nessas baixadas, tem que permanecer com campo nativo, melhorar o campo nativo, fazer uma correção de solo. Mas nunca misturar as coisas. Área de grão é uma coisa, área de pecuária é outra.” Gioda, novembro de 2015.

²³ “é uma atividade que vem casada, a produção de grão (no verão) e a pecuária: a produção de grão facilita a produção de pastagem. No inverno vai pro gado. Se tu fizer parceria com alguém, tu vai ter que estudar... está se arriscando por uma atividade que... a agricultura é uma atividade de maior risco que a pecuária, a pecuária é uma coisa sólida”. Gioda, novembro de 2015.

Nome	Paisagens de referência	Ambiências	Sobre a lavoura temporária de soja
Antonio Carlos Gioda	<p>A paisagem, para Gioda, é caracterizada como "<i>Tudo que tu pode ver. Tudo que ressalta aos olhos</i>" e "<i>coisas bonitas</i>", nota-se que o discurso também repete a concepção de paisagem dos outros produtores entrevistados, isto é, a visão é o fator determinante para compreender uma paisagem e a leitura decorrente disso é direcionada para elementos que são agradáveis ao sentimento de "pertencer ao campo".</p> <p>A paisagem que o proprietário carrega como referência são aquelas compostas pelas feições geomorfológicas de Cerros: citando o Cerro do Tigre e o Cerro Grande</p>	<p>Pecuarista tradicional, sua relação com o meio <i>entre</i> e o meio <i>em torno</i> remetem a prática da pecuária.</p> <p>Contesta a necessidade do avanço da lavoura de soja na região. Suas relações materiais e simbólicas remontam a importância da pecuária na sua formação como indivíduo, o que reflete na atuação como veterinário e nas práticas dentro de sua propriedade.</p>	<p>Embora identifique como uma necessidade econômica que instiga os produtores a adotarem a prática da lavoura, mantém apenas a pecuária como fonte de renda em sua propriedade. Evita arrendamentos e não crê na soja como futuro para a região.</p>

Tabela 11: Quadro resumo: Antonio Carlos Gioda

10.2.4 CARLOS HEITOR ZADRA OLIVEIRA

A entrevista com o proprietário Carlos Heitor Zadra Oliveira, 49 anos de idade, ocorreu no município de São Francisco de Assis. Reside no município há 25 anos e possui uma propriedade lindeira aos de Corália e Claudio Medeiros, que são seus parentes de primeiro grau. É natural de Uruguaiana e possui formação superior em Agronomia. Sua propriedade se divide em três atividades principais: pecuária, lavoura de soja (áreas arrendadas) e silvicultura.

Sua leitura de paisagem é atribuída às formas de relevo e as cores. O que se pode notar nos elementos marcantes que o proprietário atribuiu às suas paisagens de referência: cerros, rios e lavouras em “diversas etapas”. As marcas da paisagem de Carlos remetem à sua vivência e a sua formação, desde a infância, nessas paisagens. A condição histórica desses elementos na vida do proprietário a faz com que ele leia a paisagem a partir daquilo que ele considera agradável ao seu olhar. Atribui constantemente, durante a entrevista, que as cores remontam paisagens que ele considera referência, e com isso atrela a beleza dos campos mais “limpos” que ele associa à lavoura.

A referência dada aos cerros remete a sua vivência na juventude, quando relata sobre as diversas idas que fez ao Cerro do Batovi para observar a paisagem do alto do relevo residual. Constata que houve um processo de transformação na paisagem, desde sua infância aos tempos atuais, quando questionado como estaria a visão do alto deste Cerro: “*em volta era tudo campo, hoje é só lavoura*”. Porém, para ele, essa mudança sobre uso do solo ao redor do cerro não alterou a sua paisagem de referência negativamente. Compreende que o motivo dessa transformação possui fundamento nos aspectos econômicos que os proprietários estão inseridos. A paisagem com lavoura é considerada como uma paisagem de aspecto “limpo” por Carlos, pois acredita que essa produção mudou o padrão de campo (áreas destinadas à pecuária) e simpatiza com as cores que se alternam na paisagem em diferentes épocas do ano.



Figura 17: Cerro do Batovi é a referência de paisagem para Carlos. Possui uma relação afetuosa com essa feição geomorfológica, pois costumava subir o cerro com frequência onde observava a paisagem do seu entorno. Relata que no passado o campo com a pecuária predominava na paisagem; atualmente, a presença da lavoura e da silvicultura caracterizam a paisagem vista do cerro. Porém, para Carlos, essas alterações não mudaram a valoração sobre sua paisagem de referência. Foto: Ricardo Hiroyuki Okido (março de 2016)

O modo como Carlos valoriza a paisagem pelas cores²⁴ caracteriza, em seu discurso, uma aceitação sobre a mudança de padrão na produção do campo. Remete a uma valorização da paisagem com a lavoura, descrevendo-a como algo agradável e lhe proporcionando maior grau de satisfação em relação à paisagem do passado. Descreve como um "*jogo de cores*" e cita, como exemplo, a paisagem da lavoura de trigo que se transforma ao longo do seu crescimento: de amarelo dourado, quando em floração, para um "*verde intenso*".

A transformação do sistema produtivo é observada pelo proprietário desde o seu retorno para São Francisco de Assis, pós formação em Agronomia. A mudança da paisagem não é muito relevante para o proprietário, visto que sua valoração sobre a lavoura está além da estética. Concebe o impacto ambiental que é gerado no solo, decorrente das práticas de

²⁴ "Em nível de paisagem não altera muito, só altera mais é coloração de paisagem: uma hora é tudo verde outra hora é tudo dourado, o campo era uma coisa que ficava mais homogênea. Hoje é mais colorido, antes era um padrão só." Oliveira, novembro de 2015.

lavar a terra com maquinários pesados e não respeitando as curvas de níveis de certas áreas. Essa percepção é fruto de sua formação como engenheiro agrônomo e essa observação é feita, normalmente, quando circula pela estrada, observando propriedades alheias na paisagem do seu cotidiano.

O proprietário residiu em Uruguaiana e retrata a paisagem deste município como algo pouco variável: *“Uruguaiana é uma coisa só, que não anda nunca”*, diferente da paisagem de São Francisco de Assis, no qual define como *“e aqui não, vai mudando: baixo, cerros, campo, rio...”*, nota-se uma percepção melhor detalhada sobre os elementos da paisagem. Quando o proprietário se refere a *“uma coisa só”* sobre a paisagem de Uruguaiana, ele remete à paisagem de campo que não se altera na estrutura geomorfológica, o que difere de São Francisco de Assis com paisagens que mudam como ele descreve: *“baixo, cerro, campo, rio”*.

A soja para Carlos está em avanço na região por conta de uma necessidade econômica, seguindo o mesmo pensamento dos outros proprietários entrevistados. Relata sobre a ida de produtores oriundos do norte do estado do RS, que estão arrendando áreas na região para a atividade da lavoura, nota-se que a presença da lavoura está diretamente ligada a esses produtores migrantes na região. Remete à infância a tradição de campo e da pecuária, mas justifica que o crescimento da lavoura é decorrente de uma situação econômica que influencia nas mudanças dos paradigmas da produção sobre a terra²⁵. Do mesmo modo, a silvicultura remete a uma ruptura no contraste de cores e formas na paisagem para o proprietário, porém acredita que o seu baixo retorno econômico impossibilitou o avanço do eucalipto.

Diferentemente da lavoura temporária que, para Carlos, traz melhores retornos econômicos mesmo reconhecendo que a região de São Francisco de Assis não possui melhor competência para o plantio da lavoura, comparando com a região norte do RS. De acordo com ele: *“a princípio, esses campos seriam ruins para soja, para produção de trigo, milho...”*, mas o aprimoramento técnico favoreceu para que se conseguisse trabalhar nessa área que agora *“produzem tão bem quanto lá (norte do RS)”*. Como o custo para produzir a soja é mais elevado na região norte do estado, segundo o proprietário, os produtores dessa

²⁵ Sobre a condição econômica que fortalece a produção da soja: *“É a situação (econômica), tu vai ter um campo nativo produzindo: R\$ 200,00/300,00 por hectares, enquanto entra a soja produzindo R\$ 800,00. Então, que força, vai forçando. Lá (no norte do Estado) ficou mais caro produzir, as áreas foram ficando pequena. E vieram para cá (São Francisco de Assis). Até em termos de dinheiro, movimenta muito mais dinheiro. Assim, uma lavoura é em 6 meses e a pecuária é a longo prazo, então.. (retorno financeiro)”*

região estão arrendando as terras da Campanha devido ao valor baixo da terra. Ou seja, como o investimento da soja tem resultados a curto prazo, variável conforme a taxa cambial do sistema financeiro, além da política macroeconômica que incentiva no crescimento econômico da cidade²⁶, para os proprietários da Campanha compensa arrendar a terra, pois a pecuária não está rendendo economicamente como a soja.

Carlos arrenda duas áreas de sua propriedade para produtores locais, com a justificativa de recuperar sua condição financeira. Porém, essa relação é complexa, principalmente, devido aos problemas de manejo da terra por parte dos arrendatários. Sua intenção é retomar essas áreas que ele, atualmente, arrenda, para não necessitar da produção da lavoura. Segundo Carlos, há sinais de descaso em sua propriedade, pois os arrendatários visam o “aproveitamento máximo” da terra. Por causa disso, modificações no solo que intensificam processos erosivos e o uso de agrotóxicos em larga escala, são motivos de preocupação para Carlos.

O fato do proprietário ser de São Francisco de Assis, ele remete à infância a construção de sua leitura de paisagem e concebe a importância de repassar essa tradição para as futuras gerações. Relaciona a cultura ao amor sobre a terra, conforme é retratado nessa fala: *“para ter amor à terra, para gostar da terra e para trabalhar na terra: ela não veio em vão para mim. Era muito mais fácil pegar e arrendar tudo e ganhar dinheiro. É uma cultura isso daí. Isso veio do meu bisavô, do meu avô, todos vem produzindo, veio para o meu pai, então eu tenho que dar para os meus filhos”*. Atribui o termo “valor” à cultura da pecuária extensiva e acredita que há a necessidade de repassar essa lógica para gerações futuras, porém, por uma imposição econômica exerce a atividade da soja.

Embora, exerça a atividade da lavoura em sua propriedade, acredita que o “*ciclo da soja*” está em vias de terminar na região. Os motivos para isso seriam a variação do valor do dólar sobre a produção das sacas, isto é, os custos da produção são diretamente ligadas à variação do dólar, pois inclui produtos como: sementes, adubos, maquinários, cotação do mercado. Para Carlos, o valor da saca de adubo, por exemplo, não tem compensado o plantio

²⁶ “A soja deu um impacto que movimentou aqui o município (São Francisco de Assis), porque deu um gasto aqui, o dinheiro não sai do município. Uma lavoura, hoje, trabalha com dez (10) pessoas e, na mesma área, a pecuária é uma ou duas pessoas. Então, gerou bastante emprego e dinheiro. Movimentou a cidade que está melhor de vida, com carros melhores. Situação financeira mais fechada.” – texto adaptado da fala de Carlos, novembro de 2015, sobre o desenvolvimento econômico regional devido ao aumento da produção da soja em São Francisco de Assis.

da soja. Ele relata que começou produzindo soja com adubo a R\$ 20,00/saca, atualmente, o valor está em torno de R\$ 100,00/saca, e a característica do solo na região exige a utilização de adubo para produzir. Em contrapartida, Carlos também relata que o valor do gado aumentou nos últimos anos: “*me criei trabalhando com o gado a R\$ 0,50/kg, há poucos dias estávamos trabalhando a R\$ 2,00/kg*”.

Outra medida que Carlos relata é a relação entre a produtividade da lavoura de soja na região e o financiamento que os produtores recebem dos bancos para investir na sua produção: o valor de financiamento é proporcional a área que se planta. No exemplo dado pelo proprietário, o valor é proporcional: R\$ 500,00 por 10 hectares, logo, se for plantar em 100 hectares ganha financiamento de R\$ 50.000,00; em 1000 hectares igual a R\$ 500.000,00. Esse incentivo financeiro propiciou para que houvesse aumento de áreas destinadas para o plantio da soja nas propriedades, porém, como descreveu Carlos, o solo na região não é muito competente para lavoura e, ao aumentar áreas destinadas para essa produção, invariavelmente diminuiria na produtividade, culminando em prejuízos para os proprietários.

Essa relação de valores econômicos faz com que o produtor crie a perspectiva de que a soja não avançará para a região da Campanha de modo intenso. Define o município como “região aventureira” que pode falir muitos proprietários que investirem na soja sem os devidos cuidados financeiros. Os produtores buscam alternativas para acompanhar cada “boom” de produção, isto é, toda a logística da soja, arrendamentos, financiamentos, são práticas cada vez mais comuns no município, pois ela está inserida como importante *commodities* no mercado internacional. Estar inserida em um quadro de política internacional e ter países, como a China, como grande importadora dessa *commodities*, fortalece o incentivo para financiamentos da produção de soja.

Carlos possui como objetivo finalizar com o plantio da soja na sua propriedade e a justificativa para isso seriam questões econômicas próprias e a necessidade de prevenir para não ter apenas um tipo de produtividade. Relata que, em São Francisco de Assis, não há um planejamento eficiente dos produtores que lidam com o mercado da produção de grãos. Porém, compreende-se que os produtores visam estar lucrando economicamente com suas terras, portanto a produção não é conduzida necessariamente pela razão cultural da região. O condicionante mercado guia, dentro da sua lógica capitalista, incentivos para os produtores variarem as produções em suas terras. Os exemplos de lavouras produzidos na região – como

o arroz, o trigo, a soja – condizem com esse movimento de “busca” para se produzir o que o mercado exige em um determinado momento geohistórico. O planejamento, que visa uma “preparação estratégica”, é algo pouco praticado em São Francisco de Assis, por conta dessa volatilidade do mercado consumidor e pela busca de lucros pontuais por parte dos proprietários.

Nome	Paisagens de referência	Ambiências	Sobre a lavoura temporária de soja
Carlos Heitor Zadra	Cerro do Batovi, rios e lavouras em diferentes etapas. Associa as formas de relevo e as cores como principal característica para a paisagem.	<p>Associa suas referências de paisagem, principalmente, a sua criação desde a infância com a pecuária.</p> <p>Não reconhece como um problema a mudança do campo nativo para lavouras em suas paisagens de referência, pois compreende que existe uma demanda econômica que influencia nas decisões dos produtores para mudar suas produções.</p> <p>Considera bonitas as paisagens proporcionadas pela lavoura nos diferentes estágios em que se encontram.</p>	<p>Exerce atividade pecuarista, mas compreende que há a necessidade de se investir na lavoura pelo retorno econômico que oferece.</p> <p>A lavoura gera maior número de empregos e possibilita maior renda por hectares, segundo Carlos. Portanto, nesse aspecto, o grau de satisfação com relação a produtividade da propriedade é maior em relação ao passado.</p>

Tabela 12: Quadro resumo: Carlos Heitor Zadra

10.2.5 MARCIA ANTONIAZZI AGOSTINI & IVAN AGOSTINI

A entrevista com o casal Marcia Antoniazzi Agostini (50 anos) e Ivan Agostini (53 anos) aconteceu no dia 27 de fevereiro de 2016, na sua residência, em Porto Alegre. São proprietários de uma área referencial na produção da lavoura de soja no município de São Francisco de Assis. A propriedade deles, inicialmente, foi adquirida pelo pai de Marcia, em 1992, devido a esse fato os proprietários da região reconhecem como sendo a “propriedade dos Antoniazzi”, exerceram basicamente a atividade da pecuária até 1996. Após, o pai de Marcia trabalhou produzindo farinha de trigo e sempre demonstrou uma “paixão” pela agricultura, segundo Marcia. A gestão atual da propriedade é exercida pelo casal, porém quem trabalha diretamente nela é o Ivan Agostini.

A aquisição desta propriedade foi feita de uma família “tradicional” do município de São Francisco de Assis, conhecidos como “Pereira” segundo Marcia e Ivan. Essas terras foram adquiridas pela família Pereira na época em que a Coroa Portuguesa distribuía os lotes de terra. Inicialmente, essa área pertencente à essa família “tradicional” se estendia do rio Ibicuí, ao rio Taquari e até o rio Iacundá, o que equivaleria, segundo Ivan, de 50 a 60 mil hectares de propriedade.

Ivan é agricultor, oriundo de Ijuí (RS) e reside em São Francisco de Assis há 18 anos. Sua criação familiar, desde seus avós, é ligada a agricultura, portanto, sempre trabalhou exercendo essa função na terra. A migração para o município ocorreu devido a “*necessidade de ocupação de outros locais*” e pela “*dificuldade de terras na região de Ijuí*”. Marcia é artista plástica e reside no município há 24 anos. Antes dos Antoniazzi adquirirem essa propriedade a produção sobre essa terra era, basicamente, da pecuária. Gradativamente, se instalaram as culturas anuais. Ivan gerencia a propriedade na parte operacional e Marcia possui uma relação de lazer com a propriedade. Eles possuem um parceiro que se encarrega da parte de comercialização e captação de recursos para a propriedade.

Para ambos, a paisagem remete a uma leitura da beleza sobre elementos da natureza. Tanto para Marcia como para Ivan, o aspecto visual é o princípio para reconhecer a paisagem²⁷. A partir da visão, Marcia define o conjunto de elementos que a chamam atenção:

²⁷ "A paisagem é aquilo que teus sentidos podem te oferecer, né? E paisagem me lembra o sentido de visão, talvez de audição. São acho que os dois envolvidos e, vamos além, aromas! Se falar em visão é todos os componentes envolvidos: campos, lavouras, matas, rios. Rio, eu acho um componente fantástico daquela paisagem. O Ibicuí, para mim, conheço diversos (rio) no estado, acho que é um dos mais bonitos! Em função

cores, iluminação – citando a beleza da luz solar e da lunar, presença da água. Para Ivan, outros aspectos sensoriais também auxiliam na leitura da paisagem como: elementos sonoros e olfativos. A paisagem de referência de ambos são as lavouras, mesmo tendo alguma referência ao campo nativo, a clara preferência pela beleza das lavouras é presente em seus discursos (Figura 18).



Figura 18: Destaca-se a paisagem de referência de Ivan Agostini e Marcia Antoniazzi: lavoura de soja e o colorido florido das coxilhas. A água é um elemento de destaque para eles, portanto a presença de um corpo d'água caracteriza a paisagem de referência dos proprietários. A foto foi capturada da estrada RSC-377 e faz parte da propriedade deles. Foto: Ricardo Hiroyuki Okido. (março de 2016)

Pode-se notar essa relação com a lavoura quando Marcia descreve a paisagem de inverno como a mais atraente para ela. A combinação do frio, a “ondulação” do relevo de coxilhas e as culturas de inverno (o trigo, principalmente) criam referências de paisagens que ela aprecia com ternura. Para ela, essas lavouras possuem maior valor simbólico que a paisagem de campo nativo, com a presença do gado. Marcia já relaciona a beleza da lavoura à sua rotatividade na terra, isto é, diferentes produções (soja, milho, trigo) em diferentes épocas do ano. Define como “*uma rotação que visualmente muito bonito*”, diferentemente

da calma que ele representa: ele não tem cachoeiras, não tem. E aquele contraste com aquela areia muito branca, né? e a mata, né?" Ivan, fevereiro de 2016, ao descrever a sua paisagem de referência.

da cultura da pecuária que ela descreve como a “cultura do pasto” aparentando uma homogeneização sobre a leitura da paisagem.

A descrição de Ivan retoma os elementos geomorfológicos em contraste com as cores das lavouras e da vegetação de mata e beira de rio: “*a topografia tem movimento, né. Essas Coxilhas de ondulação suave e esse contraste de cor que tem*” e cita no diálogo a valoração que possui com a vegetação de mata atlântica, da beira do rio Ibicuí: em específico o ingazeiro (*inga*). Essas observações da botânica local que Ivan possui remetem a sua formação de Agrônomo, além do ingazeiro, ele cita o ipê roxo²⁸ (*handroanthus impetiginosus*) como uma marca em sua paisagem, principalmente na primavera, quando o ipê está florido. Além desta marca, o rio Ibicuí também é referência na paisagem, tanto para Ivan quanto para Marcia, no qual a característica que destacam são as lagoas formadas pelas cheias do rio Ibicuí.

Relatam a beleza do pôr do sol em sua propriedade, reforçando a leitura de uma paisagem que se torna valorosa pelo contraste de luzes e cores que representam: “*cada tarde é um espetáculo diferente e acho que nunca se repete, tem que ter olhos para ver, né?*” - Ivan ao descrever o pôr do sol.

A lavoura de Soja da propriedade dos Antoniazzi:

Destaca-se a produção da lavoura de soja na propriedade dos Antoniazzi, pois ela é referência como a pioneira na RSC-377, o trecho entre São Francisco de Assis e Manoel Viana. Essa informação foi confirmada por Ivan e, anteriormente, reportada por Antonio Gioda. Ivan destaca que já houve tentativas de plantio da soja na década de 1970, porém por alguma dificuldade econômica, os produtores retornaram para a pecuária. Inicialmente, a pretensão de Ivan e Marcia era promover uma integração entre a agricultura e a pecuária, ou seja, assim como outros produtores já descreveram, a soja serviria para viabilizar a produção da pastagem garantindo o retorno maior na pecuária. Segundo Ivan, o investimento na lavoura de soja possibilita a correção da acidez do solo (com calcário) e da fertilidade

²⁸ “Na primavera, algo que me marca muito é o ipê roxo. Todo ano tem aquele espetáculo do ipê roxo... Lá perto do Ibicuí. Dentro da propriedade tem quatro ipês grandes: eu não acredito que tem alguém que passa despercebido. E essas transformações feitas pelo homem: hoje o “florestamento” e as lavouras, criam essas tonalidades de cores que vão se transformando, cores e formas. Lavouras normalmente tem o formato bem definido e os outros (campo nativo), não, ao natural mesmo”. Ivan, fevereiro de 2016 descrevendo a valoração que possui pelos elementos da botânica.

(aplicando fósforo e potássio), e viabiliza um retorno financeiro imediato – em torno de 6 a 8 meses.

Segundo Ivan, o potencial produtivo, em São Francisco de Assis, era pequeno em função do tipo de solo, muito arenoso, e por conta do regime de chuvas pouco uniformes comparado ao Planalto Médio ou no norte do estado. Porém, desde as observações feitas por eles na paisagem, em 1996, a soja era uma atividade que era viável na região: “*embora com uma menor margem de lucro*”. Foi a partir desse momento, que Ivan relata que começou com a produção da soja (150 hectares) e notou essa expansão nas demais áreas de propriedades vizinhas. Segundo o proprietário, dividiu a história da propriedade em diferentes momentos:

No primeiro momento: ao encontro dessa expansão da lavoura de soja – que segundo Ivan, foi grande na região – as empresas de produtoras de sementes começaram a investir para atender a demanda de mercado que estava sendo gerado no município. Antes, as variedades de sementes eram trazidas diretamente do norte do estado do RS e não eram adaptadas para o tipo de solo de São Francisco de Assis. Atualmente, essas mesmas empresas começaram a introduzir no mercado, sementes que são mais adaptadas a essa região da Depressão Central e metade sul do estado. Tornando, portanto, a lavoura de soja uma atividade viável nesses municípios. O agrônomo destaca que a soja se tornou a atividade principal em sua propriedade, tornando a pecuária uma atividade secundária que ocupa áreas marginais da propriedade: áreas com declividade, com afloramento de rochas, e com impossibilidade de mecanização.

No segundo momento: iniciaram o plantio de milho que, segundo Ivan, “*dinamiza a propriedade*”, isto é, por se plantar e colher em diferentes momentos da soja, proporciona o uso dos recursos: equipamentos, mão-de-obra, sistemas de armazenagem e o solo em diferentes momentos. E, além de possibilitar uma receita diferente da soja, as áreas onde se planta o milho, acaba colhendo mais soja no ano seguinte. O motivo disso está na diferença biológica da planta, que possui um sistema radicular diferente e produz uma grande quantidade de biomassa no solo, que é muito pobre de matéria orgânica (0,7% a 1% no máximo). Portanto, o agrônomo considera importante a colocar muita palha na superfície desse solo arenoso para poder aumentar a sua produção, pois esse material aumenta o CTC²⁹

²⁹ Segundo Boletim Científico do Instituto Agronômico do Estado de São Paulo (março de 1969, vol. 28, nº8), CTC significa a capacidade de troca de cátions: “É uma característica físico-química fundamental dos solos. Indica a quantidade de íons positivos que um solo é capaz de reter em determinadas condições e permutar por

do solo que retém nutrientes dos fertilizantes que ele coloca, gera-se com isso um ciclo produtivo. Embora, em algumas situações existam condicionantes que podem prejudicar o crescimento da planta em maior percentual: a baixa altitude e o aspecto climático da região.

E no terceiro momento, houve o investimento na estrutura de irrigação: os sistemas de pivô central, iniciando em 2003 com o primeiro sistema, 2006 o segundo e 2012 o terceiro sistema de irrigação (Figura 19). Considera que, embora seja incerto futuramente, a produção de grãos com o sistema irrigado ainda é a melhor opção para produzir na região. Para Ivan, a pecuária não é o foco e, também, justifica essa constatação em função da macroeconomia.



Figura 19: sistema de pivô central para a irrigação na propriedade dos Antoniazzi. A paisagem da foto representa a preparação do solo para a plantio da lavoura de soja. No primeiro plano, se destaca o açude construído pelos proprietários para abastecer o sistema de irrigação. Na linha do horizonte, rente ao solo que está sendo preparado para o plantio, os canos que distribuem a água sobre o plantio. Foto: Ricardo Hiroyuki Okido. (novembro de 2015).

quantidades estequiometricamente equivalentes de outros íons do mesmo sinal. Trata-se de um atributo de grande interesse prático, muito útil em estudos de fertilidade, além de ser indispensável para a caracterização de unidades de solos”.

Quando houve o plantio da soja que não vingou na década de 1970, Ivan avalia que o motivo para esse impedimento foi a fragilidade do sistema agrícola – solo arenoso, e na época não se realizava o sistema de plantio direto. No momento que disponibilizaram ferramentas para realizar o plantio direto, foi possível a viabilização e a expansão da agricultura na região. O sistema convencional impossibilita a agricultura na região, pois, segundo Ivan, esse sistema se caracteriza por remover o solo, arar e não deixar palha em sua superfície, ou seja, a eminente degradação de um solo já frágil e a intensificação dos processos erosivos inviabilizaram a expansão da lavoura de soja.



Figura 20: A foto acima retrata uma ravina [1] em uma propriedade e foi tirada da rodovia RSC-377. O sistema convencional de cultivo intensificou esse tipo de processo erosivo na década de 1970. A ravina desta foto não é resultado desse processo, mas a presença dela indica a fragilidade do solo, como descrito por Ivan. No lado esquerdo da ravina [2], nota-se a presença de uma área com plantio de soja (recém colhida). Foto: Alice Seben Campana. (março de 2016)

A propriedade dos Antoniazzi, atualmente, é dividida em uma área para o plantio deles e outra é arrendamento – na área arrendada, o contrato é fixado em quilos (kg) de “boi gordo” por hectare. Na área própria, foi informado que 80% da área é irrigada com o sistema de pivô central e com esse investimento que foi realizado, tanto no solo como no sistema de irrigação, o agrônomo afirma que a produtividade deles está “*muito próxima das melhores*”

regiões do estado”, mesmo sabendo das limitações do sistema natural em sua propriedade. Justamente por esse fator, que os proprietários compreendem que a agricultura inevitavelmente modifica a paisagem e, por conta disso, o cuidado que eles querem tomar na sua propriedade é buscando realizar uma agricultura que seja sustentável. Por isso, evitam problemas como a erosão severa, cuidando no manejo do solo e realizando investimentos para produzir biomassa, criando uma cobertura de solo e aumentando os nutrientes que são escassos (fósforo, potássio, matéria orgânica).

A alteração da paisagem, também, preocupa os proprietários no quesito da mudança sobre o ecossistema da região. Reconhecem que as modificações no ambiente natural e a disponibilidade de alimentos devido a produção das lavouras, atraem espécies de fauna exótica a essa região, citando o exemplo do javali – que devido ao seu comportamento sem uma lógica, consegue aumentar em quantidade rapidamente. Além disso, relata que outros animais têm “reaparecido” na região, por conta dessa disponibilidade de alimentos, como a ema e a capivara.

Cultura, economia e paisagem

Ivan e Marcia pertencem a uma geração de proprietários que estão se instalando no município de São Francisco de Assis com a lógica de produzir grãos. Ivan cita a região da Campanha como a “*região do pecuarista*”, afirmando que, comparado a outros produtores que atravessam gerações – bisavós, avós, pais – nos municípios de São Francisco de Assis, Manoel Viana e Alegrete, são “*gente de fora*”. Descrever essa condição de mudança de paradigmas culturais, na visão de Ivan, caracteriza a mudança no padrão da produção sobre a terra: “*Nós somos ‘gente de fora’ que chegou lá para plantar, esse é o conceito, né? E isso acaba trazendo uma modificação na cultura, no próprio trabalhador de lá, na mão de obra da região. Quer dizer, antes o cara tinha que saber encilhar o cavalo e lançar uma vaca, hoje talvez não seja tão importante. O importante hoje é saber dirigir um trator, saber operar uma colheitadeira. Uma mudança! O pai do nosso funcionário era capataz de fazenda, o filho dele não é mais. Teve que buscar outras alternativas, por uma série de coisas*”.

Considera que a lavoura trouxe para o município um melhoramento na questão do trabalho. Cita que a remuneração é melhor e as condições de trabalho são mais agradáveis para o trabalhador: “*trabalha com mais conforto, trabalha em máquinas, uma cabine com*

ar condicionado, teve um ganho nesse sentido". Esse pensamento reforça a diferença entre o modo como a questão do trabalho do produtor pecuarista com aquele que está inserido na lógica da agricultura.

Embora a propriedade dos Antoniazzi esteja localizada em São Francisco de Assis, Ivan costuma frequentar o município de Manoel Viana devido a facilidade do acesso. A inserção da agricultura, na região, alterou a dinâmica comercial de São Francisco de Assis e Manoel Viana. Criando-se novas propostas de estabelecimentos comerciais que visam atender tanto os pecuaristas como os agricultores, ou seja, loja que antes eram apenas de ração para gado, passou a trabalhar com fertilizantes, defensivos agrícolas, lubrificantes para maquinários, entre outros produtos utilizados na agricultura. A exemplo disso, Ivan cita Flávio, seu amigo que possui um estabelecimento comercial em Manoel Viana há mais de 25 anos que era uma loja de ração para animais: *"Começam a surgir as necessidades, começa a vender calcário, a representar uma empresa, a negociar adubos para outra, sementes para outra. Vai se adequando em função das necessidades que se criam nesse mercado"*.

Ivan se considera um agricultor acima de pecuarista, e retrata que sua atividade é julgada com preconceito por determinados "setores urbanos". Relata que é uma "visão simplificada" do agricultor: *"aquele cara que modifica o ambiente natural, usa defensivos químicos (naturais e artificiais), usa transgênicos. Parece que a gente (agricultores) ficou um pouco estigmatizados a isso"*. Porém, acredita que a classe dos agricultores possui importância na manutenção do espaço rural, pois se preocupa com questões ambientais, buscando preservar o meio. Essa complexidade retratada por Ivan demonstra o conflito ideológico que existe entre o meio urbano e o meio rural. As discussões que visam preservar o bioma pampa criam um sentimento de exclusão nos proprietários que exercem a agricultura em áreas ambientalmente frágeis. As falas de Ivan representam um receio de grande parte dos proprietários sobre o seu modo de produção, porém, a incompatibilidade entre argumentos técnicos sobre o modo de produção e a condição macroeconômica direciona os proprietários a decidirem por um desses lados. Nesse caso, a condição macroeconômica se torna o caminho escolhido pelos proprietários.³⁰

³⁰ "Envolve uma série de fatores, por que estamos lá? Por que nós ocupamos aquele espaço? Tem na base de tudo, talvez, a questão econômica, porque a gente precisa de meio para sobreviver, para subsistência, a gente se abastece lá, pagar contas, pagar faculdade das filhas." Explicação de Ivan sobre o investimento feito no município de São Francisco de Assis. Fevereiro de 2016.

Nome	Paisagens de referência	Ambiências	Sobre a lavoura temporária de soja
Marcia Antoniazzi Agostini	<p>Conjunto de fatores delimitam a paisagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Áreas de lavouras, especialmente o trigo -Rio Ibicuí -Áreas com corpos d'água 	<p>A fazenda remete a uma área de lazer. Suas vivências com a região caracterizam sentimentos de relaxamento, apreciação.</p> <p>A lógica de perceber a paisagem traz elementos que correspondem “gente de fora”, como define Ivan Agostini, como por exemplo: cores e formas da lavoura.</p>	<p>Possui preferência pelo aspecto visual. Considera mais interessante que áreas de campo nativo. Não trabalha diretamente com a lavoura, portanto sua percepção está conectada a sua formação como artista plástica: buscando satisfação visual dos elementos que compõem a paisagem de lavoura.</p>

Tabela 13: Quadro resumo: Marcia Antoniazzi Agostini

Nome	Paisagens de referência	Ambiências	Sobre a lavoura temporária de soja
Ivan Agostini	<ul style="list-style-type: none"> - Campos; - Áreas de lavouras; - Rio Ibicuí. 	<p>Possui a visão voltadas para a agricultura. Sua relação é diária com a propriedade.</p> <p>Considera que o futuro é a produção da lavoura na região.</p> <p>Reconhece a “vocação” da região como pecuarista. Se identifica como um produtor externo a essa cultura, mas crée que haverá uma transforma�o nesse quadro cultural</p>	<p>A produ�o da soja � o foco do proprietário. Foram pioneiros no plantio da soja no trecho RSC-377 (São Francisco de Assis e Manoel Viana).</p> <p>Investimento em ciclos de lavouras: milho, trigo, soja.</p> <p>Instala�o do Sistema de irriga�o com pivô central.</p>

Tabela 14: Quadro resumo: Ivan Agostini

10.2.6 CARLOS ALBERTO SILVEIRA

A entrevista com Carlos Alberto Silveira, 66 anos de idade e natural de Alegrete, foi realizada no dia 21 de março de 2016. Formado em Agronomia, exerce atividades como pecuarista e agricultor há mais de 30 anos em São Francisco de Assis. Em sua propriedade, as áreas destinadas à pecuária são maiores que as voltadas para agricultura. As áreas destinadas para a agricultura são arrendadas por produtores de grãos que são oriundas da região de Cruz Alta.

A paisagem, para Carlos, também é relacionada à visão, onde se busca a extensão de áreas a partir do aspecto visual. A paisagem carrega aspectos como “profundidade” no discurso de Carlos, relacionando horizontes abertos e extensos, sem barreiras visuais. Portanto, quando ele destaca uma paisagem de referência, remete a uma “paisagem mais aberta e mais limpa”, nessa perspectiva associa a sua preferência pelo campo nativo, por ser um “sistema mais natural” (Figura 21), segundo Carlos.



Figura 21: Paisagens de referência, para Carlos: abertas e limpas. Na sua descrição, a paisagem remete à “visão que se tem de áreas até onde a vista da gente enxerga”, considera muito interessante o aspecto da “profundidade” que a paisagem possui através da visão. Campo nativo, vegetação arbustiva, atividade da pecuária são paisagens que o proprietário considera como mais agradável para si. Foto: Ricardo Hiroyuki Okido, (novembro de 2015)

Apesar de considerar mais agradável a atividade de pecuária, pela necessidade de uma melhoria na renda arrendou uma parte da propriedade para o plantio da lavoura de soja. Assim como outros produtores, relata que a soja teve um “boom” de crescimento na sua produção na década de 1970 e que retrocedeu, devido a intensa degradação do solo na região: causado pelo maquinário pesado e pelo sistema convencional de plantio. Nessa época, Carlos afirma que muitas propriedades tiveram reativações de ravinas e voçorocas e, por conta disso, a maioria dos proprietários desistiram da produção da lavoura de soja, arrefecendo a cultura da lavoura nessa época.

O advento de maquinarias mais sofisticadas, que realizam o plantio direto no solo, e o aprimoramento do conhecimento técnico sobre a região, possibilitou a retomada e o crescimento do plantio da soja nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana. E, por conta disso, atraiu produtores agrícolas que buscavam maior rentabilidade na sua produção. Os atrativos para esses produtores estavam no valor da terra, considerado baixo, de São Francisco de Assis. Segundo Carlos, o valor da terra gira em torno de R\$ 7,000 a R\$ 15,000/hectare, variando conforme a qualidade do terreno, isto é, “terrenos manchados” são áreas com solo mais arenosos, portanto de menor qualidade para realização da agricultura e vice-versa. Além disso, outras variáveis entram nessa negociação: distância até a cidade, dificuldade de acesso na propriedade, dificuldade no transporte do produto (qualidade das estradas), entre outros fatores que influenciam no valor final da terra.

Carlos ressalta que, para os proprietários locais, os valores da terra são altos, porém esses novos produtores não encontram dificuldades nessa questão financeira, devido ao retorno financeiro que a lavoura de soja está dando. Ele descreve esses agricultores como “*adiantado no tempo em termos de cultivo*”, pois possuem o acesso à informação e as técnicas mais eficientes para renderem na sua produção agrícola. Esses agricultores são recentes nessa região, estão em torno de 10 a 15 anos realizando essas atividades, e estão se fixando, adquirindo áreas, nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana, devido ao retorno financeiro que estão obtendo.

O proprietário, também, já recebeu “muitas” propostas para a compra de sua propriedade, mas que recusa por gostar de exercer a atividade da pecuária. Não acredita que seja vantajoso vender as áreas, pois crê que perderia a sua garantia financeira. Por uma questão ideológica, o proprietário prefere que haja a manutenção das áreas de campo nativo, vegetação arbustiva com o gado pastando, na paisagem da região. Cita um proprietário

conhecido, pertencente a uma geração mais antiga de pecuaristas, que ainda mantém a produção de gado no modo extensivo (aproximadamente, 3.000 hectares). Esse proprietário, segundo Carlos, está com 90 anos de idade e nunca teve o sistema agrícola na sua propriedade, inclusive repulsando essa atividade por uma questão ideológica, pois acredita que a lavoura degradaria o solo e esgotaria recursos para futuras produções. Carlos diz simpatizar com essa ideia e acredita que, também, retomará as terras arrendadas ao término do contrato para apenas viver da pecuária³¹.

Essa preocupação cultural que os proprietários possuem mantém muitas áreas de vegetação nativa ainda intactas. Mesmo com a lavoura de grãos sendo descrita como mais bonitas e produtivas, em comparação ao campo nativo, a relação cultural histórica da pecuária tradicional ainda mantém os proprietários mais antigos fixados na importância de se preservar as paisagens de campo nativo do Pampa. É o que o proprietário descreve como a “vocação” do município, fator que pode modificar, pois os arrendatários estão ocupando o posto mais forte da economia regional.

O processo de aumento de áreas destinadas   lavoura, modificou o sistema de uso da terra inclusive para a pecuária, pois concentrou a lota o de gado por  rea. Isso gerou outro problema: o aumento da erosão do solo, devido ao pisoteio do gado em áreas concentradas. Além desse problema, a maior crítica do proprietário está no modo como arrendatários manejam o solo para realizar o plantio: ao realizar o nivelamento e curvas de níveis no solo das coxilhas, mesmo com o sistema de plantio direto, criam sulcos de erosão que, combinado com intensas precipita es e a o do vento (padrão climática normal da região), gerar  o aumento de problemas como ravinas e voçorocas nas propriedades. Essa crítica ao modo intenso de produ o está bastante presente nas observa es de Carlos sobre a paisagem, pois geram problemas ambientais maiores nas propriedades e pouco criam possibilidades que visem o melhoramento da condi o da terra.

Embora tenha esses problemas de no processo produtivo da soja, o desenvolvimento econômico que a cultura da lavoura trouxe para os municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana   inegável, pois, segundo Carlos, criou-se uma maior circula o de dinheiro,

³¹ Carlos diz que retratam esse proprietário, de 90 anos, que ele “  um cara que atrasa o progresso”. Carlos desacredita dessa informa o, pois ele mant m uma estrutura econômica e, por conseguir se sustentar apenas com a produ o do gado, relativiza a ideia do “progresso”.

forasteiros circulando nas cidades e uma “enorme” logística de produção de grãos. E, em conjunto a isso, a renovação técnica sobre a produção do gado de modo intensivo acrescentou na economia local. Portanto, com isso houve melhorias na cidade e na circulação da informação dentro da cidade e, para Carlos que particularmente gosta da cidade de São Francisco de Assis, houve uma melhora considerável, uma “evolução”.

Sabe-se que o potencial da terra no norte do estado do RS é maior para a produção agrícola, porém o custo da sua produção também é maior. Os arrendatários estão obtendo, praticamente, a mesma margem de lucro sobre a produção que conseguiriam no norte do estado, mas gastando o dobro a menos para poder produzir. Essa troca favorece para que esses arrendatários pretendam se estabelecer na região, adquirindo terras para investir na lavoura. Carlos descreve os produtores que trabalham na agricultura como mais “jovens”, média de 40 anos de idade, que buscam especialização e técnica constantemente. Observa que são produtores mais cuidadosos com as ferramentas que usam na produção das lavouras e estão constantemente se atualizando em informações sobre a agricultura (sementes, fertilizantes, técnicas, equipamentos). Compara esse perfil dos “jovens” agricultores aos produtores locais pecuaristas, ou seja, que possuem outra lógica cultural e que não concebem o ritmo de produção desses agricultores. Carlos, faz essa comparação para descrever o quanto a cultura e a lógica produtiva da região podem estar passando por uma mudança inevitável.

A ambiência de Carlos: graduado em Agronomia, porém sempre teve prazer no trabalho da pecuária e a agricultura não traz para ele a mesma satisfação, mesmo sendo a lavoura com o sistema de plantio direto. Mas, acredita que as duas atividades concomitantes trazem maior renda para a receita pessoal e para o município, melhorando a qualidade de vida e possibilitando a maximização do uso da área. As exigências que o sistema impõe são justificativas para aceitar a necessidade de se fazer investimentos na lavoura, nesse caso, cita o exemplo da formação universitária dos filhos. Essas relações são importantes, pois todos os produtores entrevistados, que dependem exclusivamente da terra, adotam essa postura de maximizar a renda para poder manter o seu sustento.

Nome	Paisagens de referência	Ambiências	Sobre a lavoura temporária de soja
Carlos Alberto Silveira	Campos nativos, com a vegetação arbustiva e o gado pastando.	Embora reconheça a importância da lavoura, acredita simbolicamente que o meio <i>em torno</i> está mudando para as áreas de lavoura, mas no meio <i>entre</i> ainda se estabelece práticas fortemente ligadas à pecuária: define isso como a vocação do município. No diálogo busca justificar a importância da lavoura, embora não seja adepto a esse modo produtivo	Considera mais agradável a atividade da pecuária, porém por uma necessidade de melhoria da renda, arrendou a sua propriedade para produzir a lavoura de soja. Mantém cuidados sobre o modo de produção da lavoura para não ter prejuízos, como a perda de solo, mesmo se considerando um “privilegiado” por possuir um solo de melhor qualidade, isto é, menos arenoso.

Tabela 15: Quadro resumo: Carlos Alberto Silveira

11 CONCLUSÃO: A busca por uma paisagem percebida, proposta para entender as paisagens em transformação.

A dissertação propôs compreender as percepções de proprietários sobre a expansão da lavoura de grãos na paisagem que corresponde ao trecho da rodovia RSC-377, que liga os municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana. A partir de elementos presentes na paisagem, foi identificado a alteração sobre o processo produtivo, nesse caso, da pecuária para a agricultura, nestes municípios estudados. Dessa constatação, indagou-se: como as paisagens em transformação eram percebidas pelos autores dessa transformação?

A partir do pressuposto de que a retomada da expansão das áreas de lavouras de grãos é justificada por condicionantes materiais e simbólicos, realizou-se reflexões sobre o quanto essa mudança de produção na terra influencia para a leitura da paisagem nestes produtores. Com isso, pode-se contextualizar cultural e politicamente as práticas adotadas por esses produtores. Então, até que ponto a paisagem, como categoria de análise, pode contribuir para o entendimento sobre as relações de produção do espaço?

Berque (1998) afirma que indicadores da paisagem podem explicar uma relação de cultura com qualquer intervenção humana na natureza, ou seja, “*o significado cultural é introduzido no objeto e também pode ligá-lo a outros objetos aparentemente não relacionados a ele na natureza*” (Berque, 1998, p. 103). Desse aspecto, o objeto ganha um valor intrínseco a um conjunto de relações culturais dadas a ele, independente da origem: natural (propriedades dadas pela natureza) ou transformada pelo homem (tecnificada).

Esse comportamento de atribuir significados culturais aos objetos fortalece o entendimento dos valores dados às materialidades do espaço. Podendo associar os significados de uma paisagem cultural às tentativas de territorialidade de uma sociedade sobre um determinado território. O conceito de territorialidade descrito por Sack (2011) incorpora a importância de trabalhar como: “*a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certas áreas geográficas*” (Sack, 2011, p. 76). Logo, a área geográfica, denominada como território, pode ser delimitada também pela territorialidade como forma de apropriação e de controle, isto é, um marco estratégico que estabelece os diferentes níveis de acesso a pessoas, coisas e relações.

A lavoura de grãos, nesse caso, exerce uma ação de territorialidade no âmbito cultural, isto é, os proprietários tradicionais, pecuaristas ou agricultores, mas que residem há

mais de duas décadas nos municípios estudados, acabam sendo instigados a adotarem a prática da lavoura por uma influência da macroeconomia que estabelece as regras sobre qual tipo de produção é mais rentável que outra. Nessa lógica, a inserção desses atores – os “novos” produtores agrícolas – está se inserindo a cultura da produção de grãos, sobre áreas típicas de campo nativo que exerciam a pecuária. E as razões para a ocorrência desse evento são materiais, por exemplo, valor baixo da terra por hectares, devido as características de solo arenoso, grandes áreas de relevo suave que favorece o trabalho de maquinários agrícolas. Portanto, a existência de interesses econômicos sobre a região atrai incentivos do mercado para esse tipo de produção, concomitantemente os diversos atores externos também se inserem nas paisagens do Pampa.

Constata-se que a paisagem da parte sul do Rio Grande do Sul é construída com elementos culturais que já não são considerados presentes no cotidiano de muitas regiões do sul do estado, isto é, campanha tradicionalmente ligada a pecuária. São paisagens que, futuramente, serão parte do imaginário passado de uma cultura transformada. A leitura da paisagem atribuída ao processo histórico de ocupação das terras desde o século XIX, como paisagens agrícolas do norte do Estado e como paisagens pastoris do Sul (GUASSELLI, SUERTEGARAY, 2004), consistirá em uma memória de uma nova paisagem altamente tecnificada, tanto na produção de grãos como na do gado. Comprova-se que as práticas agrícolas estão crescentes e as condições de divisão das terras – como o aumento de arrendamentos, indicam que as práticas agrícolas estão fortemente inseridas na lógica produtiva nesse setor territorial do Rio Grande do Sul.

As modificações na paisagem do Pampa registram eventos, cada vez mais, dinâmicos desse processo de transformação sobre as produções econômicas. A velocidade de expansão da agricultura, devido ao avanço técnico-científico, modificou drasticamente as paisagens do Pampa. Isso se percebe com a quantidade de novos elementos que compõem essa paisagem. Constata-se que a mudança da paisagem da pecuária para a agrícola não surte um efeito político suficiente para haver um questionamento sobre essa mudança na matriz cultura e produtiva, conforme descrito em uma das hipóteses. Ou seja, está ocorrendo uma transformação cultural sobre as práticas produtivas e, conseqüentemente, a paisagem está mudando.

Do ponto de vista ambiental, o objetivo de transformar a matriz econômica da campanha do Rio Grande do Sul, histórica e culturalmente pastoril, em região de lavoura

temporária, com cultivo mecanizado e intenso, e sem um manejo ambiental adequado, pode intensificar uma série de impactos biológicos e geomorfológicos no Pampa. Os dados revelados pelos produtores entrevistados foram contundentes para afirmar que já houve uma mudança no ecossistema da região nas últimas décadas. O aumento da fauna exótica – principalmente, o javali, aparecimento de novos pontos de erosão na terra, pontos de assoreamento do rio Ibicuí, são alguns dos exemplos citados pelos produtores.

Porém, existe um amparo financeiro dado pelo Estado que incentiva as produções de grãos. Elas correspondem a uma lógica globalizada da economia, de relações macroeconômicas, e influenciam na construção das novas marcas e matrizes da paisagem do Pampa. O exemplo citado, por um dos proprietários, sobre a facilidade dos créditos disponibilizados para produtores que possuem a intenção de plantar soja, sem a necessidade de um laudo técnico específico do solo para analisar se a possibilidade é viável ou não, é uma prática comum no mercado agrícola de São Francisco de Assis. E essa facilidade existe, principalmente, pela garantia de retorno financeiro que a prática da lavoura de grãos possui para os produtores. A economia é movimentada, o município cresce, há um aumento da renda e a qualidade de vida se modifica, pouco se consegue contra argumentar diante essa percepção sobre a inserção das lavouras de grãos na produção dos municípios.

As paisagens se tornam resultado das decisões locais de influência do capital globalizado. Este que possui pouca, ou mesmo nenhuma, relação direta com a população desses municípios. São ideologias que exercem grande influência nas práticas e tomadas de decisões e, conseqüentemente, na dinâmica espacial, porém altamente questionável como prática para um desenvolvimento equilibrado do espaço geográfico dos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana. A possibilidade para constatar a existência destas relações se deu pela leitura das ambiências entre os produtores e a comunidade científica que estudam as paisagens do Pampa. As ambiências possibilitaram que as trocas de informações, a partir da paisagem, evidenciassem a complexidade que existe nessa transição do processo produtivo. Evidências que estão nos discursos, nas práticas, nos anseios e nas percepções dos produtores entrevistados.

Novamente, o contexto das territorialidades³² exerce forte influência nas intencionalidades que pairam sobre o processo de transformação da lógica produtiva

³² Segundo Sack: “A área da territorialidade não precisa ser defendida, se for entendido que a área em si mesmo é o objeto de defesa, e que o(s) defensor(es) deve(m) estar dentro do território defendido. Território pode ser

influenciada pela macroeconomia. Alguns dos produtores entrevistados defendem a inserção das lavouras de grãos, mesmo que indiretamente não concordem que ela representa a paisagem de referência deles. Já outros compreendem que não há mudança nenhuma a inserção da lavoura de grãos em suas paisagens de referência. Mostra-se, as territorialidades de uma macroestrutura produtiva agindo de um modo impositivo e de controle. Contrariar o sistema produtivo eminente da lavoura, seria contrariar a sua própria condição como trabalhador no campo, que precisa de sustento provindo da terra e precisa “pagar as contas”, questionar o modelo produtivo que está se instaurando na região, significaria questionar a sua própria realidade.

As paisagens em transformação são incentivadoras e reflexos dessas decisões políticas e conceituais desses produtores. Como foi citado por um dos produtores: existe um proprietário mais tradicional, pertencente a uma geração de pecuaristas mais antigos (ele tem 90 anos de idade), que repulsa a adoção da agricultura em sua propriedade. O motivo disso pode estar em um conjunto complexo de relações culturais desse proprietário que mantém ele firme na sua decisão de não transformar a sua grande propriedade em uma grande lavoura de soja.

São essas identidades que estão parecendo em São Francisco de Assis e Manoel Viana, a renovação de identidades e a construção de uma nova leitura sobre a paisagem do Pampa. As intencionalidades desses produtores mais recentes, das últimas décadas, demonstram claras diferenças de tradições e leituras sobre a paisagem. As paisagens do Pampa são “projeções econômicas”, são “perspectivas de produção”, são “inovações técnicas”, são “aprimoramento de plantios”, elas estão se tornando reflexo de uma voraz transformação social, cultura, econômica e política de uma região.

De acordo com Sack (2011), as consequências que esse tipo de territorialidade gera são relacionamentos, cada vez mais, impessoais e que moldam atividades através de uma hierarquia, isto é, relações verticalizadas. Se houver possibilidades de construir novas alternativas sobre a produção no campo, gerando debates e embates sociais que possam questionar e refletir sobre o atual quadro econômico que conduz nossas posições políticas e

usado não apenas para conter ou restringir, mas também para excluir. E os indivíduos que estão exercitando o controle não precisam estar dentro do território. Na verdade, não precisam estar em qualquer lugar próximo dele. Uma cerca ou muro pode controlar, assim como também uma placa de “proibida a entrada”. Pela definição, a territorialidade estabelece o controle sobre a área como um meio de controlar o acesso a coisas e relações. (SACK, 2011, p. 78).

também sobre a importância de se proteger o ambiente afim de buscar uma evolução cultural, poderíamos propor novas maneiras de (re)organização do espaço, buscando garantir o desenvolvimento socioeconômico e mantendo a conservação da ecologia do Pampa. A territorialidade é estabelecida pelas relações sociais e, por isso, apresentam implicações normativas que envolvem múltiplos níveis de significados e refletem simbolicamente sobre o conjunto: forma, estrutura e função.

Se a paisagem do Pampa, atualmente, revela rupturas e contrastes de elementos que causam estranheza tanto para proprietários como para pesquisadores, demonstra-se que as novas práticas de uso do solo, sem o devido cuidado com o meio, influenciam diretamente na conjuntura da forma, da estrutura e da funcionalidade do espaço geográfico. As identidades culturais e territoriais da Campanha deverão sofrer o impacto direto da transformação da paisagem do Pampa. Assim como a paisagem do Pampa será alterada, conforme as necessidades estabelecidas pelas novas práticas culturais e territoriais. Nessa perspectiva, Raffestin (2010) contempla: “Na minha concepção, a paisagem é um produto da territorialidade que resulta de um conjunto de relações mediatizadas, produto expresso por meio de diversas linguagens, em certa escala. A paisagem pode ser definida como uma imagem, na prática, um geograma da realidade material, a geo-estrutura”. (RAFFESTIN, 2010, p. 15)

Sendo assim, realizou-se este trabalho com o intuito de discutir as perspectivas que a transformação de uma paisagem pode construir na leitura sobre o espaço geográfico. Também, auxiliando na compreensão e no entendimento dos processos que são estabelecidos para a produção de práticas que mudam uma paisagem.

Portanto, o estudo consistiu nesse diálogo entre percepção da paisagem e as práticas decorrentes dessas percepções no cotidiano dos produtores. A linguagem cotidiana, segundo Raffestin (2010), não possui nenhuma perspectiva teórica, porém está intimamente ligada à Geografia: “Na linguagem cotidiana, o espaço é sinônimo de território e vice-versa: o único embrião teórico é fornecido pela pragmática da língua que oferece paradigmas, de modo que a palavra: espaço ou território, é utilizada conforme suas circunstâncias de uso”. (RAFFESTIN, 2010, p.14). Trabalhar com o cotidiano remete a construir diálogos; a instaurar as interpretações, a partir das leituras de paisagem; e compreender a relação do meio *entre* com o meio *em torno*; constrói-se as ambiências, as leituras de mundo.

A cultura do Pampa gaúcho é referência capaz de mobilizar a população e a estrutura do Estado do RS. A lógica de produção econômica segue uma diretriz política que é conduzida por relação internas e globalizadas. Cabe, portanto, a construção de alternativas que possibilitem a discussão das razões e das reais necessidades dessa expansão da lavoura de grãos no sudoeste gaúcho. Permitir um debate que atenda a importância histórico-cultural de uma sociedade e que considere a importância de se estudar a sua paisagem. Faz-se necessário focar nas relações de produção como o condicionante principal dessa remodelagem da paisagem do Pampa, afinal os comportamentos sociais sendo conduzidos pelas necessidades econômicas, se tornando paradigmas e sendo reproduzidas nos lugares. É esse comportamento que constrói as novas relações e reflexões sobre a dialética: natureza e sociedade, registrando as possíveis mudanças de uma cultura na paisagem.

12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A.N. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. In: Recursos Naturais, Meio Ambiente e Poluição, Rio de Janeiro, IBGE. 1977.
- BERQUE, A. "Paisagem-marca, Paisagem-matriz: Elementos da problemática para a Geografia Cultural". In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 1998.
- BESSE, J.M. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUAINAIN, A.M. Modelo e principais instrumentos de regulação setorial: Uma nota didática. In: RAMOS, P (org.) *et al.* Dimensões do agronegócio brasileiro: políticas, instituições e perspectivas. Brasília: MDA, 2007.
- CADERNOS GEOGRÁFICOS / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. – n. 12 (maio 2005). SUERTEGARAY, D.M.A. Notas sobre Epistemologia da Geografia. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2005.
- CHRISTOFOLETTI, A. Modelagem de sistemas ambientais. São Paulo: Edgard Blucher, 1999. p. 236.
- COSTA, R.H. RS: Latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- COSTA, R.H; MOREIRA, I.A.G. Espaço & Sociedade no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- DARDEL, E. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 292.
- DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1.Artes de fazer. 21 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de dados SIDRA. Disponível em < <http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em 10 nov. 2014
- KOZEL,S.; SILVA, J.C.; FILHO, S.F. Da percepção e cognição a representação: reconstrução teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 243
- MOREIRA, R. Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto. 2007.

PIRES, C.L.Z. A cidade jardim e seus espelhos: paisagens e suas geografias. 224f. Tese (Doutorado): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS-BR. 2010.

PIZZATO, F. Pampa gaúcho: causas e consequências do expressivo aumento das áreas de soja. 105f. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS-BR. 2013.

PUNTEL, G.A. Paisagem: uma análise no ensino da geografia. 135f. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS-BR. 2006.

RAFFESTIN, C. **Uma concepção de território, territorialidade e paisagem.** 2009. *in*: PEREIRA, S.R.; COSTA, B.P.; SOUZA E.B.C. (org.) Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.216.

REFFATTI, L.V. Geografia/Educação e apropriação psicossocial dos lugares. 96f. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS-BR. 2001

REGO, N.; SUERTEGARAY, D.M.A.; HEINDRICH, A. (org.). Geografia e educação: geração de ambiências. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

RIBEIRO, J.C.C. A verticalização da paisagem nos campos de areia da Vila Kraemer em São Francisco de Assis/RS. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ROBAINA, L.E.S.; TRENTIN, R.; BAZZAN, T.; RECKZIEGEL, E.W.; VERDUM, R.; NARDIN, D. Compartimentação geomorfológico da Bacia Hidrográfica do Ibicuí, Rio Grande do Sul, Brasil: Proposta de Classificação. Revista Brasileira de Geomorfologia. V. 11, Nº2. 2010.

ROSS, J. Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

RÜCKERT, A.A. Metamorfose do Território: a agricultura de trigo/soja no Planalto Médio rio-grandense, 1930/1990. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SACK, R. “O significado de territorialidade”. In: DIAS, L.C.; FERRARI, M. (Orgs.) Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Florianópolis: Editora Insular, 2011.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p.384

SANTOS, M. Pensando o espaço do homem. 5ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p.96

SILVA, L.A.P. Narrativas das percepções e conectividade de caminhantes nas paisagens dos areais pampeanos: perspectivas ambientais para geração de ambiências. 154f. Dissertação (Mestrado): UFRGS/PPGEA, Porto Alegre, RS-BR. 2008.

SILVA, L. X. (org.). Estado e políticas públicas. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

SOUZA, M. L. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p.320.

SUERTEGARAY, D.M.A.; SILVA, L.A.P.; GUASSELLI, L.A. (orgs.) Arenização: natureza socializada. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura: Imprensa Livre, 2012.

TUAN, Y. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012. p.342.

VERDUM, R. *et al.* Paisagem: leituras, significados e transformações. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

VERDUM, R.; VIEIRA, L. de F. dos S.; PINTO, B. F.; CABRALES R. Percepção da paisagem na instalação de aerogeradores no Rio Grande do Sul. In: Verdum, R.; Vieira, L.F.S; Pinto, B.F.; Silva, L.A.P (Org.). Paisagem - leituras, significados, transformações. 1ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p. 73-86.

VERDUM, R; BASSO, L.A.; SUERTEGARAY, D.M.A. (orgs.). Rio Grande do Sul: Paisagens e Territórios em transformação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 107-124.

VERDUM, R. **Paisagem do Pampa: monotonia que se rompe no espaço e tempo.** In: CHOMENKO, L; Bencke, G.A.. Nosso Pampa desconhecido. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. p. 208.

Links Web:

Rego, N. Geração de ambiências: três conceitos articuladores (art.). 2010. Link: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/6780/4946>

http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu_filho=819&cod_menu=817&tipo_menu=ECONOMIA&cod_conteudo=1488

http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/arquivos/relatorio_tecnico_monitoramento_desmate_bioma_pampa_72.pdf

13 APENDICE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

(Elaborado por: Verdum et al. (2012); adaptado por Ricardo Hiroyuki Okido)

PERCEPÇÃO SOBRE A PAISAGEM

MUNICÍPIO:

Entrevistador:Questionário nº:

Data:

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome	Sexo		Idade	Atividade
	M	F		

Inserção: residente – ocasional rural – urbano

- Tempo de residência no município:anos
- Município anterior:

2. LOCALIZAÇÃO DO PESQUISADOR EM RELAÇÃO AO LUGAR

a) Referências locais (pesquisador/falas alheias):

b) Coordenadas geográficas (GPS):

3. PAISAGEM

3.1 Conjunto da paisagem (primeira impressão)

a) O que é paisagem para você?

- b) Podes identificar as paisagens que te atraem ou que sejam referência para ti, nos teus percursos diários?

4. TEMPO

4.1 Do passado

- a) Quais as atividades agrícolas que foram desenvolvidas no passado nesta paisagem, assim como a época?
- b) São atividades que alteraram a paisagem naquele período? Estas alterações trouxeram maior ou menor grau de satisfação?
- c) Estas alterações transformaram as tuas paisagens de referência?

4.2 Do presente

- a) Quais as atividades agrícolas que são desenvolvidas nesta paisagem hoje?
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trazem maior ou menor grau de satisfação em relação ao passado?
- c) Estas alterações transformam as tuas paisagens de referência?

5. GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS:

1 Identificação de elementos marcantes (forma e funcionalidade / marca e matriz)

- a) Por que estas paisagens identificadas são marcantes para ti, isto é, quais as características ou as referências que as identificam como sendo importantes?
- b) O que motivou a sua vinda para essa região?
- c) Qual a sua relação cotidiana com a paisagem do entorno?
- d) Como você entende o cenário de produção de grãos em áreas ou paisagens tradicionalmente pastoris, de criação de gado?
- e) Quais as consequências desta nova produção agrícola de grãos na vida das pessoas e para o município?

13.1 Questionários respondidos:

Corália Maria Oliveira Medeiros

Data: 27/10/2015

- Nome: Coralia Maria Oliveira Medeiros
- Sexo: Feminino
- Idade: 54 anos
- Atividade: Médica Veterinária; Pesquisadora
- Inserção na região: ocasional / residente urbana
- Tempo de residência (convivência) no município: 54 anos. “Embora residindo em outros lugares, sempre manteve o contato ao menos anualmente com a região em São Francisco de Assis”.

Municípios anteriores que residiu (ou outros municípios): no exterior (EUA), Porto Alegre/RS e Santa Rosa/RS.

Conjunto da Paisagem

- 1) Paisagem é uma composição visual do ambiente externo, constituída de elementos naturais e/ou de origem antrópica, que tem ao fundo a linha do horizonte.
- 2) Paisagens atraentes são constituídas de elementos naturais como plantas, pedras, água...

Sobre o Tempo

- **Do passado**
 - 1) Na zona rural, era primeiramente a pecuária de corte em campo nativo (anos 70) quando foi introduzida a lavoura de arroz, nas áreas de várzeas, e as pastagens implantadas de inverno. Nos anos 80 houve expansão dessas atividades e introdução de alguma lavoura de soja. No início desse século houve a rápida introdução de áreas de silvicultura de eucalipto, cuja expansão cessou após uns cinco anos. Nos últimos cinco anos tem havido uma rápida expansão de áreas de lavoura de soja. Ao longo desse período houve também o aumento da área urbana e criação da rodovia (anos 80).

- 2) Sim, houve alteração das áreas de várzea com diminuição das matas ciliares, que deram lugar à lavoura de arroz. A silvicultura de eucalipto em grandes blocos de monocultura também causou grande alteração da paisagem.
- 3) Aquelas que se estendem por grandes extensões trouxeram bastante transformação.

- **Do presente**

- 1) Atualmente a lavoura de soja está em grande expansão nessas áreas.
- 2) Sim, existe muita alteração da paisagem. Quando essas áreas são grandes extensões de monocultura, a paisagem torna-se empobrecida e monótona.
- 3) Sim, transformam algumas paisagens de campos, açudes,..

Geração de Ambiências

- **Identificação de elementos marcantes**

- 1) A singularidade de formas dos morros, das pedras; a diversidade de formas, cores, texturas das plantas e flores. São importantes por ser a expressão pura da natureza, do ambiente específico do local.
- 2) Eu nasci nessa região
- 3) Venho mensalmente para essa região.
- 4) É uma mudança decorrente da **situação macroeconômica**: a valorização da soja e a pouca valorização do gado, e da dificuldade e encarecimento de encargos sociais a serem pagos para ter mão-de-obra para o trabalho rural na pecuária. Também é uma ameaça à manutenção do equilíbrio ecológico em áreas mais frágeis como essas de solo arenoso (degradação do solo), contaminação de fontes de água, diminuição da diversidade da fauna. Acredito que ainda temos espécies vegetais e animais que não foram identificadas e provavelmente nunca o serão, pois, esses ambientes específicos onde ocorrem estão ameaçados de extinção.
- 5) É uma forma de evitar um maior empobrecimento. Embora a atividade não gere muitos empregos, a renda por unidade de área é maior que aquela obtida com a pecuária. Infelizmente o nosso País não está preparado para valorizar os serviços ambientais, assim, é uma questão de tempo até a diminuição quase total de áreas de campo nativo e uso dessas áreas para agricultura ou para pecuária intensiva, com produção de pastagens implantadas e confinamentos, que também geram muito

impacto ambiental. O aumento das fronteiras agrícolas para pecuária nas áreas de mata amazônica em estados com Pará, Amazonas, Acre, Mato Grosso, somado ao aumento da criação intensiva em confinamentos em áreas do Centro-oeste, com expansão para o nosso Estado e outros, aumentam a disponibilidade do produto sem que tenhamos tido aumento de mercado na mesma proporção. Isso favorece a desvalorização do produto da pecuária e descapitalização do produtor, que procura uma alternativa de geração de renda. A preservação da diversidade ambiental no Brasil está ameaçada em todos os biomas. Exemplo: aqui, pela entrada e expansão da lavoura nas áreas de campo com ocupação de pecuária; na Amazônia, pela entrada da pecuária nas áreas de mata tropical.

10. ANEXO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

(Elaborado por: Verdum et al. (2012); adaptado por Ricardo Hiroyuki Okido)

PERCEÇÃO SOBRE A PAISAGEMMUNICÍPIO: São Francisco de AssisEntrevistador: Rokio Questionário nº: 03Data: 15/11/2015**1. ATORES DA PAISAGEM**

Nome	Sexo		Idade	Atividade
	M	F		
<u>Antonio Carlos Goda</u>	<u>X</u>		<u>64</u>	<u>Veterinário</u>

Inserção: residente – ocasional rural – urbano
 ↳ hora na fazenda Cerro Grande

- Tempo de residência no município: 12 anos
- Município anterior: Nova Esperança do Sul / Jaguarí

2. LOCALIZAÇÃO DO PESQUISADOR EM RELAÇÃO AO LUGAR

a) Referências locais (pesquisador/falas alheias):

Cerros / Tigre / Grande

b) Coordenadas geográficas (GPS):

3. PAISAGEM**3.1 Conjunto da paisagem (primeira impressão)**

a) O que é paisagem para você?

"tudo que tu pode ver" "tudo que resalta aos olhos"
"coisas bonitas"

b) Podes identificar as paisagens que te atraem ou que sejam referência para ti, nos teus percursos diários?

• Vegetação nativa → "bomito"• reflorestamento → "bomito"• cerros↳ relaciona a paisagem com algo de beleza "natureza"
 ↳ questionar a paisagem como elemento bomito aos olhos.
 ↳ beneficia áreas e novas dinâmicas climáticas locais (recupera áreas)

4. TEMPO

4.1 Do passado

- a) Quais as atividades agrícolas que foram desenvolvidas no passado nesta paisagem, assim como a época?
pecuária / sempre manteve
- b) São atividades que alteraram a paisagem naquele período? Estas alterações trouxeram maior ou menor grau de satisfação?
maior grau de satisfação / mudanças para grãos é visto como algo ruim
- c) Estas alterações transformaram as tuas paisagens de referência?
Sim / alteraria ("preservacionismo")

4.2 Do presente

- a) Quais as atividades agrícolas que são desenvolvidas nesta paisagem hoje?
lav. soja / reflorestamento
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trazem maior ou menor grau de satisfação em relação ao passado?
mudam o solo / surge a lavoura
- c) Estas alterações transformam as tuas paisagens de referência?
sim. nega o crescimento da lavoura

5. GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS:

5.1 Identificação de elementos marcantes (forma e funcionalidade / marca e matriz)

- a) Por que estas paisagens identificadas são marcantes para ti, isto é, quais as características ou as referências que as identificam como sendo importantes?
vegetativa / reflorestamento / grãos
- b) O que motivou a sua vinda para essa região?
sempre ligado ao gado / pecuária
- c) Qual a sua relação cotidiana com a paisagem do entorno?
sempre lida com o campo.
- d) Como você entende o cenário de produção de grãos em áreas ou paisagens tradicionalmente pastoris, de criação de gado?
sempre deve manter as vez. Nativo. "quebrar com a ecologia dos lugares"
- e) Quais as consequências desta nova produção agrícola de grãos na vida das pessoas e para o município?
Algo muito sério (negativo) aumento de erosões
- Jarali (como exemplo).

10. ANEXO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

(Elaborado por: Verdum et al. (2012); adaptado por Ricardo Hiroyuki Okido)

PERCEPÇÃO SOBRE A PAISAGEM

MUNICÍPIO: S. Francisco Assis

Entrevistado: R. Okido Questionário nº: 02

Data: 15/11/2015

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome	Sexo		Idade	Atividade
	M	F		
LUIZ FIDELIS GINDRE	X		56	Agropecuária

Inserção: residente – ocasional rural – urbano

- Tempo de residência no município: 56 anos
- Município anterior: natural de S. Carlos

2. LOCALIZAÇÃO DO PESQUISADOR EM RELAÇÃO AO LUGAR

a) Referências locais (pesquisador/falas alheias):

Campo/Campanha/interior do município / Terra / "pés no solo"
"pés no campo" / "se houve a natureza"

b) Coordenadas geográficas (GPS):

3. PAISAGEM

3.1 Conjunto da paisagem (primeira impressão)

- a) O que é paisagem para você? ("ver") preocupação com as erosões do solo.
Ver de onde sai o alimento produzido.
paisagem e animais / áreas p/ preparar lavoura / matas nativas / reflorestamen
- b) Podes identificar as paisagens que te atraem ou que sejam referência para ti, nos teus percursos diários?
- preocupações com as erosões do solo.
 - elemento negativos / avistar os rios com sedimentos oriundos das erosões.
 - "rio Jaguari estando com leito seco"

4. TEMPO

4.1 Do passado

- a) Quais as atividades agrícolas que foram desenvolvidas no passado nesta paisagem, assim como a época? *pecuária ciclo soja/avelem/pastagem/gado rotatividade*
- b) São atividades que alteraram a paisagem naquele período? Estas alterações trouxeram maior ou menor grau de satisfação? *sendo bem feito a rotatividade / maior grau de satisfação.*
- c) Estas alterações transformaram as tuas paisagens de referência? *Não, pois necessitamos dela*

4.2 Do presente

- a) Quais as atividades agrícolas que são desenvolvidas nesta paisagem hoje? *pecuária intensiva e na propriedade de lavoura.*
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trazem maior ou menor grau de satisfação em relação ao passado? *não, pois é parecido com as perguntas do item b (4.1)*
- c) Estas alterações transformam as tuas paisagens de referência? *não, pois necessitamos dela*

5. GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS:

5.1 Identificação de elementos marcantes (forma e funcionalidade / marca e matriz)

- a) Por que estas paisagens identificadas são marcantes para ti, isto é, quais as características ou as referências que as identificam como sendo importantes? *"quem vive no campo tem a raiz do campo" "a mente está voltada para o verde do campo"*
- b) O que motivou a sua vinda para essa região?
- c) Qual a sua relação cotidiana com a paisagem do entorno? *- "Não consigo ficar na cidade" - "o olho do touro engorda o boi"*
- d) Como você entende o cenário de produção de grãos em áreas ou paisagens tradicionalmente pastoris, de criação de gado? *- "Não espero ver essa transformação na nossa região" - "boi verde"*
- e) Quais as consequências desta nova produção agrícola de grãos na vida das pessoas e para o município? *- Traria elementos negativos - "Não acredito que não ocorresse essa transformação na nossa região" - "animais no campo"*

10. ANEXO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

(Elaborado por: Verdum et al. (2012); adaptado por Ricardo Hiroyuki Okido)

PERCEPÇÃO SOBRE A PAISAGEM

MUNICÍPIO: *São Francisco de Assis*

Entrevistador: *Okido* Questionário nº: *04*

Data: *16/11/2015*

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome	Sexo		Idade	Atividade
	M	F		
<i>CARLOS HEITOR ZADRA OLIVEIRA</i>	<i>X</i>		<i>49</i>	<i>ENG. AGRONOMIA</i>

Inserção: residente – ocasional rural – urbano

- Tempo de residência no município: *25* anos
- Município anterior: *URUGUAIANA*

2. LOCALIZAÇÃO DO PESQUISADOR EM RELAÇÃO AO LUGAR

a) Referências locais (pesquisador/falas alheias):

CERRO BATOVI

b) Coordenadas geográficas (GPS):

3. PAISAGEM

3.1 Conjunto da paisagem (primeira impressão)

a) O que é paisagem para você?

FORMA DO RELEVO E CORES

b) Podes identificar as paisagens que te atraem ou que sejam referência para ti, nos teus percursos diários?

*CERRO BATOVI E RIO E LAVORAS EM
DIVERSAS ETAPAS*

4. TEMPO

4.1 Do passado

- a) Quais as atividades agrícolas que foram desenvolvidas no passado nesta paisagem, assim como a época? **PECUARIA**
- b) São atividades que alteraram a paisagem naquele período? Estas alterações trouxeram maior ou menor grau de satisfação?
NÃO HOVE TANTA MUDANÇA, AO NÃO SER OS MAT
- c) Estas alterações transformaram as tuas paisagens de referência? **DE EUCALIPTOS**
SIM, EM TERMOS DE CONTRASTES

4.2 Do presente

- a) Quais as atividades agrícolas que são desenvolvidas nesta paisagem hoje?
PECUARIA, SOJA E SILVICULTURA
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trazem maior ou menor grau de satisfação em relação ao passado?
MAIOR
- c) Estas alterações transformam as tuas paisagens de referência?
NÃO

5. GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS:

5.1 Identificação de elementos marcantes (forma e funcionalidade / marca e matriz)

- a) Por que estas paisagens identificadas são marcantes para ti, isto é, quais as características ou as referências que as identificam como sendo importantes?
INFÂNCIA
- b) O que motivou a sua vinda para essa região?
FAMÍLIA E BENS
- c) Qual a sua relação cotidiana com a paisagem do entorno?
TRABALHO
- d) Como você entende o cenário de produção de grãos em áreas ou paisagens tradicionalmente pastoris, de criação de gado?
ASPECTOS ECONÔMICOS
- e) Quais as consequências desta nova produção agrícola de grãos na vida das pessoas e para o município?
GERAÇÃO DE EMPREGO E MAIOR RENDA / hq

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

(Elaborado por: Verdum et al. (2012); adaptado por Ricardo Hiroyuki Okido)

PERCEÇÃO SOBRE A PAISAGEM

MUNICÍPIO:

Entrevistador: RICARDO Questionário n°: 05

Data: 27/02/2016

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome	Sexo		Idade	Atividade
	M	F		
MARCELA ANTONI NIZZI AGOSTINI		X	50	ARTISTA PLÁSTICA

Inserção: residente ocasional rural urbano

- Tempo de residência no município: 24 anos
- Município anterior:

2. LOCALIZAÇÃO DO PESQUISADOR EM RELAÇÃO AO LUGAR

a) Referências locais (pesquisador/falas alheias):

Δ MINHA PREFERÊNCIA É EM RELAÇÃO AS CULTURAS (SOJA, TRIGO, MILHO) VISUALMENTE SÃO MAIS

b) Coordenadas geográficas (GPS):

29° 35' 49,23 S
55° 18' 54,49 O

INTERESSANTES DO QUE Δ PASTAGEM.

3. PAISAGEM

3.1 Conjunto da paisagem (primeira impressão)

a) O que é paisagem para você?

UM CONJUNTO DE FATORES; VISUAL (CONJUNTO) CORES (TRIGO), ILUMINAÇÃO (SOL, LUA), ÁGUA

b) Podes identificar as paisagens que te atraem ou que sejam referência para ti, nos teus percursos diários?

Δ PAISAGEM DE INVERNO É QUE MAIS ME ATRAI
O FRIO, AS CULTURAS DE INVERNO (ESPECIALMENTE O TRIGO)

4. TEMPO

4.1 Do passado

- a) Quais as atividades agrícolas que foram desenvolvidas no passado nesta paisagem, assim como a época? **ATÉ 1996. BASICAMENTE ERA PECUÁRIA.**
- b) São atividades que alteraram a paisagem naquele período? Estas alterações trouxeram maior ou menor grau de satisfação? **SOJA, MILHO E TRIGO E TRAZ MAIS SATISFAÇÃO. VISUALMENTE ME AGRADAM**
- c) Estas alterações transformaram as tuas paisagens de referência? **MAIS CERTAMENTE.**

4.2 Do presente

- a) Quais as atividades agrícolas que são desenvolvidas nesta paisagem hoje? **SOJA, MILHO, TRIGO E POUCAS ÁREAS DE PASTAGEM.**
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trazem maior ou menor grau de satisfação em relação ao passado? **ALTERAM, DOREM PARA MELHOR.**
- c) Estas alterações transformam as tuas paisagens de referência? **A ROTAÇÃO DE CULTURA NÃO ALTERAM A MINHAS PAISAGENS DE REFERÊNCIA**

5. GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS

5.1 Identificação de elementos marcantes (forma e funcionalidade / marca e matriz)

- a) Por que estas paisagens identificadas são marcantes para ti, isto é, quais as características ou as referências que as identificam como sendo importantes? **ME IDENTIFICO MAIS COM A FLORA DO QUE A FAUNA. ME AGRADA VER A NATUREZA NAS MAIS VARIADAS FASES.**
- b) O que motivou a sua vinda para essa região? **NEGÓCIOS DA FAMÍLIA.**
- c) Qual a sua relação cotidiana com a paisagem do entorno? **COMO EU VIVO EM PORTO ALEGRE, IR PARA A FAZENDA SIGNIFICA MUDAR O CENÁRIO E ABSORVER A BELEZA DA PAISAGEM. RELAXAMENTO.**
- d) Como você entende o cenário de produção de grãos em áreas ou paisagens tradicionalmente pastoris, de criação de gado? **EU NÃO SEI COMO COLOCAR EM PALAVRAS. APENAS ACHO QUE É MAIS RENTÁVEL E MAIS AGRADÁVEL.**
- e) Quais as consequências desta nova produção agrícola de grãos na vida das pessoas e para o município? **ACHO DESENVOLVIMENTO DAS REGIÕES.**
- f) Caso exista, como funciona o processo de arrendamento da sua propriedade? Existe algum condicionante (físico, social) nessa escolha?

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA
(Elaborado por: Verdum et al. (2012); adaptado por Ricardo Hiroyuki Okido)

PERCEPÇÃO SOBRE A PAISAGEM

MUNICÍPIO:

Entrevistador: RICARDO Questionário n°: 06

Data: 27/02/2016

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome	Sexo		Idade	Atividade
	M	F		
<u>Wan Agostini</u>	<u>X</u>		<u>53</u>	<u>AGRICULTOR</u>

Inserção: residente - ocasional rural - urbano

- Tempo de residência no município: 18 anos
- Município anterior: IJUÍ-RS

2. LOCALIZAÇÃO DO PESQUISADOR EM RELAÇÃO AO LUGAR

a) Referências locais (pesquisador/falas alheias):

- RIO IBICUI - MATAS
- CAMPOS

b) Coordenadas geográficas (GPS): 29°35'49,23S

55°18'54,49O

3. PAISAGEM

3.1 Conjunto da paisagem (primeira impressão)

a) O que é paisagem para você?

ASPECTOS VISUAIS, SONOROS, OLFATIVOS...

b) Podes identificar as paisagens que te atraem ou que sejam referência para ti, nos teus percursos diários?

- LAVOURAS.
- MATAS.
- CAMPOS.

4. TEMPO

4.1 Do passado

- a) Quais as atividades agrícolas que foram desenvolvidas no passado nesta paisagem, assim como a época? **LAJOURAS DE SOJA E TRIGO.**
- b) São atividades que alteraram a paisagem naquele período? Estas alterações trouxeram maior ou menor grau de satisfação? **TROUXERAM MAIOR GRAU DE SATISFAÇÃO.**
- c) Estas alterações transformaram as tuas paisagens de referência? **NÃO**

4.2 Do presente

- a) Quais as atividades agrícolas que são desenvolvidas nesta paisagem hoje? **LAJOURAS SOJA, TRIGO, MILHO E FORRAGEMAS**
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trazem maior ou menor grau de satisfação em relação ao passado? **MAIOR GRAU DE SATISFAÇÃO**
- c) Estas alterações transformam as tuas paisagens de referência? **NÃO**

5. GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS

5.1 Identificação de elementos marcantes (forma e funcionalidade / marca e matriz)

- a) Por que estas paisagens identificadas são marcantes para ti, isto é, quais as características ou as referências que as identificam como sendo importantes?
**- FORMAS, CORES - - -
- AMPLITUDE**
- b) O que motivou a sua vinda para essa região?
ATIVIDADE PROFISSIONAL.
- c) Qual a sua relação cotidiana com a paisagem do entorno?
RELAÇÃO DIÁRIA INTENSA.
- d) Como você entende o cenário de produção de grãos em áreas ou paisagens tradicionalmente pastoris, de criação de gado?
DEVEM SER ATIVIDADES INTEGRADAS.
- e) Quais as consequências desta nova produção agrícola de grãos na vida das pessoas e para o município?
MUDANÇAS NAS ATIVIDADES, SOCIAIS, PROFISSIONAIS, COMERCIAIS.
- f) Caso exista, como funciona o processo de arrendamento da sua propriedade? Existe algum condicionante (físico, social) nessa escolha?
NÃO EXISTEM CONDICIONANTES. CONTRATOS DE ARRENDAMENTOS FIXADOS EM R\$ DE BOI GORDO P/ HECTARE.

10. ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

(Elaborado por: Verdum et al. (2012); adaptado por Ricardo Hiroyuki Okido)

PERCEPÇÃO SOBRE A PAISAGEM

MUNICÍPIO:

Entrevistador: Ricardo Okido Questionário n°: 07Data: 21/09/16

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome	Sexo		Idade	Atividade *
	M	F		
<u>Carlos Alberto Silveira</u>	<u>X</u>		<u>66</u>	<u>Agricultura Pecuária</u>

Inserção: residente – ocasional rural – urbano

- Tempo de residência no município: 130 anos na atividade*
- Município anterior: LAGES - FA CAIENA

2. LOCALIZAÇÃO DO PESQUISADOR EM RELAÇÃO AO LUGAR

- a) Referências locais (pesquisador/falas alheias):
PRIMEIRO ASSÉDIO DO MUNICÍPIO, ESTRADA RS 377,
SENTIÃO MANOEL VIANA, A 10 KM DO TEND.
- b) Coordenadas geográficas (GPS):

3. PAISAGEM

3.1 Conjunto da paisagem (primeira impressão)

- a) O que é paisagem para você? CRITÉRIO DE ACESSO ATÉ O LUGAR
A VISTA ALLANCE.
- b) Podes identificar as paisagens que te atraem ou que sejam referência para ti, nos teus percursos diários? Sim

4. TEMPO

4.1 Do passado

- a) Quais as atividades agrícolas que foram desenvolvidas no passado nesta paisagem, assim como a época? *PECUÁRIA EXTENSIVA, PREDOMINANTE MENTE ATÉ DÉCADA DE 80.*
- b) São atividades que alteraram a paisagem naquele período? Estas alterações trouxeram maior ou menor grau de satisfação? *NAO.*
- c) Estas alterações transformaram as tuas paisagens de referência? *NAO*

4.2 Do presente

- a) Quais as atividades agrícolas que são desenvolvidas nesta paisagem hoje? *AGRICULTURA, COM PREDOMINANCIA DE VEGETAIS*
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trazem maior ou menor grau de satisfação em relação ao passado? *SIM, MAIOR SATISFAÇÃO, CELIO, JA QUE TROUXERAM MAIOR RENDA A ATIVIDADE*
- c) Estas alterações transformam as tuas paisagens de referência? *SIM, JA QUE ALTERNAM AGRICULTURA / PECUARIA*

5. GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS:

5.1 Identificação de elementos marcantes (forma e funcionalidade / marca e matriz)

- a) Por que estas paisagens identificadas são marcantes para ti, isto é, quais as características ou as referências que as identificam como sendo importantes? *ESTAS RELACIONADAS DIRETAMENTE AO MEU COTIDIANO, DETERMINANDO MINHA SATISFAÇÃO PESSOAL*
- b) O que motivou a sua vinda para essa região? *ASSUMIR O NEGOCIO DA FAMILIA, ESTA FAMILIA DANDO CONTINUIDADE A ATIVIDADE RURAL.*
- c) Qual a sua relação cotidiana com a paisagem do entorno? *E A VISÃO, NA EXECUÇÃO DO TRABALHO DIÁRIO.*
- d) Como você entende o cenário de produção de grãos em áreas ou paisagens tradicionalmente pastoris, de criação de gado? *E A INTEGRAÇÃO AGRICULTURA / PECUARIA, NA MAXIMIZAÇÃO DO USO DA ÁREA.*
- e) Quais as consequências desta nova produção agrícola de grãos na vida das pessoas e para o município? *AUMENTO DA RENDA E QUALIDADE DE VIDA PARA AS FAMILIAS ENVOLVIDAS, E AUMENTO DE RECEITA PARA O MUNICIPIO ATENDER MELHOR A POPULAÇÃO.*

END: CARLOS ALBERTO SILVA
R. HORIANO PEIXOTO, 1656
F: (55) 3252 1294 / 99034533